





350.





# PRIMEIRAS INSPIRAÇÕES

POESIAS

POR

ERNESTO MARECOS

*Ernesto Frederico Pereira Marecos*

---

LISBOA

TYPOGRAPHIA DO PANORAMA

*Rua do Arco do Bandeira, 112*

—  
1865



PQ  
9261  
M378  
P7

**A SEU TIO**

**O ILL.<sup>mo</sup> E EX.<sup>mo</sup> SR. FIRMO AUGUSTO PEREIRA MARÊCOS**

**EM TESTEMUNHO DE RESPEITOSA ANIZADE E FUNDA GRATIDÃO**

**O**

**O AUTOR**





## PERDIDA

---

... Oh ! n'insultez jamais une femme qui tombe  
Qui sait sur quel fardeau la pauvre âme succombe!

VICTOR HUGO

Perdi tudo: o corpo e a alma  
Do vicio no lodaçal;  
Perdi-me: calquei a palma  
Da innocencia, virginal;  
Quiz lutar, mas a coragem  
Não a tive, na voragem  
Das paixões eu me arrojé,  
Cedi á fome que opprime,  
Abri os braços ao crime,  
Faltou-me a força... pequei!

Assentei-me por conviva  
No festim da corrupção;  
Já não tinha a fronte altiva,  
Cravava os olhos no chão.  
Mais o pudor desfallece  
Mais o desejo apparece  
De gozar; de amor alli  
Um ai a outro s'enlaça;  
Do prazer peguei na taça  
Levei-a aos labios... bebi.

Hesitar ?—quem é que hesita  
 Se quer no abysmo cair?  
 Quem é que os olhos lhe fita,  
 Lhe vae a altura medir?  
 Perto a infamia, além a morte;  
 Uma ou outra por consorte  
 Escolher devera alli;  
 Morrer tão nova, tão cedo...  
 De morrer eu tive medo  
 Tanto medo... que vivi.

Vi-me no mundo, coitadã,  
 Sem parentes, triste e só;  
 Com fome, tão mal trajada  
 Tão pobre... fazia dó.  
 De porta em porta esmolava;  
 E este e outro recusava  
 A minha dôr compartilhar;  
 Em cada peito a descrença,  
 Em cada ente a indiferença,  
 Em cada labio um sorrir.

Sobre estes hombros pesava  
 Tanto e tanto a minha cruz,  
 Que mais e mais eu cançava  
 Até que o fardo depuz.  
 Da fome o pranto era euxuto  
 Bradei ao mundo corrupto:  
 «A ti me venho entregar»  
 Depois... a intensa vertigem  
 Que deslumbra quando a origem  
 Do mal o gozo doirar.

Crestou-me o halito do crime  
 Tombei pendida no chão;  
 E córei... tremi... corri-me...  
 D'inutil pudor então  
 Foi o fulgor derradeiro!  
 Oh! maldito o homem primeiro  
 Em cujos braços caí;  
 Que me roubou um thesouro,  
 A quem por punhados de ouro  
 Sem pejo o corpo vendi.

E rainha entre as rainhas,  
 No lubrico festejar,  
 Salpiquei as faces minhas,  
 Fui-as de lodo manchar.  
 Manchei ; perdi-me ;—perdida,  
 É-me um martyrio esta vida  
 Como não pensa ninguem:  
 Por cada gozo sentido,  
 Por cada beijo vendido  
 Remorsos pungir-me vem.

Aviltou-me a sociedade  
 Que me renega sem dó,  
 Affrontas por amizade  
 Hoje me offerta tão só.  
 Passando ha dias na praça,  
 Uma voz da populaça  
 Eu assim bradar ouvi:—  
 —«Alli vae a prostituta  
 Mulher devassa, corrupta,  
 Cuspi-lhe o rosto, cuspi!»

Mas não dizem: «tinha fome  
 E pela infamia trocou  
 A indigencia que consome,  
 Que ninguém lhe alliviou.»  
 Mas não dizem: «desgraçada,  
 Basta-lhe a dôr:—é sagrada  
 A dôr que punge a mulher.»  
 Mas não sabem que hei chorado,  
 Quantas penas hei penado,  
 Que as não podem conceber.

D'este desgosto profundo  
 Nas supremas convulsões,  
 Eu já não creio no mundo  
 Nem me tentam illusões.  
 Mas em ti, meu Deus, eu creio  
 Quero voar a teu seio  
 Que de teu seio parti;  
 É a filha da desgraça  
 Qu'implora um raio de graça,  
 Leva esta alma para ti.

---

## DE BRANCO

---

... bella di bianco vestita

TASSO

Sim, querida, foi então.  
Era uma tarde calma:  
Nem pelas folhas da rosa  
Estremecia brincando  
O halito da viração ;  
Tudo era socego quando,  
Em minhas maguas scismando,  
Já por ellas tão perdido,  
No abysmo de minhas maguas  
Eu me deixava perder;  
Da existencia as negras fraguas  
Me recordava sentido  
Entre o luctuoso gemer  
De meus versos tristes... tristes...  
Foi então, anjo que assistes  
Aos dias do meu viver,  
Que meus olhos, ao acaso  
Volvendo-os, nos teus fixei;  
Ia o sol perto do occaso  
N'aquella tarde calma  
Quando te vi tão formosa  
Quando, formosa, te ame!

Toda de branco trajavas.  
 Tuas fórmas lindas, breves,  
 Se t'escondiam nas leves  
 Ondulações da roupagem  
 Branca... branca... em que alvejavas  
 Como alveja na plumagem  
 Linda a candida cecem;  
 A face, côr da açucena,  
 Tão branca, meiga e serena,  
 Como o branco lhe ia bem!  
 E como entre tanta alvura  
 Destacava a formosura  
 De uns olhos de puro azul  
 Do puro ceo de Stambul!  
 Escuros, sedados, bellos,  
 Os teus cabellos lustrosos  
 Se annelavam descuidosos.  
 Foi então que o meu destino  
 Aos fios de teus cabellos,  
 Louco já, perdido o tino,  
 Não hesitei, e preendi.  
 Eras de branco vestida,  
 De branco toda, querida,  
 N'essa tarde em que te vi;  
 Senti n'alma um mago enlevo  
 Vi-a voar para ti,  
 E ficou me lá tão presa  
 Que para sempre a perdi.  
 Amo-te muito. A grandeza  
 D'este amor debalde quero  
 Eu medir... que não espero  
 De medil-a;—nem eu devo,  
 Embora o saiba, anjo meu,  
 Dizer-t'ô nunca: foi crime,  
 De que um remorso me opprime,

Este amor que me nasceu  
Por me ver assim tão triste,  
Por te ver assim tão bella!  
Sei que é nada, *sei que é pouco*,  
Pouco para ti donzella,  
Que te baixaste do ceo;  
Mas perdoa ao pobre louco  
Tu olhaste-o, tu sorriste,  
Elle viu-te, enlouqueceu.  
Se a paixão referve, estua  
Dentro em mim, — a culpa é tua  
Que de branco te vestiste,  
Seja o crime embora meu!

## A CAMILLO CASTELLO BRANCO

Só conheço de ti grandeza e nome.

BOCAGE

### I

Ao sol qu'importa que uma flor modesta  
Lhe envie, em paga do calor, o aroma,  
Dê perfume por luz;  
Se o orbe immenso seu valor attesta,  
No espaço azul, desassombrado assoma,  
E se Deus o conduz?

Qu'importa ao genio quando audaz campeia  
Das vastas concepções no vôo ingente  
Em que se vê librar;  
Que um poeta sem nome admire e creia,  
E curve a sua fronte reverente  
Quando n'elle attentar?

O rei dos astros, grata a flor não fôra,  
Que o vívido clarão o não negara  
A festa da criação;  
E o rei da idéa, sem o preto embora  
Do vate obscuro, de esplendor passára  
Sublime na amplidão!



Nem um, nem outro fugirá no entanto  
 Do grande e do pequeno ao hymno, ao grito  
     Que a admiração vibrou;  
 Seja a homenagem pobre, humilde o canto,  
 É grande, inda se perca no infinito  
     Se espontaneo broton!

## II

Admiro-te porque és grande  
 Como o genio sempre o é;  
 Porque minha alma s'expande  
 Ao contemplar-te de pé  
 Sobre o fastigio da gloria;  
 Porque não aponta a historia  
 Mais esplendida victoria  
 Do que essa que tens ahí;  
 Porque o mundo em ti não cria,  
 Porque a fama te fugia,  
 E algemaste a fama um dia,  
 E obrigaste-a a ser por ti!

E é assim:—a gloria, em fogo,  
 Vem ao que o mundo bem diz,  
 Porém arreda-se logo  
 Da frente de um infeliz!  
 Se elle é fraco, cede e cança,  
 Recua a cada provança,  
 Cai emfim;—foge a esperanza,  
 E com ella vae a fé;  
 Se elle é forte, como és forte,  
 Arca, lucta, vence a sorte.  
 Salva o seu nome da morte,  
 Surge, como tu, de pé!

Volvo os olhos ao passado.  
 Quem o berço t'embalou?  
 Quem nos teus labios, coitado,  
 De amor um beijo poisou?  
 Na aurora do teu talento  
 Annuviou-se o firmamento,  
 Não te deu um sentimento  
 A terra que é tua mãe ;—  
 Que aura do ceo te bafeja?  
 Quem o porvir te deseja ?  
 Vês aqui morder-te a inveja  
 Sorrir-te alli o desdem!

E depois... sósinha, alcança  
 A tua crença o seu lugar,  
 E meditas na vingança  
 Que já te tarda gozar.  
 Vingas-te da patria :—filho  
 Que ella renegou, no trilho  
 Que seguiste, dás-lhe o brilho  
 Da realza que em ti ha!  
 Respondes á sociedade  
 Que te negou, por maldade,  
 Ganhando a immortalidade  
 Não a avistando de lá!

E a corôa assim comprada  
 Não t'emmurchece jámais,  
 Que a gloria mais contestada.  
 É sempre a que fulge mais!  
 Essa vã soberania  
 Que a turba dá, vive um dia:  
 Crês que a luz hoje irradia

E a sombra a envolve manhã;  
 A que o talento disputa  
 Palmo a palmo, em ardua lucta,  
 Vive de seiva incorrupta,  
 Dura os seculos, louçã!

Apraz-me olhar-te a grandeza,  
 Olhar-te ainda... e pasmar  
 Do esforço que a natureza  
 Houve para te crear!  
 Nem é o assombro profundo  
 Com que ahí t'encara o mundo  
 Por ver-te o genio profundo  
 Exceder-se quasi a si  
 O que mais a ti me prende,  
 É um não-sei-quê que entende  
 Nos teus livros, e comprehende  
 Quem soffre o que eu já soffri!

Nos teus livros debruçado  
 Do mundo hei sabido mais,  
 Do que o que eu tinha estudado  
 Em desenganos fataes!  
 Desherdado da alegria.  
 Ora és o deus da ironia,  
 Ora a phrase te annuncia  
 Como o athleta da dôr;  
 Despota do estylo,—opprime  
 Ver-te desenhar um crime,  
 E és igualmente sublime  
 Na historia de um triste amor!

Amo-te : és grande, eloquente  
Interprete da paixão,  
Descarnas com mão potente  
As fibras do coração!  
Admiro-te sim — quizera  
Poder-me elevar á esphera  
Onde a tua voz impera  
E junto de ti bradar:  
«Tu que o pranto abençoaste,  
Que a felicidade achaste  
Sempre esquiva; por contraste,  
Tens na minha alma um logar!

E se pois não vae meu canto  
Dar-te ás palmas mais valor,  
Tampouco lhes rouba encanto,  
Ou lhes desmaia o fulgor.  
Se a luz de si o desterra;  
Se na estreiteza s'encerra.  
As harmonias da terra  
Tambem sobem para os ceos!  
E no seu throno, sereno  
O que é grande, o que é pequeno,  
O que é divino ou terreno  
Egualmente escuta Deus!

---

## A VOZ D'ELLA

---

N'esta solidão infinda  
De affeições, comigo a sós,  
Como que percebo ainda  
O encanto da tua voz.

Como que a sinto pausada  
Afinada em tons dos ceos,  
Suspirando enamorada  
Esvoaçar nos labios teus;

E rescendendo a poesia  
Que tens na alma, que ha em ti,  
Vibrar a casta harmonia  
Das endeixas que te ouvil

E então pois, transumpto, imagem  
Do archanjo do Senhor,  
Qu'involto em alva roupagem  
Corôa o mystico amor;

Penso e digo: ai, quem pudera  
Escutar-te sempre a sós!  
Quem o perfume bebera  
Que se te exhala da voz!

Quem a fronte reclinara  
Ao ouvir-te os versos teus,  
E nunca mais acordara  
Senão nos braços de Deus!

---

## DUVIDA E CRENÇA

— — —  
(*Fragmento*)

AO MEU AMIGO J. J. DA COSTA ALMEIDA

Eu não sei como isto veio!  
Foi nascer e vigorar,  
E radicar-se no seio,  
E não poder acabar!  
Que amor! além a esperança,  
O impossível de permeio,  
E ainda, e sempre a lucta!  
Nem nas lagrimas se cança,  
Nem nos sorrisos se enerva,  
Nem o raciocinio frio  
O debella ou o perserva  
Do seu imprudente ardor!  
Mas d'onde veio este amor?  
Em que férvida vertigem,  
Em que louco desvario  
Foi elle beber a origem?  
De que luz houve o calor?  
Não sei: — não sei: — eu senti-o  
Pullular a vez primeira,  
E, n'um lampejo fugaz,  
Do peito roubar-me a paz;

E invadir-me de repente  
 O ser, a existencia inteira,  
 E, n'um impulso vehemente,  
 Indomavel e profundo,  
 Irresistivel, vivaz,  
 Vir crear-me um novo mundo,  
 E ficar desassombrado  
 Como se houvera no fundo  
 D'este calix, só prazer!  
 Aceitando do passado  
 A longa historia de dóres,  
 —A triste e lugubre herança; —  
 Ver do presente a balança  
 Para um só lado pender  
 D'este jardim infecundo  
 Que não tem fructos, nem flores;  
 E viver... sempre viver !  
 Sem dos impuros amores  
 Saciar-se no gozo impuro;  
 O escarneo da sociedade  
 Arrastando sem cessar;  
 Indo d'encontro ao futuro  
 Que matal-o talvez hade;  
 Vivendo tão só de amar...  
 Tudo em torno lhe desaba,  
 E a razão lhe-diz : 'acaba'  
 E elle não pode acabar!

E depois... ai, quantas vezes  
 Ó virgem, longe de ti,  
 Hei scismado n'este affecto  
 Que perfeito, que completo,

Sentiste, como eu senti;  
 E, pendida a turva fronte;  
 Annuviada, triste... triste...  
 Como a flor do cemiterio,  
 Ou d'elle o mudo horisonte,  
 Hei pensado no mysterio  
 Que a esta paixão assiste  
 E tentado lêl-o a sós!  
 E então pergunto a mim mesmo  
 Se não foi a desventura  
 Que lhe deu fatal imperio  
 E nos encadeou a nós?  
 E se não é, porventura,  
 Este amor assim intenso  
 Que a tudo assim se abalança  
 Sempre e com igual fervor;  
 Mais um sacrilegio immenso,  
 Um attentado infinito,  
 Do que um innocente amor,  
 Do que uma santa esperança?  
 E se a dôr não é o grito  
 Do remorso que me opprime?  
 E se não é, minha flor,  
 Nas mil promessas juradas,  
 Em tantas provas firmadas  
 Que me dás e que eu te dou  
 D'este amor, que cri sublime;  
 Cada promessa—blasphemia—  
 Cada prova um novo crime,  
 E se eu reprobó não sou?!  
 . . . . .  
 De Deus'a colera?...—teme-a  
 Quem a affrontou, impudente,  
 Mas eu não tenho a semente



Do vicio no coração;  
 Por isso, como que então  
 Sinto erguer-se a intelligencia,  
 Querer remontar-se á essencia  
 D'onde partiu, e pedir  
 Um raio de luz divina  
 Que nas angustias conforta,  
 E nas trevas illumina.  
 Logo a esperança a florir;  
 Logo a crença semi-morta  
 A recobrar almo alento,  
 A vicejar, a sorrir !  
 E eu a dizer : 'que m'importa  
 Cuspa'n'este sentimento  
 O mundo os escarneos seus ;  
 Se elle é nobre, se é grandioso  
 Como o martyrio ou o gozo  
 Que só emana dos ceos?!  
 Pois se fôra tentar Deus  
 Este amor que a elle aspira,  
 Ai, como, como te creara,  
 E elle mesmo se mostrara  
 No fulgor dos olhos teus?  
 Como houvera revelado  
 A' alma que por ti delira  
 Da tua alma o doce encanto,  
 Se não tivesse pensado  
 Unil-as n'um amor santo ?!  
 Como, pois, de Deus a ira?!  
 Menti acaso missão  
 De pregoar-lhe o nome e o culto?  
 É porventura um insulto  
 O abraçar-me de paixão  
 Por um anjo que é transumpto  
 Dos da celeste mansão,

Que aos cantos me dá assumpto  
 Que c'ò proprio Ser eterno  
 Confundo na adoração?  
 Como, pois, haver o inferno  
 De que culpa porque indício  
 Para este amor que senti?  
 Por fixar na hastia sagrada,  
 No calix do sacrificio,  
 A tua imagem adorada  
 E a de Deus ligada a ti?!  
 Por de ti me vir a ideia  
 Da divinal magestade  
 Co'a pompa que formoseia  
 A incomprehensivel belleza  
 D'essa esplendida grandeza,  
 Que s'entender-se não hade  
 Adivinha-a a uncção da fé?!...  
 Oh! não... — não, do amor profundo  
 Que ha em nós, maldiga o mundo,  
 Maldição o não alcança  
 Que Deus o deixa de pé!  
 Crime fôra, que a vingança  
 Não parte de um Deus clemente;  
 Quanto mais que, se é ardente.  
 É innocente este amor!  
 Porisso, seja qual fôr,  
 Ó minha amada, o futuro  
 Quer sereno. quer radiante,  
 Quer tenebroso, ou escuro,  
 Que nos destinam os ceos;  
 Sempre, como n'este instante,

Que duidares, formosa,  
Teus anhelos une aos meus  
Numa prece fervorosa ;  
Vem com o accento divino  
Da tua voz entoar o hymno  
Comigo de amor a Deus!

Maio de 1863.

## A JULIA

---

..... l'amour c'est la vie  
C'est tout ce qu'on regrette, c'est tout ce qu'on envie  
Quand on sent au couchant la jeunesse décliner;  
Sans lui rien n'est beau, sans lui rien ne rayonne,  
Oh! la beauté c'est le front, l'amour c'est la couronne,  
Laisse-toi donc couronner.

VICTOR HUGO

E eu luctei ; eu tentei dentro d'alma  
Suffocar este amor, mas de balde!  
Quem ao fogo dirá — 'não escalde' —  
Quem dirá — 'és chymera' — ao amor?  
Quem suppoz ser de trevas a vida  
E viu esta da côr da amargura,  
Quando acaso uma luz lhe fulgura  
Não lhe nega inda assim o esplendor!

Eu olhava de longe o passado:  
Via um rasto de sangue coberto.  
Eu olhrva o presente de perto:  
Era um ermo em de roda de mim.  
Lá, ficavam as crenças e os prantos,  
Tinha, aqui, um mortal desalento;  
Como, pois, suspeitar um momento  
Transformar-me, surgir inda assim?!

Porém vi-te; e passado e presente  
 Se abysmaram então n'um instante;  
 Contemplei-te; e fiquei anhelante  
 A aguardar que fallasses tambem.  
 Tu fallaste; — e, n'um extasi immenso,  
 Escutei a tua voz inspirada;  
 Ouço-a ainda: — ficou-me guardada  
 Dentro d'alma a harmonia que tem.

Em anceios d'ignota surpresa,  
 Te mirava, te ouvia: — pausados.  
 Em poesia do ceo temperados.  
 Me dizias teus versos então;  
 E hesitava se acaso tu eras  
 A que eu vi... ou apenas um ente  
 Dos que descem, em sonhos, á mente  
 Aos que perdem de todo a razão!

Mas, depois, repassei na lembrança  
 D'esses curtos instantes a historia,  
 E não veiu siquer á memoria  
 De loucura um ligeiro signal.  
 Eras tu, — a verdade, a existencia  
 A dourar-se de brilho infinito  
 Era o termo do fado maldito  
 Cujo scello quebrava a final.

Olho, aspiro: — que encantos! que aroma  
 Sobre a terra, no espaço, na aragem!  
 Em que nova, opulenta miragem  
 Parecia o futuro sorrir!  
 Eras tu; e no seio me lavra,  
 Em delicias, a lucida chamma  
 Que sopraste, que ateaste, e m'inflamma,  
 Que de novo me fez existir!

Não t'ò disse. Houve medo ; não pude;  
 Quiz guardar só comigo este affecto,  
 Como se elle ficasse completo  
 Antes mesmo de acceite por ti!  
 Não t'ò disse: e n'è mesmo atinava  
 Em saber definir este estado  
 Em que tudo era novo e mudado  
 Do que outr'ora pensei e senti.

Porém hoje que sinto nos estos  
 Em que o sangue nas veias palpita,  
 Que a paixão cujo impulso me agita  
 É aquella a que deste calor;  
 Digo, pois, que eu te creio, meu anjo,  
 Como um anjo de amor que desceste,  
 Emanada de origem celeste,  
 E que vivo da luz d'esse amor!

Eu quizera uma longa existencia  
 Que a ventura bordasse de flores,  
 Esmaltada de vividas côres  
 Como as fadas só sonham talvez  
 Para, rico das joias preciosas  
 De um risonho porvir deslumbrante,  
 Resumil-o no rapido instante  
 Que me dèsses passar a teus pés!

Eu quizera a corôa brilhante  
 Pela gloria a seus filhos votada,  
 E d'esplendida auréola cercada  
 Até mim vêl-a, em fogo, descer;  
 Para, junto da gloria, no anhelò  
 Que os prazeres perfeitos revela,  
 Assumir a corôa mais bella,  
 E depôr-t'a na fronte, e morrer!

Eu quizera... nem sei... nem eu julgo  
 O que val um esforço baldado  
 De deixar-te, n'um traço, contado  
 O mysterio de tanta paixão;  
 Eu quizera... quizera que ao peito  
 Com desvelo este amor acolhesses;  
 Que depois, que mais tarde disseses  
 Se tambem te-abrazava, se não?!

Deixa, embora, que a turba que passe  
 O meu nome deturpe, impudente,  
 Que não vá em teu seio innocente  
 Aninhar-se a suspeita por fim.  
 Mentem elles! — que desde que eu te amo,  
 Que por ti a minha alma se expande,  
 Já de tudo que é nobre, que é grande  
 Os instinctos pullulam em mim!

Mas se acaso te affastas, querida,  
 Como quem temeria um insulto,  
 E se acaso t'inspira meu culto  
 Só piedade, ou funesto pavor;  
 Com razão, se na insania me julgas,  
 Inda assim tu me déste a ventura,  
 E eu bemdigo esta suave loucura  
 Se por ti estou louco de amor!

Setembro de 1863.

## FOGO E FRIO

---

Que loucura ! — pois do fogo  
Crês que o frio nunca vem?  
Pois tu duvidas que as chammas  
Nos arrefecem tambem?

De Rosa os olhos esplendidos  
Tu conheces. — Viste a flux  
N'outros olhos mais lampejos,  
Ou mais raios, ou mais luz?

Pois fitou-me um dia, irada,  
Verguei de susto e paixão;  
E senti no amargo instante  
O gelo no coração!

---



## BORBOLETA NEGRA

— —

É a luz trémula e baça  
No amortecido clarão;  
Em torno d'ella esvoaça,  
Por fatal fascinação,  
Uma negra berboleta.  
A quem vens, triste propheta,  
Que presagia, indiscreta,  
Essa tua apparição?

Triste fado e triste sina  
São fado e sina que tens;  
O luto, as lagrimas, ruina  
Comtigo trazes... e vens!  
Vens ao homem inexperto  
Lembrar que a morte está perto  
Que no mundo nada é certo,  
Que mudam todos os bens!

E a mim, de noite, tão tarde,  
Que más novas vens trazer?  
Ou vens ver como é cobarde  
Quem se acurva ante o soffrer?  
Vens dizer-me que ella mente  
Quando me jura que sente,  
E que estatua indifferente  
Nunca soube amar nem crer?

Chegas porque eu tambem saiba  
 Que um amigo me 'é traidor,  
 E assim te espantes que saiba  
 Num só peito tanta dôr?  
 Borboleta, n'um instante  
 Tomba o edificio gigante,  
 Perde-se amigo e amante,  
 Fé e crença, luz e amor!

Eu sei tudo: — quem exige  
 Que m'ó venhas repetir?  
 Tua presença me afflige,  
 Não te quizera sentir.  
 Ao vêres, sem enthusiasmo,  
 A alma presa do marasmo,  
 Vens tu cusprir-lhe um sarcasmo,  
 Uma ironia, e sorrir?

Vae-te - foge, mensageire  
 Da desgraça, foge, vae;  
 Nem o pranto se deslaça,  
 Nem os labios corta um ai  
 A' victima resignada,  
 Só, triste, só, concentrada  
 No que padece, e calada  
 Quando vê que morre, e cae!

Mas não fujas, mas perdoa  
 Sou contigo injusto emfim.  
 Adeja, voa, revoa  
 Perpassa junto de mim!  
 E' o mundo, a sociedade,  
 Por inepecia ou por maldade,  
 Que te engeita — e que não hade  
 Ver-te e amar-te negra assim!

Adeja, porém não corras  
 A abraçar-te n'essa luz;  
 Temo tanto que tu morras  
 Na chamma que te seduz!  
 Como t'esforças sem tino  
 Por cumprir esse destino  
 D'extrema angustia a mofo,   
 Que á morte em fogo conduz!

Já pela luz que fascina  
 Houve alguém que enlouqueceu,  
 Fui eu, — que ella era divina  
 Sonhei. Não vinha do ceo.  
 Proxima ao fim s'extinguia,  
 E, como essa, frouxa ardia,  
 Porém, frouxa, consumia,  
 Toda a seiva do ser meu.

Queimei-me, como te queimas,  
 Depois vi-me exangue e só;  
 Borboleta, porque teimas?  
 Tu não me ouves? — causas dó!  
 Quem um conselho te deve  
 Não escutas? — já de leve  
 A chamma roçaste, e em breve  
 Serás, como eu, cinza e pó?

Julho 1854

## MARIA



A que estiver isempta do peccado que lhe  
arremesse a primeira pedra,

### I

Brinca, filha, meus amores,  
Anjo roubado ao Senhor,  
Colhe as rosas; tens nas flores  
Teu retrato em cada flor.

O ribeiro, em doce calma,  
Que se espriguiça a teus pés,  
É puro espelho d'essa alma,  
Pura ahi te vês qual és.

Brinca, filha; os teus cabellos  
Deixa-os da brisa afagar;  
Deixa-os louros, finos, bellos,  
Sobre a aragem balouçar.

Vês a abobada serena  
Que os lindos olhos te attrahe?  
É alli, meiga açucena,  
Que vive um anjo, teu pae.

Brinca, filha, que os momentos  
 De brincar rapidos vão,  
 Dias de negros tormentos  
 Bem negros, bem longos são.

Tens a innocencia, querida,  
 Que te esmalta esse viver;  
 E assim te deslisa a vida  
 Sem dôres para soffrer.

Folga, brinca; se o canção  
 Te colheu no teu folgar,  
 Corre, ó filha, ao meu regaço  
 E vem n'elle repousar.

Da mãe nos braços a innocente candida  
 Um somno d'anjos alli vae dormir;  
 A mãe, que a estreita n'um delirio soffrego -  
 Lhe beija os labios, a chorar... e a rir!

## II

Nem siquer a luz scintilla  
 De uma estrella lá no ceo,  
 Aquí o vento sibilla,  
 Ruge em furias o escarceu;  
 Viçosos robles ingentes  
 Eis de rojo: são plangentes  
 Os hymnos da destruição;  
 É a scena da agonia,  
 Que o relampago allumia  
 No palpitante clarão.

Aqui, o cedro pendido  
 Dó tufão ante o rigor,  
 Além, um entê abatido.  
 Curvado aos pés do Senhor.  
 D'esse rosto na anciedade  
 Traduzi'a tempestade  
 Que dentro d'alma alli vae;  
 Ide-a lêr n'aquelle pranto,  
 Que é bem turvo, se é bem santo,  
 Que do chão nas lágeas cae.

Quem ha que não soletrasse  
 Os mysterios d'essa dôr  
 Nas rugas d'aquella face,  
 Na face de tal pallor?!  
 Que magreza no semblante,  
 E no seio agonisante,  
 Nos hombros estreitos, nús!  
 Como os labios descórados  
 Balbuciam apressados  
 Santo o nome de Jesus!

Pelos soluços cortada  
 Mal se lhe distingue a voz,  
 Pobre mulher, algemada  
 Ao soffrer, alli, a sós!  
 Rica apenas de fé viva,  
 N'uma prece convulsiva  
 Abrandar a magua quer;  
 Mas cede á dôr que a lanceia,  
 As mão estorce, pranteia,  
 Só, alli, pobre mulher!

— « Amei-a muito; perdi-a.  
 Minha filha muito amei;  
 Era d'esta alma a alegria  
 Que perdi, mais não achei;  
 Era um anjo de pureza,  
 Era um astro de belleza  
 E de doçura tambem.  
 Que amargura, e que saudade!  
 Dae ó meu Deus, por piedade  
 Uma filha a sua mãe. »

E calou-se a pobre velha  
 Aos olhos levando a mão,  
 E no semblante s'espelha  
 Da magua toda a extensão;  
 Na lucta do sentimento  
 Ao delirio o desalento  
 Succede uma vez, e cem:  
 Vê-se cada alternativa  
 Mais pronunciada, mais viva  
 E mais tremenda tambem!

Passadas tres horas bramia a tormenta  
 Na voz abafada do rouco trovão,  
 A velha não ora, nem preces já tenta,  
 A fé lhe fugira, com ella a razão.

## III

Era uma noite formosa,  
 Corria a turba ruidosa  
 A engolphar-se no prazer;  
 No banquete da alegria,

Ébria d'intenso gozo  
 Ia um logar pretender;  
 Não ha n'um'alma repouso,  
 Ha a festa que enebria,  
 Ha vida immensa a viver.

Era um baile;— ninguem sabe  
 O que é um baile, ningnem.  
 E ama-se o baile tambem!  
 Primeiro que a festa acabe,  
 Diz-se que a festa é divina.  
 Aos sentidos o que vem?!  
 Ha a luz que alli fascina,  
 Ha a walsa doidejante  
 Ha o salão ondulante  
 De sedas e oiro;— quem vê  
 Taes primores e não sente  
 Logo abraçar-se-lhe a mente?  
 Mas o brilho é falso e mente;  
 E ama-se o baile, e porque?!

Vae no ceo serena a lua.  
 É n'um baile, tulmultua  
 Phrenetica a multidão;  
 Como a vida ahi se expande,  
 E se expande o coração!  
 Rica de belleza e gallas  
 Folgava a dama de um grande,  
 A rainha do salão.  
 Ide ouvir-lhe as ternas fallas,  
 E vêde como estreitava  
 D'elle o braço, e lhe entornava  
 No peito as chammas e a lava  
 Da mais ardente paixão!



Como é bella! que serena.  
 Pallidez no rosto lindo!  
 Como aos olhos vem subindo,  
 Como cada olhar condemna  
 O mais intimo sentir!  
 Que seducção nas formosas  
 Fórmãs breves vaporosas  
 Que alli vão a seduzir!  
 Da curta bocca rosada  
 Cada phrase perfumada  
 Exhala o hálito das rosas,  
 Leva a suave embriaguez;  
 Cada phrase proferida  
 Sente-a o peito, e dá lhe a vida,  
 Ou dá-lhe a morte talvez!  
 E, flor nos jardins colhida,  
 Era a rainha das flores,  
 Anjo, fadaram-na amores,  
 Mulher, o amor lhe deu lei.  
 Um anjo, se dos perdidos,  
 Uma flor, mas se escondidos  
 Tinha espinhos... não o sei.

---

Era longe do baile. Já da festa  
 Os eccos mal distinctos mal se ouviam  
 Na sala em que dois entes, que se amavam,  
 A sós de amor as phrases se diziam.

—

— « Maria, não basta ainda,  
 Por prova de tanto amor,  
 Riqueza, que vês, infinda,  
 De tão subido valor,  
 Que é tua como o é esta alma,  
 Que por ti colheu a palma  
 Do mais celeste verdor?!

— « E este amor que vivifica,  
 Que dá a luz, o calor;  
 Esta vida que é tão rica  
 D'esperanças minha flor,  
 E a paixão que me enebria,  
 Não bastam inda, Maria,  
 Por prova de tanto amor?! »

— « E não vendi minha vida  
 Do amor a os gozos que tem?  
 Não sou eu mulher perdida  
 Por tua causa também?  
 E não sou a filha ingrata  
 A quem o remorso mata  
 Saudade de sua mãe?!

— « E depois... qu'importa? outr'ora  
 Vivi tão feliz... tão bem...  
 Mas hoje... quero-te; agora  
 Que te não roube ninguém  
 Aos meus beijos que se casam  
 Aos teus beijos que me abraçam,  
 Ao amor que n'elles vem! »

Enlaçados, unidos. alli juntos  
 Que instantes de ventura não gozaram!  
 E que annos de prazer não resumiram  
 N'um momento. alli juntos, enlaçados.

---

Cessara o baile. Lá fóra  
 Uma voz lenta e sonora  
 Bradava: «A' face do ceo  
 Juro ao ceo que ella era minha,  
 Dêem-me a filha que eu tinha,  
 Se essa filha não morreu!»

## IV

Nobres, folgae; a nobreza  
 E' veio que esconde a vileza,  
 Que occulta a infamia tambem;  
 Ride: — não vae em voz alta  
 Accusar-vos de uma falta  
 Aos vossos salões ninguem.

E a nobreza e o oiro é tudo,  
 Seja o sentimento mudo,  
 Consciencia, palavra vã;  
 Nem á mulher poupeis dôres,  
 Ide hoje mentir-lhe amores,  
 Comprae-lhe a honra amanhã!

Que a victima chore... embora,  
Cevaes no prazer d'uma hora  
Um appetite brutal!  
E depois... á desgraçada  
Cuspi a face manchada  
Com um cynismo infernal!

---

Maria, flor escondida  
No immenso vergel da vida  
Quiz-se nas aguas rever;  
Junto ao rio, debruçada  
Foi vista, foi requestada  
E deixou-se emfim colher!

Depois... de modesta e pobre  
Passou a amante de um nobre,  
Pensou eterna a illusão;  
Mas do prazer mal provava  
Que defronte se lhe cava  
O abysmo da perdição.

Abandonada, ao tormento  
Longo, excruciante, violento  
Do seu martyrio cedeu;  
Na morte não se despenha  
Porque a dôr foi-lhe tamanha  
Que inda á existencia a prendeu!

Era no templo. Pausado  
 Vibrava o órgão sagrado  
 Notas de celeste amor;  
 Ardiam vivos os lumes.  
 D'envolta com mil perfumes  
 Ia a prece fervorosa  
 Té ao throno do Senhor!  
 E' solemne e magestosa,  
 Brota n'um supremo encanto  
 A oração, no templo, alli;  
 E alli corre doce o pranto,  
 Como o meu pranto senti.

Bella, de negro vestida,  
 Pedira ao templo guarida,  
 Pedira fé para orar  
 Uma mulher; mas bem perto  
 Dardejava o olhar incerto,  
 Alli perto a fusilar,  
 Que buscava os seus olhares,  
 E que era aos pés dos altares  
 Só de paixão a fallar!  
 E olhares se confundiam  
 E o muito que alli diziam  
 Não é dado traduzir:  
 Um ao outro fascinava.  
 Aquelle, ardente, abrazava...  
 O que, em segredo, fallava  
 Sabe-se apenas sentir;  
 E este fugir-lhe quizera  
 Mas se n'elle se embebera  
 Não lhe podéra fugir!

Formosa, triste Maria  
 N'aquelle olhar o que via?  
 A luz do amor, a poesia?  
 Não lhe podéra fugir!  
 O poeta vira-a:—amava;  
 O pensamento o escaldava,  
 E o amor que, mudo, jurava  
 Não o jurava a mentir?  
 E olhares se confundiam,  
 E o muito que alli diziam  
 Não é dado traduzir.

Ha a paixão que rebenta,  
 Que suffocar se não tenta,  
 Do passado desligada,  
 Que o futuro inda não vê;  
 Nasce espontanea de um nada,  
 Viva apenas, n'um instante,  
 Assume um vulto gigante  
 E não se sabe porque!

Ardiam no templo os lumes.  
 D'envolta com mil perfumes,  
 Em notas de santo amor,  
 Subia a prece sagrada,  
 Fervorosa, cadenciada,  
 Té ao throno do Senhor.

— « Ai, de mim afasta o rosto  
Que não sou digna de ti,  
Deixa matar-me o desgosto  
Já que á vergonha sorri!  
Fallas de vida e poesia?  
Não falles: — uma ironia  
N'essas palavras de amor  
Eu não quero ler, mas leio;  
Que inda me ralam o seio  
Do remorso o espinho e a dôr!

« Tive por throno um patibulo  
E n'elle a honra immolei;  
Arrastaram-me ao prostibulo  
Tão descuidada... não sei:  
Ou me cegou a grandeza,  
Ou tive fé na firmeza  
Dos juramentos que ouvi;  
Nem eu sei se foi loucura,  
Se o desejo da venturã,  
O que sei é que cedi.

« De um nobre, — ouve, — fui amante,  
Mas de si me repelliu;  
Segue o gozo, n'um instante,  
O tedio que elle sentiu.  
Expulsou a concubina!  
Lançou uma vida á ruina,  
Mas inda a vida ficou  
Luz que um raio não projecta;  
Ai, guarda esse amor, poeta,  
Que digna d'elle não sou. » —

E a mão deixou pousar nas mãos d'aquelle  
 Que aos pés d'ella a escutava, attento, immovel,  
 Nos olhos o fulgor da intelligencia,  
 Na pallidez da face o sentimento,  
 Novo nos annos, e de crenças inda  
 A alma repleta, enriquecido o peito.

---

— «E's innocente, Maria,  
 E eu creio, Maria, em ti,  
 Como creio na poesia  
 Que desde o berço senti.  
 Olha; consente em ser minha;  
 Sê dos meus cantos rainha,  
 Sê a minha inspiração;  
 Deixa abraçar-te nas chammas  
 Do fogo em que tu m'inflammas,  
 Que me queima o coração.

«Eu e tu, n'este desterro,  
 Iremos ambos a par:  
 Falla-te o mundo de um erro?  
 Ai, deixa o mundo fallar.  
 Embora minta! — sou forte;  
 Não temo as iras á sorte  
 Heide-te volver a mão;  
 E passaremos, querida,  
 Tendo os dois uma só vida,  
 Sós por entre a multidão!»

---



A mulher cedeu. O peito  
 Que os prantos lhe comprehendeu  
 Um ecco no peito d'ella  
 Se encontrou—não no sei eu.

## VII

Poeta, depõe a lyra;  
 Sagras um hymno á mentira,  
 A missão mentes talvez;  
 Cumpre-te dar luz ao mundo,  
 Votas-lhe um odio profundo,  
 E blasphemias, e descrês!

E', poeta, falso o trilho.  
 Dá ao fogo novo brilho,  
 Para longe a ingloria cruz;  
 Das vividas crenças d'alma  
 Não deixes murchar a palma;  
 Cumpre-te ao mundo dar luz!

— «Não peçam flores á myrrada planta  
 Que verga e pende sem vigor assim.  
 Perdi os cantos que a esperança doura,  
 Perdida a crença, que me resta a mim?  
 Perdeu-me um anjo, —maldizendo a vida  
 Quizera o leito de uma campá emfim!» —

## VIII

Um grande, um nobre perdera  
 A mulher que se vendera  
 A seus caprichos tambem,  
 E arrancara a desgraçada  
 Dos braços de sua mãe.  
 Mais tarde, a pobre votada  
 Ao seu desprezo, perdida,  
 Inda na queda outra vida  
 Comsigo a pobre arrastou.  
 Sagrou-lhe um poeta amores  
 Offertou-lhe em troca as dôres  
 De um amor que lhe matou.  
 Só, pungida de saudade  
 Supplica ao mundo piedade,  
 E nem piedade encontrou!

## IX

E á pallida luz da lua,  
 Vagando de rua em rua,  
 Bradava uma velha: — « Ao ceo  
 Juro aqui que ella era minha  
 Dêem-me a filha que eu tinha  
 Se essa filha não morreu! »

## X

Nos braços da mãe a filha  
 Emfim, tivera perdão;  
 Nôs braços da filha a velha  
 Cobrado havia a razão.

N'uma campã solitaria  
Erma, rude e triste cruz  
Escutava as preces santas  
Que alli orava a Jesus  
Pela filha, que morrera,  
Uma velha que perdera  
Da existencia o fogo e a luz.

---

## A UMA SENHORA

---

Não ha um som de harmonia,  
Nem uma nota de amor,  
Na minha lyra, Maria;  
Nos meus cantos, linda flor!

Ai, que uma parte quizera  
Do que *fui* poder-te dar;  
Dera-te uns versos—se os dera!—  
Quando eu sabia cantar.

Mas reviver-me que hade  
Se me é dado apenas crer  
Que nutras uma saudade  
Quando eu, ó bella, morrer.!

Pois que eu vivo não t'esqueças  
Viver, d'esperanças nu;  
E mais versos não... não peças  
Que a poesia, ó anjo, és tu!

---

## FLOR DA AFRICA

A' EXM.<sup>a</sup> SR.<sup>a</sup> D. CANDIDA M. GAMBOA.

---

Como desponta no mato  
Uma rosa, sem cultor,  
N'este solo adusto e ingrato  
Tu brotaste, meiga flor;  
Como nas trevas da vida  
De maguas a mais transida  
De uma luz se vê querida  
No horisonte o arrebol;  
Tu, formosa, em terra alheia,  
Floriste, d'encantos cheia,  
N'estes desertos de areia,  
Aos ardores d'este soll

Flor, que um anjo nos ceos tinha,  
Que um anjo deixou cahir;  
Já que, perdida, florinha,  
Quizeste aqui entreabrir;  
Se é divina a tua essencia,  
Se é de pura rescendencia  
O perfume da innocencia  
Que tu bebeste, que é teu;  
Do impuro tacto te afasta  
De um mundo que o lodo arrasta  
Que, flor, tu deves-te casta  
Ao anjo que te perdeu!

Toda a flor tem o seu vaso  
Como o seu aroma e côr,  
Não deixes pois ao acaso  
A escolha do vaso, flor;  
Se cá na terra é mentida  
A afeição sempre; guarida  
Pede e vida a outra vida,  
Outro amor a outro Deus!  
Cá dos prazeres a taça  
E' breve, e turva-a a desgraça,  
Flor, com a aragem que passa  
Manda o teu incenso aos ceos!

1856

## MORTE D'ALMA

---

Comme la feuille des bois tombe dans la prairie  
Le vent du soir s'élève, et l'arrache aux vallons;  
Et moi je suis semblable à la feuille flétrie,  
Emportez-moi, comme elle, orageux aquilons!

LAMARTINE.—Médit.—

Eis-me nada: — esta alma é morta,  
Frio gelo sem calor;  
Existir, viver... qu'importa,  
Se eu nem já sinto uma dôr?!  
Lagrimas?—quem as chorára!  
Espinhos?—quem os cravára  
N'este triste peito meu!  
Custa, mas lembra a vida,  
A magua, filha descida  
Lá das alturas do ceo!

Coração, eis-te partido,  
Entre os outros mudo e só;  
Amaste: foste cuspidio  
E ludibriado sem dó.  
A illusão desfaz-se acaba,  
Mais um futuro desaba,  
Mais uma flor se murchou,  
A hastea debil resistira  
Dos elementos á ira  
E um brando sopro a quebrou.

O porvir? — sonho dourado,  
 Ditoso de quem o tem;  
 Porque eu não — hoje... coitado,  
 Que sou na terra?—ninguem.  
 Um cadaver que vagueia?  
 Um phantasma que passeia  
 Pelas ruas d'afflicção?  
 Uma sombra que s'escoa?  
 Um pouco de pó que voa  
 Sobre as azas de um tufão?—

Quem sabe?! — inda hontem eu era  
 Rica de esperança e fê;  
 Loucuras! — se eu lhes podera  
 Dar a mão, pôl-as de pé...  
 Mas não posso; embaalde o tento.  
 Tudo em mim é desalento,  
 Falta-me a luz... o vigor,  
 Roubaram-m'ó, — roubou-m'ó ella,  
 Essa fada ou essa estrella  
 De satânico fulgor!

Amei-a; — paixão... delirio...  
 E' pouco... — que mais não sei.  
 Julguei-a candido lyrio,  
 Lasciva rosa a encontrei.  
 Cahi; — deslacei mil prantos  
 Tão sentidos... tantos... tantos...  
 Seccaram os olhos meus;  
 Roguei, em amor acceso,  
 E só tive o seu desprezo,  
 O seu desprezo!... oh! meu Deus!



E ri... rainha formosa,  
 Deixem a virgem folgar;  
 Remorso, idéa penosa,  
 Que a não vão lá perturbar.  
 E matou-me,—bem o sabe,—  
 Mas em seu peito só cabe  
 Ventura... amor que seduz  
 A mim ventura?—um sudario  
 Amor?—oh !esse... o calvario  
 Onde fui cravar a cruz.

Que me resigne, donzella,  
 Que offerte a outrem paixão?  
 Negra phrase; — tremo d'ella  
 Perdoar-t'a... nunca, não.  
 Ao desdenhar do meu culto  
 Ajuntas um novo insulto  
 Do mais acerbo pungir,  
 Mas talvez... talvez um dia.  
 Depois do fel d'agonia,  
 Saibas o que é não sentir.

Eu não sinto:— a morte d'alma  
 É das mortes a peor,  
 Estagnar-se em podre calma  
 D'irado mar o furor  
 É triste...—mas é a sorte  
 Que me deste;—já sem norte  
 Eis-me pois a caminhar,  
 Terá isto um fim, um praso  
 Ou então sempre, ao acaso,  
 Heide viver e passar?!

Poeta, martyr, proscripto,  
Agra sina me fadou.  
E nasci:—dia maldito  
O que ao meu nascer raiou—  
Por ti, mulher, eu blasphemo,  
Condemnar meus paes não temo;  
Um favor—escuta bem:  
Segunda o golpe que erraste,  
Já que esta alma espedaçaste,  
Mata-me o corpo tambem!

---

## MORTE DO CORPO

---

Ó alma, expande-te altiva,  
Não te confranças aqui,  
Parte os laços de captiva,  
Eleva... eleva-te ahí!  
Ergue-te n'um vôo immenso,  
Vôa, sobe, que é intenso  
Do frio aqui o turpor;  
Sê livre, adeja na altura,  
Não gemas co'a creatura,  
Folga aos pés do Creador!

Não deixes que a flor da vida  
Se esfolhe, ainda em botão,  
Procura-lhe outra guarida,  
Porque a d'este mundo... não!  
Aqui... se o pranto gotteja  
Um sorriso — morde a inveja  
Cada alma, — de paixões vis  
Cada peito se repassa,  
Por socia existe a desgraça,  
A maldade por juiz!

Perdem-se n'este desterro  
 A gloria, nobreza e amor,  
 Ó alma, desfaze um erro,  
 Dá-me vida e tem fulgor!  
 Foge o mal que gera o crime,  
 E n'um mundo mais sublime  
 Brilharás, pura, sem veio;  
 Nem será teu brilho escasso,  
 Por imperio tens o espaço,  
 Páras ás portas do ceo!

As sombras do meu passado  
 Evoca as, se podes, lê  
 N'esse livro salpicado  
 Dos prantos que a magua vê;  
 Solettra ahí amarguras,  
 E cada uma das torturas  
 Que um pobre peito estorceu,  
 Olha, manchados de sangue,  
 Os restos de um corpo exangue  
 Que tanto sangue verteu!

Lembras-te? ha pouco provava  
 Do esteril, terreno amar;  
 É amargo — amargo. trava.  
 Não se olvida o seu sabor;  
 Amor insósso, maldito...  
 Nasce ás raias do finito,  
 Pára alli, não tem fanal;  
 Não vem da alma... offende-a, fere-a.  
 Vive apenas na materia,  
 E no appetite brutal!

Vive lá; lá folga e mora;  
 Lagrimas? sorve-as também!  
 Offerta prazer? em! ora.  
 Que tantas dôres contém!  
 Não quero. Esse amor é nada,  
 Abate, avilta, degrada  
 E punge... não quero mais!  
 Vou do inferno ao paraizo,  
 Cesse o pranto e n'um sorriso...  
 Maguas se esqueçam e ais!

Ao paraizo. Ha amores  
 Que como este amor não são,  
 Que se o aroma tem das flores,  
 Os espinhos não tem — não; —  
 São reflexo da ventura  
 Do ceo, tem nobreza e dura,  
 Nobreza o ceo lhes fadou;  
 Compenetram-se da essencia  
 Do autor, da nossa existencia  
 Que o sol no espaço lançou!

D'esse amor, mulher, provemos,  
 Será bello para nós,  
 Com elle o mundo esquecemos,  
 N'outro mundo somos sós;  
 E duas almas s'enlaçam,  
 Entrelaçadas devassam  
 D'outros mundos o esplendor,  
 Onde a luz não esmorece,  
 Nem uma sombra escurece  
 O seu nitido fulgor!

É morto o corpo. Se é nada  
Que importa morresse já?  
Não passa de fria ossada  
Que pó em breve será!  
Que importa que ao cemiterio  
O levassem, e no imperio  
Dos mortos entrasse emfim?  
Ou que a uma valla arrojado  
Durma o somno descansado,  
O somno que não tem fim!

Que importa?! mas vive. ó alma,  
Pelo amor e pela fé;  
Na fronte ajusta-me a palma  
Do que as crenças tem de pé!  
Vamos; — sobe; — a terra deixa;  
E não soltes uma queixa  
Que a meu des'erro pões fim;  
Tira-me d'este jazigo,  
Leva-me, ó alma, contigo,  
Torna-me digno de mim!

**A DUAS JOVENS E INTERESSANTES SENHORAS  
IRMÃS, QUE FAZEM ANNOS  
NO MESMO DIA**

---

Uma flor brotou de um tronco,  
Tanto em graças explendia  
Que a natureza ao creal-a  
Como que a si excedia.

Não achareis mais encantos,  
Entre as flores, como os seus  
Crereis ao sentir-lhe o aroma  
Que o aroma pedira aos ceus!

Quem ao vêl-a, n'um arroubo  
D'enthusiasmo a contemplara,  
Dissera: — «esta é a flor unica  
Nem Deus outra, assim formara.»

Mas Deus, o artista sublime  
Das obras da criação,  
Para quem das maravilhas  
Não existe a negação;

Fez brotar do mesmo tronco  
Um anno apoz, mesmo dia,  
Outra flor irmã d'aquella  
Qu'inda aquella parecia.

Filhas de um só pensamento  
Retrata uma a outra flor,  
E eu completei o prodigio  
Juntando-as no mesmo amor!

E pois que hoje marca o dia  
Em que as flores se formaram;  
Deixo aqui um hymno d'alma  
Ao tronco d'onde brotaram.

Emquanto ás duas... ao vê-las  
Bellas sem serem rivaes,  
Só me resta aqui jurar-lhes  
Que não posso amal-as mais!

---



## A SULTANA

### I

Como dorme descuidosa,  
Tão formosa,  
Reclinada em seu coxim!  
É a flor enamorada,  
Debruçada,  
Debruçada no jardim!

Orna-lhe as tranças caídas,  
Desprendidas,  
Requebrada e linda flor,  
Brinca, ao capricho da aragem,  
A roupagem,  
A roupagem de alva côr.

Dos labios foge o perfume  
Que resume  
Todo o perfume do ceu ;  
Que só não deixa perdidos  
Os sentidos  
Se os sentidos não colheu.

Desce-lhe a fronte indolente  
Docemente  
A repousar sobre a mão,  
Fronte que um raio illumina  
De divina  
De divina inspiração.

No seio branco de neve  
 Mui de leve,  
 Mui de manso, pouosa alli  
 Variegada borboleta,  
 E a indiscreta...  
 A indiscreta pouosa e ri!

Que vaga melancolia,  
 Que magia,  
 Em tão sereno dormir!  
 É fada de mil encantos  
 Que são tantos,  
 Que são tantos a attrahir!

Como dorme a preguiçosa,  
 A graciosa,  
 A linda rosa do harem!  
 É quem sonhara os risonhos  
 Bellos sonhos,  
 Os bellos sonhos que tem!

Quem não lêra, n'um momento,  
 Sentimento  
 N'aquella pallida tez?!  
 Que alma não fôra captiva  
 De lasciva,  
 Tão lasciva languidez?!

Quem não exclamara, ao vê-la,  
 Como é bella,  
 Placida dormindo ahil  
 Quem não sorrira ao sorriso  
 Meigo e liso,  
 Meigo e liso que sorri?!

Qu'imprudente não pagara  
 E bem cara  
 A loucura de a adorar,  
 E de ir, n'um tepido beijo,  
 Um desejo,  
 Desejo ardente matar?!

E, dormindo, tudo é quedo;  
 Nem a medo  
 Ave plumosa trinou;  
 Nem ao som de voz humana,  
 A sultana,  
 A sultana despertou!

Mas desperta. O somno é curto;  
 Só, a furto,  
 Mata ao corpo a lassidão  
 Quando a consciencia entorpece,  
 E adormece  
 E adormece o coração.

É agora no semblante  
 Mais tocante  
 O sympathico pallor;  
 Mas um traço ao rosto assoma  
 Que é symptoma,  
 Que é symptoma de agra dôr.

Entreabrindo os lábios finos,  
 Onde os hymnos  
 Do prazer crêreis achar,  
 Deixa só queixas sentidas,  
 Doloridas,  
 Doloridas escutar.

«Sonhava. — O sonho era bello,  
Com minha infancia sonhei;  
Foi-se-me a alma, n'um anhele,  
Prender a gozos que eu sei;  
Mas se deve á luz do dia  
Succeder noite sombria,  
É o sonho uma ironia,  
Mais valera não sonhar.  
Mais valera. Se ao que existe.  
Por fanal, a dôr assiste,  
Mal-haja o sonho ! É mais triste.  
Punge mais o despertar!

«Na solemne despedida  
Da existencia ao nada, ao pó  
Porque vens, visão querida,  
Ao *que foi* atar o nó?  
Um passado de bonança  
Que val? — que val a esperanza  
Ir-se ao berço da creança  
E embalal-o com a mão;  
Se depois, se, em breve, é morta  
Essa creança que conforta,  
Se o destino vem e corta  
Cada nobre aspiração?!

«Vida em que o prazer não cabe,  
Nem ha maguas a soffrer,  
É vida? — Eu vivo? — Quem sabe  
Se não sentir é viver!?  
Em vez da vivida creança  
O gelo da indifferença

Se me agglomera e condensa  
 Sobre o peito; e em que turpor  
 Morno, constante, enfraquece  
 O espirito que arrefece,  
 Que um raio não esclarece,  
 Que não anima o calor!

«Arrastaram-me ao prostibulo,  
 Disseram-me: «és grande aqui;»  
 Era dourado o patibulo ..  
 Não hesitei, e subi!  
 Eu vim, cheguei resignada;  
 Era tão pobre, coitada...  
 Faltou-me a luz; deslumbrada,  
 Foi-me a cegueira fatal;  
 E se a corôa foi minha,  
 Se do harem sendo rainha,  
 Toda outra rosa desfinha,  
 Perde o brilho no rosal;

«Eu perdi d'alma a frescura  
 Pouco e pouco, mais e mais,  
 Na brutal desenvoltura  
 Dos prazeres sensuaes!  
 Saciou-se o corpo. Perdida,  
 Assim fuge não sentida,  
 Que é mais morte do que vida,  
 Esta vida — Ao coração  
 Co'a palma do sentimento,  
 Viera uma dôr, por momento,  
 Por cada instante, um tormento,  
 Mas no tormento a paixão!

«Cingir quizera a grinalda  
 Das que vivem pelo amor;  
 Do que nas veias escalda,  
 Do que ás faces rouba a côr!  
 A ventura que avienta  
 Não chegasse branda e lenta;  
 Viessem com ella a tormenta,  
 As furias do vendavall!  
 Quizera a magua que opprime,  
 Ou um remorso sublime,  
 Ou a lembrança de um crime  
 Embora fosse infernal;

«Mas a luz que vivifica,  
 Calor ou febre, mas luz;  
 Luz que outros gozos indica,  
 Que a outros mundos conduz!  
 Quem vacilla, quem hesita  
 Entre um peito que palpita,  
 Que abunda em seiva infinita,  
 Ou o marasmo?— Ninguem.  
 Se á mente em chammas acesa  
 Vae do delirio a incerteza,  
 Do não— sentir a tristeza  
 Morte ás vezes dá tambem!

«A' beira do precipicio,  
 Ninguem me brade: «não vás!»  
 Se este viver é ficticio,  
 Se nem dôr nem gozos traz,  
 Se aqui se dobra a vontade,  
 De impotente,— se a verdade

É fatal, e se não hade  
 Realisar os sonhos meus;  
 Haja o vigor que s'esforça  
 Haja um momento de força,  
 O corpo ahi se contorça,  
 Expandá-se a alma nos ceus!

## III

E a sultana, de indolente,  
     De dormente,  
 Que era, ha pouco, em seu coxim,  
 Com sangue de rubras côres  
     Tinge as flores,  
 As flores do seu jardim.

Rasga o seio delicado,  
     Malfadado,  
 Um punhal:—do coração  
 Parte agudo e dolorido  
     Um gemido,  
 Um gemido, que mais... não.

Não receeis acordal-a,  
     Desperta-a...  
 Nem do somno a despertaes;  
 A mão no golpe foi certa;  
     Não desperta...  
 Não desperta nunca mais!

## AUSENCIA

---

Corria tão docemente  
O nosso amor innocentel  
Tão ledo, tão meigo e liso,  
N'um aspirar tão sereno  
Ao sonhado paraizo;  
N'um enlevo doce e ameno.  
N'uma tão santa alegria  
Este nosso amor corria;  
Que era forçoso, querida,  
Ver findar-lhe o suave encanto,  
Dar alento áquella vida  
Com o baptismo do pranto!  
Se n'um sorriso nascera,  
N'outro sorriso morrera  
Que um sorriso é muito e é nada.  
N'elle disposta a ventura,  
Flor dos sonhos do poeta,  
Mas que definha e não dura  
Se depois não é regada  
Com lagrimas tristes... tristes;  
E a ventura assim comprada  
Entre as ancias do tormento  
Se é mais cara, e só completa  
No mundo do sentimento!



E mais quero ao nosso amor  
 Do que d'antes lhe queria,  
 Que é mais sentida a poesia  
 Que s'inspira de uma dôr!  
 E que dôr é esta! a ausencia  
 Que, n'um recordar maguado  
 Triste sombra da existencia  
 Que me passou a teu lado,  
 Tão preso me traz... tão preso...  
 Pois com mais... com mais desvelo  
 Eu em ti penso, formosa,  
 E este amor inda mais préos  
 Que doideja n'um anhelos  
 Que nas azas do ciúme  
 Voa a perguntar-te, ó rosa,  
 Se tua paixão é finda,  
 E a beber o teu perfume  
 De tão longe, ahi, ó flor!  
 E pois mais lhe quero ainda  
 No ralar d'esta anciedade,  
 No gemer d'esta orphandade,  
 No pungir d'esta saudade,  
 Nas saudades d'este amor!

E sempre longe; e comigo  
 Sempre, ó anjo, a tua imagem,  
 Luz que me vem, e que eu sigo  
 Como celeste miragem  
 Que além surge debuxada  
 Entre golphadas de luz!  
 E essa tristeza de fada  
 Que na face mais se aviva,  
 D'essa fronte pensativa

A pallidez que seduz,  
E d'esse talhe a elegancia,  
E todo o aroma, a fragrancia  
Que respiras e qu'exhalas,  
E a harmonia d'essas fallas,  
E o fulgor d'esses olhares,  
E tu... tu sempre comigo!  
E ora foges;— ora perto  
Vens, e de perto te sigo;  
E és tu só n'este deserto  
Que eu escuto, e vejo, e sinto;  
E pela extensão dos mares,  
Na immensidade dos ares,  
Na vasta amplidão dos ceus  
Não me fallam mais encantos  
Que não sejam esses teus;  
Que a ti só eu vejo e sinto,  
Que por ti só os meus prantos  
Me deixam cavado o rosto  
A attestarem que não mintol  
E sempre o mesmo desgosto  
Que adoça a mesma esperança;  
Que o meu affecto não cança,  
Nem s'extingue o seu ardor;  
Que tu pensas em mim, flor,  
Nos seios d'alma o presinto;  
Que em quanto vivo contigo,  
De longe vives comigo  
Sempre... sempre n'este amor!

**E não m'esqueço: — este dia  
Que em sorrisos de alegria  
Eu vi nascer a teu lado  
Tantas vezes, ó meu anjo,  
Não me fica deslebrado!  
E não m'esqueço — não; hoje,  
Cortando o espaço que abranjo,  
O pensamento me foge,  
Vae-me o espirito no vento  
Contar-te lá o tormento  
Que me anceia aqui, a dor  
Que por ti eu me hei imposto;  
Vae dizer-te que este dia,  
N'esta ausencia, minha flor,  
Me surpreendeu no rosto  
Mais um traço de agonia,  
Mais uma prova de amor!**

**No março.**

## PARA RECITAR AO PIANO

— —

### I

A nuvem corre no horizonte extenso;  
—Que espaço immenso lhe verás transpor!—  
Afaga o vento da floresta a cama,  
Rescende o aroma no seu vaso a flor;

Murmura o rio no descer da encosta,  
E passa, e gosta d'escutar-se assim;  
Descobre a lua na amplidão celeste  
E o oceano veste de esplendor sem fim;

No mar, as vagas refervendo espuma,  
Eis uma a uma a suspirarem sós;  
No bosque, á noite, o rouxinol emprazas?  
Sacode as azas, e desprende a voz.

Longo mysterio cuja origem sondas  
No ar, nas ondas, no que, em torno, vês,  
Mysterio, ó virgem, que te obriga o seio,  
N'um doce enleio, a estremecer talvez!

Hesitas? córas?—perfumada a aragem  
Essa linguagem segredou-te já  
Que falla inteira a criação, que a terra  
Exhala e encerra, que a recebe e dá?!

Oh! pois, bem hajas se fallar sentiste  
A lei que assiste ao universo emfim;  
Que é lei suprema, — que a harmonia é esta  
Que um Deus atesta, que t'inspira assim!

Oh! pois bem hajas qu'entendeste a vaga  
E a voz presaga do gentil cantor,  
E a flor, e a nuvem, e o luar singelo  
Que tudo é bello, — tudo diz — amor!

---

## A UMA JOVEN E EXCELLENTE PIANISTA

---

### II

Não sei que é isto: desusado aneio  
Sinto no seio, ao contemplar-te ahí,  
Ao ver-te a fronte virginal banhada  
Na luz doirada que refulge em ti.

Ahí sentada a inspiração ardente  
Que sabe e sente traduzir-se então,  
Do piano ás teclas novos sons roubando,  
Ao leve, ao brando espriguiçar da mão;

Como que imprime irresistível na alma,  
Que em doce calma, por te ouvir, jazeu,  
Todo o segredo que a harmonia encerra  
E que da terra tu pediste ao ceu!

Se, pois, ao ver-te, seductora e bella  
Lucida estrella, enamorada flor,  
Eu penso, eu sinto que por ti existo,  
Não sei que é isto, se não é amor!

Amor, decerto, que no espaço abranjo.  
Sagrado ao anjo que encantar-nos vem;  
Que outros amores que na terra cabem  
Anjos não sabem entendel-os bem!

---

## PORQUE NÃO SENTES ?

—

III

Houve uma estatua que um milagre, em parte,  
E o genio e a arte fabricaram sós;  
Por nova, estranha, divinal conquista,  
Deu-lhe o artista movimento e voz!

Assombro, pasmo, da escultura encanto,  
Não podem tanto mais cinzeis ousar,  
Amou-a um louco, — que baldado anhelou!  
Era de gelo, porque a foi amar?!

Amou-a um louco. Desvairado anceio!  
Pulsa-lhe o seio, mas de crenças nu;  
Attenta n'isto, considera um pouco,  
Que eu sou o louco, como a estatua és tu!

Mais cada dia teu olhar me prende,  
Mais me surprehende seu glacial fulgor,  
Percebo, sinto, se até mim o levas,  
Na luz as trevas, no prazer a dôr!

Porque em teus olhos se contempla a chamma  
 Que não t'inflamma, que me abraza a mim?  
 Porque em teus labios a harmonia é calma  
 Que um hymno d'alma não traduz emfim?

Porque não sentes? um occulto affecto  
 É que esse aspecto, por fingir, te dá?  
 Oh! não, não creio que um amor obscuro  
 Ao teu futuro se enlaçasse já!

Não. Tu não sentes. Para o amor nasderas.  
 E já me houveras comprehendido o amor;  
 Astro, que os astros do universo humilhas,  
 Quanto mais brilhas, menos tens calor!

Pois vae-te, passa, mentirosa imagem,  
 Vae-te ó miragem d'illusoria luz,  
 Siga eu embora no fatal caminho,  
 Mas vá, sósinho, demandar a cruz!

Oh! vae-te — passa; — teu olhar parece  
 Que me enlouquece no glacial fulgor;  
 Por elle eu sinto, se até mim o levas,  
 Na luz as trevas, no prazer a dôr!

Mas, antes, dize, porque atroz descrença  
 A indifferença toda em ti se vê?  
 Mentir? não mintas — nem de balde o tentes!  
 Porque não sentes? dizem emfim, porque?



## IV

Lgrimas tristes, orvalhae meu rosto,  
Fundo desgosto, dá-me um canto só;  
Que tudo é findo, pois não é, na vida  
Que, dolorida, se revolve em pó?!

O' dôr, ainda, n'um extremo alento,  
Dá-me o lamento que ao porvir dirá  
Como esta fronte mergulhaste em trevas,  
Como me levas ao sepulchro já!

Ultima nota de quebrada lyra  
Que os ares fira, vá dizer a *alguem*  
Que um morto passa que o amor consome,  
Mas que seu nome bemdirá além!

Quando a existencia só despede horrores,  
De murchas flores só se alastra o chão.  
E o vento geme, cede a luz no occaso,  
Quem pode acaso resistir em vão?!

Ai, tudo é findo! Tempestade immensa  
Leu-me a sentença n'um solúço atroz!  
Por crenças, cantos, que a esperança offerta,  
A campa aberta, do estertor a voz!

Do mundo os eccos que escutei outr'ora  
Nenhum agora para mim já é;  
Por sons festivos, o piar me assiste  
Do mocho triste que me adeja ao pé.

Da morte os labios são já perto, vejo-os,  
Sinto-lhe os beijos d'hediondez glacial;  
Mas inda a morte me não rouba ao seio  
O ardente aneio d'este amor fatal!

Por isso exclame quem me vir sósinho  
N'este caminho, por que á tumba vou;  
' — Um morto passa que a mortalha pede,  
E se despede do que mais amou!' —

E tu, ó corpo, se o vigor recobras,  
Sacode as dobras da mortalha em ti;  
E dize ao mundo que o amor é bello  
Mas n'esse gelo te lançou ahi!

Ao anjo pede que na terra amaste,  
Por quem rasgaste da existencia o veio,  
Que um dia as preces te vá dar saudosas  
Que Deus em rosas trocará no ceo!

# A CARLOS ANDRADA MENDOÇA

NO SEU ALBUM

---

## I

Franqueiem-se as portas do templo divino,  
Descerrem-se as nuvens que occultam a luz;  
Que, aos meigos accents das notas de um hymno,  
O genio das artes um filho conduz.

Symbolicas arvores do adyto santo  
Attestem o viço de eterno verdor;  
O veo se desprenda, recolha-se o manto,  
Que o alcáçar velavam da gloria e do amor.

Rescendam nos ares os suaves perfumes  
De flores celestes do mago jardim,  
O altar illuminem phantasticos lumes,  
Os cantos solemnes resoem sem fim!

Os anjos que escrevem, do augusto santuario  
No candido livro sagrado por Deus,  
Os nomes de artistas que o tempo tão vario  
Respeita na terra, proclama nos cous;

As fadas que foram tecer a corôa  
 Que á frente ajustaram de um Tasso ou Camões,  
 A fama que aos mundos aponta e pregoa  
 Os fúlgidos louros, as nobres canções;

Os anjos, as fadas, a fama, á porfia  
 Accorram ao templo qu'inunda alma luz,  
 Que aos thronos das deusas 'pintura e poesia'  
 O genio das artes um filho conduz!

Artistas-poetas nasceram do povo:  
 Nos quadros o illustrem, nos cantos tambem!  
 Cruzada sublime! Victoria! De novo  
 S'inscreve um adepto:—lá chega—lá vem—

## II

Chegaste. Foste bem vindo.  
 Todos te cercam, sorrindo,  
 Todos te estendem a mão;  
 Ha mais na santa cruzada  
 Uma esperança sagrada  
 Pois conta mais um irmão!

Um nome de mais na lista  
 É um passo na conquista  
 Empreendida do porvir;  
 É triumpho cujas palmas  
 Vicejam em quantas almas  
 Lhe abençoam o florir!

Por isso, a deusa formosa  
 Que os teus passos, extremosa,  
 Ao santuario encaminhou,  
 Desprendendo a voz sonora  
 Com que os anjos enamora  
 D'est'arte assim te fallou:

- « O seculo é grande ; e o povo  
 Não sonha um futuro novo  
 Que a força d'armas lhe dê;  
 Seguro e assente o seu throno  
 Sobre as ruinas, no abandono  
 De outros thronos já não crê.

« No festim da intelligencia,  
 E no banquete da sciencia  
 Quer o povo o seu logar;  
 Que é essa a immensa victoria,  
 Essa a immarcessivel gloria  
 Que lhe cumpre conquistar.

«Mas a ignorancia porfia,  
 Na lucta não s'entibia,  
 É o inimigo a vencer;  
 E o pallido obscurantismo,  
 No impotente paroxismo,  
 Hade emfim á luz ceder.

«Da guerra o facho se apaga,  
 Nem o sangue o campo alaga,  
 Nem trôa a lêm o canhão:  
 N'estes ingentes combates  
 Os heroes serão os vates,  
 Vem-lhes de Deus a missão!

« A penna, a lyra sagrada  
 Poderão mais do que a espada,  
 Mais que o punhal o pincel;  
 Na universal harmonia  
 O porvir não se atavia  
 De falso e vão ouropel!

« Cante o poeta;—que a crença  
 O illumine sempre intensa  
 Viva-lhe o amor nas canções;  
 Pois que o amor é o perfume  
 Que suavisa o azedume  
 Das mais arduas provações!

« E tu, pois, poeta-artista,  
 Caminha ousado á cénquista,  
 Alenta o povo com fé;  
 Que, apoz a nobre victoria,  
 Lá tens os fastos da historia,  
 E a immortalidade ao pé! »—

### III

O genio calou-se. Silencio que avança  
 Involve, circumda, de novo, a mansão,  
 Mas restam-te ainda, poeta, a lembrança  
 E a funda consciencia da nobre missão!

## UM CONSELHO

A' IXM.<sup>a</sup> SR.<sup>a</sup> D. ADELAIDE GAMBOA

---

Minha Adelaide, eu sou moço,  
Sou muito novo; mas ai,  
Que á minha custa já posso  
Dar-te um conse-lho, — e lá vae,  
Talvez, formosa, teu pae  
Com conselhos de valia,  
Que lhe inspire a sympathia,  
Te vá formando a razão;  
Mas ha conselhos que fallam  
Tão-sómente ao coração,  
Que um pae cala, que outros calam  
Por estranhos, que um amigo  
É o que os diz, como eu digo;  
Minha Adelaide, attenção!

Engano de mil enganos  
É o mundo, tenra flor,  
Porém os teus quatorze annos  
Não t'ó deixam ver. amor.  
És na idade em que se goza,  
Sem que turbe o gozo a dôr,  
És a linda mariposa  
Aos raios do sol, brilhante,  
És o sonho côr de rosa,

És um anjo ; — mas, instante,  
 Mais um anno perto vem,  
 E são quinze. O sentimento  
 Aos quinze chega, e por bem  
 Nunca chega. Perde o brilho  
 A mariposa que tinha,  
 A desgraça tolda o sonho  
 Com as nuvens que trouxe,  
 E fique embora rainha,  
 De outra senda em novo trilho,  
 Já não é o anjo risonho  
 É a mulher só mulher !

Apesar de não ser velho,  
 Minha Adelaide, o conselho  
 Sempre, emfim t'ó darei eu :  
 É que não faças mais annos:  
 Que os quatorze são do ceu,  
 E os quinze já são profanos.  
 Deixa-te ser innocente;  
 Quem não sabe e quem não sente,  
 Quem só vive da innocencia,  
 Esse tem a grande sciencia,  
 Porque é só esse o feliz.  
 Passar deixa o tempo — embora !  
 Não contes hora por ora,  
 Um amigo é quem t'ó diz !  
 Um anno a outro succede,  
 O qu'importa a quem não mede  
 O tempo ? — e não, não o meças,  
 Deixa-te ser innocente,  
 Não lhe implores, não lhe peças  
 A agra sciencia do que sente !



Se o conselho não tomares  
Se, em troca, o tempo contares  
Em anhelos de paixão;  
Adelaide, tu um dia  
Me dirás se o que eu dizia  
Era assim, meu anjo, ou não?!

## A CAMILLA

---

Nos jardins d'esta existencia  
Apenas ha uma flor  
Que tenha a divina essencia:  
É o amor.

N'esta rapida torrente,  
Passam terras, mares, ceus,  
Mas no amor é que sómente  
Se vê Deus.

Apressemos-nos, Camilla,  
Para o amor vivamos pois;  
Que a vida é luz que scintilla  
E depois...

E depois é sopro, é fumo  
Que s'exhala, que s'esvae,  
Astro perdido sem rumo  
Que descae!

Apressemos-nos; seja hoje,  
Pode ser tarde amanhã  
Que a vida é noite que foge  
Sem manhã

Quando a luz do amor, radiante,  
A não vem allumiar!  
Tu nasceste, minha amante!  
Para amar,

Inclina-te nos meus braços  
Como eu m'inclino nos teus,  
É mister rasgar espaços,  
E ver Deus!

## AO CREPUSCULO

---

I

Eu amo a tarde quando as sombras tenues  
Que surgem lindas no horisonte em fogo,  
Se agrupam todas ao clarão phantastico  
Do rei dos astros, que lhes foge logo;

Simelham, tristes, mil phantasmas pallidos  
Que passam mudos, sem um riso, um pranto;  
Que trajam vestes d'escarlata vívido,  
Com franjas d'oiro no ceruleo manto!

As nuvens leves se agglomeram rapidas  
E assumem ledas de um colosso a fôrma,  
Que a branda aragem nas lufadas tepidas  
Perfuma os ares, e a illusão transforma.

Chega o crepusculo: — visão sympatbica!  
Ao quadro bello como o imperio é curto!  
As trevas surgem; cede a luz já timida  
Um raio apenas projectando a furto.

Eu amo a tarde quando exhala os canticos  
De immenso amor a natureza inteira;  
O incenso em ondas a subir balsamico!  
A brisa em sopros a adejar. fagueira!

Eu amo a tarde que serena e placida,  
Quando o silencio magestoso impera,  
A alma conforta do lutar continuo  
De paixões tantas co'a razão severa!

Eu amo, ó tarde, ler em ti mysterios  
Infidos, vagos... mas que n'alma açoitado.  
Que novos mundos vens crear no espirito!  
Que novas crenças infundir no peito!

E a turba passe, te despreze e, sceptica,  
Prosiga embora no seu vão caminho,  
Que, ó tarde, ao ver-te, que vens triste e languida.  
De amor eu te heide vir fallar sósinho.

E eu amo a tarde quando exhala os canticos  
De immenso amor a natureza inteira;  
O incenso em ondas a subir balsamico!  
A brisa em sopros a adejar fagueira!

## II

Não ha ternura da lua  
Que phantastica fluctua  
No sympathico pallor?  
E na aragem que cicia  
Não ha notas de harmonia,  
Accentos de immenso amor?

Não ha porventura o gozo  
N'um *não-sei-que* mysterioso  
De uma vaga aspiração.  
Que se sente e não s'explica,  
Que, se dura, vivifica,  
Que, se cresce, é a paixão?

Ha:—existe; — eu n'elle creio—  
 Vive-me n'alma e no seio,  
 Sinto-o nas veias estuar  
 Um fogo d'ignota chamma  
 Que todo o sangue m'inflamma,  
 Sem nas chammas me abraçar!

Dentro em mim sinto a tendencia  
 De fundir esta existencia  
 N'outra vida, n'outro ser,  
 Que fui um brado divino  
 Que me disse: — «o teu destino  
 A outro o deves prender.» —

Pois se é morte o isolamento,  
 Se arrefece o pensamento,  
 E se ás trevas nos conduz;  
 Não heide buscar a vida,  
 Alentar a flor pendida  
 Dando-lhe o vigor e a luz?!

Heide sim, que do poeta  
 A missão só é completa  
 Se dos mil sonhos que houver  
 Vir aqui a realidade,  
 Que o sabio chama — «verdade» —  
 E que Deus chamou — «mulher!» —

E eu quero o amor: os meus cantos  
 Serão nobres, e aos meus prantos  
 Prantos eu verei unir;  
 Perde a magua entre dois entes  
 As suas dôres vehementes  
 O seu acerbo pungir:

E ama toda a natureza,  
 Ha amor na singeleza  
 De cada modesta flor.  
 E na aragem que cicia  
 Não ha notas de harmonia,  
 Accentos d'immenso amor?!

## III

Qu'importa ter sido amada  
 Uma virgem, anjo, ou fada  
 Por mim com tanta paixão,  
 E mulher, que julguei pura.  
 Sob um yeo de singeleza,  
 Esconder tanta frieza,  
 Trazer occulta a traição?  
 Qu'importa se, --na loucura  
 Do meu amor, --n'um sorriso,  
 A imagem do paraizo  
 Tentou saber-me fingir?  
 Qu'importa ter-me ella dito  
 Que medira o infinito  
 Por seu amor, e mentir?  
 Qu'importa se a alma de gelo  
 Não sabe affectos sentir?  
 Perdi-a: partiu-se o elo  
 Porque era falsa a innocencia.  
 Veiu a esperança querida,  
 E tive fé n'outro amor.  
 É tão variavel a vida,  
 E nos jardins da existencia  
 Encontra se tanta flor!

Busco o amor vertiginoso  
 Que venha casar-se ao meu;  
 Que no amor eu quero o gozo,  
 E no gozo eu quero o ceu!  
 Quero turbar o repouso  
 D'este viver;—ha affectos  
 Com que outros folgam contentes  
 E nunca ninguem m'os deu.  
 Anhe-lo-os assim, completos,  
 Sejam embora pungentes  
 As maguas que juntas vão;  
 Embora venham, a furto,  
 De prazer breves momentos,  
 E haja em troca longos, lentos,  
 Tristes dias de afflicção!  
 Bem sei que o gozar é curto,  
 Mas se pode co'a ventura  
 Que o anima e que o afaga,  
 Com as dôres da amargura  
 Tambem pode o coração.  
 E eu quero o amor que embriaga;  
 Nem m'importa ver perdida  
 A fé no primeiro amor,  
 Porque nos jardins da vida  
 Existe mais de uma flor!

## IV

Dá tarde eu amo no remanso tetrico  
 Deixar as turbas no seu vão caminho,  
 E á tarde amiga, que vem triste e languida,  
 De amor as fallas segredar sósinho.



## VERDADES

A EDUARDO TAVARES

### I

Quem sonha não vive. Quem deixa embalar-se  
Nos sonhos formosos que á mente lhe vem,  
E em ledas mentiras deseja engolphar-se,  
Dos sonhos, que sonha, não quer despertar-se,  
Não vive... que a vida nos sonhos não tem.

Quem sonha dormindo, quem sonha acordado,  
Nos sonhos, vae longe do mundo real ;  
Um vôo desprende no espirito ousado  
Que paira nos labios de um ente adorado,  
Nas folhas das rosas de grato rosal,

Nos eccos ingentes da tuba da gloria,  
Nos raios ardentes da vivida luz,  
Nas paginas santas do livro da historia,  
No estrepito immenso dos sons da victoria,  
Em tudo que é bello, fascina e seduz!

Eu penso que é louco quem jura que existe  
 No mundo a mentira, que o jura e não crê;  
 Existe a verdade, — sósinha, é tão triste...  
 Cada homem se afasta da luz que lhe assiste,  
 E os olhos cerrando... cerrando... não vê!

Acorda mais tarde. Nos sonhos não via  
 Traições festejadas, vilezas de pé;  
 E clama, nos transes d'intensa agonia:  
 «Mal-hajas, ó mundo que esmagas n'um dia  
 Um nobre passado de crenças e fé!»

A dôr que o lanceia lhe vem sobranceira,  
 A palma lhe offerta de acerbo soffrer.  
 E soffre... perdeu-se da luz verdadeira,  
 Involve-o, nas sombras, completa cegueira.  
 Não vive quem sonha: não vê... que não quer!

Mas dizem: » n'um sonho, sympathica, infinda  
 Visão seductora vem na alma brincar,  
 Que mente?... qu'importa?-mentira, és tão linda! »  
 E o sonho se acaso não morre, não finda,  
 Também antes quero viver a sonhar.

## II

Ide ao baile: — vêde a festa:  
 O ruído vos atesta  
 Ser a festa de encantar;  
 Cega a viva luz dos lumes,  
 Vem das flores os perfumes  
 Docemente embriagar;  
 Vêde alcatifas custosas,  
 Olhae as galas pomposas,  
 Olhae a festa: pasmae!  
 E ás turbas, que doidas passam,  
 Que pelas salas s'enlaçam  
 Vós também vos enlaçae.

Quem á festa não viria?!  
 Que torrentes de harmonia  
 Em magicas vibrações!  
 Como vae lasciva a dança!  
 Como a walsa abate e cança  
 Nas vagas ondulações!  
 Cada rainha da sala  
 N'um só sorriso avassalla  
 Quem sorril-a corre a ver!  
 De quanto amor, em primicias,  
 Se não sonham as delícias  
 Que em sorrisos se vão ler!

Vede:—as faces coloridas,  
 E levemente tingidas  
 Por delicado rubor,  
 A alma que s'expande, louca,  
 Meiga a fronte que se touca  
 De branca, singela flor,  
 D'essa dama, não excitam  
 Nos estos que vos palpitam  
 No sangue o ardor da paixão?  
 Dizei-lh'o Responde :—ouvistes?—  
 «Foram as festas bem tristes  
 Sendo mudo o coração!»

E, n'um tímido abandono,  
 Se requebra no seu throno,  
 E vos falla de sentir;  
 Diz-vosque o amor dá vida  
 Que uma paixão desabrida  
 Doira as horas do existir.  
 Fitaes a visão divina,  
 E a mente se vos fascina  
 Que julga antever a luz:  
 Foi-se o baile, foi-se a dança  
 Que só cuidaes da esperança,  
 Que vos dão, que vos seduz.

Finda o sonho. O baile acaba.  
Pedra por pedra desaba  
O edificio que formaes;  
Eis a mentira ridênte  
Por verdade impertinente  
Amarga e dura trocaes.  
A's faces da vossa dama,  
Que o rubor já não inflamma,  
Vem mórbida a pallidez;  
Vêde os labios descórados,  
Vêde os encantos fanados,  
Vêde a baça côr da tez!

Aquella fronte serena  
Candida, como a açucena,  
Sulcando uma ruga vem;  
C'o sorriso insôso e frio  
Palavras que, em desvario,  
Lhe escutastes, dizem bem?  
Mascaras de cada rosto  
No chão caem. Com desgosto  
Rasgar vêdes cada veo.  
Verdades que o mundo encerra!  
Desce a alma, de novo, á terra,  
Que da terra fôra ao ceo!

Não sonheis, porque n'um sonho  
 Ha um prisma, se risonho,  
 Bem mentido; — não sonheis.  
 Quanto soffre quem acorda  
 Olha, vê, e se recorda  
 Do sonho, bem o sabeis!  
 Pela verdade escudado  
 Acceitae pois, resignado,  
 O pouco que a terra der.  
 Quem vae, n'um baldado anhelô.  
 O calor pedir ao gelo,  
 Pedir amor á mulher?!

## III

Purpurea rosa que a hastea linda inclina  
 Desabrocha, além, só;  
 Aos raios nasce de uma luz divina  
 E hade tambem ser pó!

As leves folhas que rescendem, bellas,  
 O doce perfumar,  
 Hade, nas azas, o tufão prendel-as,  
 Para longe arrojâr!

Verdade triste, de illusões despida,  
 A sina lhe vem ler;  
 Assim o nada se succede á vida.  
 Segue a morte o viver!

## IV

Gloria, risonho phantasma,  
 Os loucos caem-te aos pés;  
 E, ás vezes, a mente pasma  
 De ver, gloria, o nada que és;  
 E quantas almas fascinas  
 Para in volver nas ruinas  
 Imperios, homens, nações!  
 A' fé que te dão, intensa,  
 Offertas em recompensa  
 Tuas se veras lições!

Quantos genios te sonharam,  
 E se perderam ahi!  
 Que corôas se quebraram,  
 E quantos sceptros por ti!  
 Napoleão, o guer reiro,  
 Pensa já ao mundo inteiro  
 Dar do alto do solio a lei...  
 Traga-o o abysmo profundo,  
 Se era hontem rei do mundo,  
 É vassallo hoje de um reil

Impera Cesar na Italia,  
 Quer o diadema real;  
 Pompeu lhe cede em Pharsália,  
 É Cesar sem um rival!  
 Cesar, Napoleão, no throno  
 Ereis já, eis que do somno  
 Vos acordam ; e acordou  
 Morreu um entre o senado,  
 Zomba do outro a mão do fado,  
 Desperta o em Waterloo!

Nasce um robusto talento,  
 Vence, em brilho, aos Bernardins,  
 Vôa, ingente, o pensamento  
 Do impossível aos confins;  
 Da patria, que elle amou tanto,  
 Lava a deshonra com pranto,  
 Exalta o nome em canções:  
 E em miseria se consome,  
 Morre de sêde e de fome,  
 E tem por nome: «Camões.»

A Byron o derradeiro  
 Momento, precoce, vem;  
 O fulgor d'esse luzeiro  
 É já extincto tambem!  
 E que aurora lhe raiara!  
 E em que sonhos s'engolphara  
 Que a verdade dissipou!  
 Ao despedir-se da vida,  
 Uma saudade sentida  
 Nem ao peito lhe assomou!

Fadado para a grandeza  
 Vem ao mundo Raphael,  
 E das mãos, da natureza  
 Arranca o mago pincel!  
 Rei—artista na divina  
 Mente sonha Fornarina  
 E d'uma auréola a cingiu:  
 Na tela o sonho desenha,  
 E uma vida se despenha,  
 E um destino se partiu!...



Não sonheis, que o sonho veda  
 A ventura, e não a dá;  
 Não subaes, que é triste a queda  
 E quem sobe, cairá!  
 Hadê a verdade terrivel  
 Vir dizer-vos, impassivel,  
 O que o mundo em si é:  
 E então abate déveras  
 Illusões, sonhos, chimeras,  
 Só ella fica de pé!

## V

Quem sonha não vive. Pois bem; não sonhemos  
 Embora rojemos a fronte no pó:  
 A luz que nos guia, no sonhó, perdemos  
 Verdades que existem, no sonho, esquecemos  
 Que surgem mais tarde, severas, sem dó!

Mas dizem: «n'um sonho, sympathica, infinda  
 Visão seductora vem na alma brincar,  
 Que mente?—qu'importa?—mentira, és tão linda..!»  
 Mas foge a mentira no sonho que finda,  
 E a todos eu digo não queiram sonhar!

## CHORA. RI

---

Chora, chora, ó minha amada,  
Lagrimas perolas são,  
Que em teus olhos mais accendem  
Mysterios d'esta paixão.

Ri-te, ó anjo, ri—teus labios  
Mais formosos são assim,  
Ri-te ou chora, se os teus risos,  
Se os teus prantos são por mim.

Os teus olhos teem reflexos  
De tão doirado fulgor;  
E os teus labios dizem tanto  
De mil promessas de amor,

Que ou tu chores ou tu rias  
Serás sempre o anjo meu  
Por quem dou na terra a vida,  
E a eternidade no ceu!

Chora ou ri-te, minha amada,  
Porque tudo eu amo em ti.  
Sem saber se n'este affecto  
Me salvei, ou me perdi.

E que m'importa, comtanto  
Que tu me queiras por teu?  
O ceu sem ti não existe,  
Comtigo o inferno é o ceu!

Chora... ri... mas dize, dize  
Se os mysterios da paixão  
Que m'inspiras, tem um ecco  
No teu peito sim ou não?

## A VIDA

AOS MEUS AMIGOS L. DE C. E C. B.

---

### I

É árida e triste a vida.  
N'um ermo de adusto pó  
A creatura perdida  
Ao acaso vae e só,  
E pára, — e cança, o deserto  
É immenso, como incerto  
Da jornada o fim que tem;  
E pára, e cança, e caminha  
Nem a mente lhe adivinha  
Para onde vae, d'onde vem!

D'onde vem?—negro mysterio!  
Nasce, e vive, e eil-a de pé,  
Para onde vae?—ao imperio  
Da morte, e não sabe o que é!  
E no viver inconstante,  
Tem um orgulho gigante,  
Julga-se grande, e sorri:  
Cede ao poder que a domina,  
Vem um raio que a fulmina  
E onde sorriu... morre alli!

A vida é árida e triste...  
 Incomprehensível que lei  
 A cada vivente assiste  
 Ou seja mendigo ou rei!  
 E exulta o homem; — não sabe  
 Que n'elle a força não cabe,  
 Que n'elle ha só pequenez?  
 Que á menor fadiga cede?  
 Que pode morrer á sede  
 Do deserto na aridez?!

E exulta; — exultei; — na infancia  
 Sorriu-me a aurora, sorri;  
 Enebriou-me a fragrancia  
 Das flores que amei e vi.  
 Que vasto jardim fecundo  
 Para mim não era o mundo!  
 Que horizonte! qu'illusão!  
 De forté que era, innocente,  
 Homem, tornei-me impotente,  
 Da altura caí no chão!

A mága flor da existencia,  
 Folha a folha, s'esfolhou;  
 O esmalte perdeu e a essencia;  
 Da pobre flor que ficou?!  
 Que pungente desengano!  
 Vão-se as folhas, vão no oceano  
 Supremo o transe passar:  
 Mas victimas de qu'impulso?  
 No seio do mar convulso  
 Quem foi as folhas lançar?

Como o homem é cobardet  
 Como é fraco o peito seu!  
 Ou se a mente em chammas arde,  
 Ou se a tolda espesso veu,  
 A fronte a curva e abate  
 Fica immovel; — no combate  
 Ingente não lutará;  
 Não tem o instante de vida  
 Para que o braço suicida,  
 Diga á vida — « pára já!»

Amigos, tendes' sublime  
 Santa a crença no porvir  
 Qual a dôr que vos opprime?  
 Que magua vos vem pungir?  
 Para vós que panorama  
 Na phantasia s'ni flamma  
 De variadas côres mil!  
 Que perfumes tem as flores!  
 Que fé viva nos amores!  
 Que ancantos n'um ceo de anil!

Sabei que atravez de um prisma  
 Vós olhaes, enganador;  
 Que quem na ventura scisma,  
 Scismará depois na dôr,  
 Que todo o sorriso mente,  
 Que todo o peito mal — sente;  
 Que as trevas seguem a luz,  
 Que ha veneno nos carinhos,  
 Que cada flor tem espinhos  
 E cada alma a sua cruz!

O que val o estudo e a gloria,  
 Fumo que em breve se esvae?  
 O saber foge e a memoria  
 Quando o corpo morre e cae.  
 Morre e cae: — no campo vasto  
 Aos vermes serve de pasto,  
 Vão-lhe as fibras corroer:  
 É a vida espedaçada,  
 Volve-se a materia ao nada  
 E eis como s'extingue um ser!

## II

Ai, sêde firmes na crença,  
 Que é bom no amor, na virtude  
     Crenças ter:  
 Mais val que a ironia immensa,  
 Que o sorriso acerbo e rude  
     Do descrer.

Eu cedo ao peso infinito  
 De um viver árido e triste  
     E real;  
 O meu destino é maldito  
 E é o genio que me assiste  
     O do mal.

Mas se uma phrase descrida  
 Solta em transe da amargura  
     A paixão;  
 Esquecei-a, que na vida  
 Offerta apenas ventura  
     A illusão!

## NO ALBUM

DA EX.<sup>ma</sup> S.<sup>a</sup> D. M. C. DE C. C. E VASCONCELLOS

---

Tu fais bien. Vois les cieux lurre,  
Vois les astres s'y mirer.  
Un instinct là-hautt'attire,  
Tu vois Dieu sourire  
Moi je vois l'homme pleurer!

VICTOR HUGO

Tu nasceste nas florestas,  
E a ser rainha das festas  
Vieste do campo, ó flor;  
Carecias d'outra palma  
Querias ter dentro d'alma  
Mais vida, mais luz e amor.

Chegaste: — lembras-te ainda? —  
Todas disseram: — «bem vinda  
Seja a flor que chega e vem,  
Que aroma! que côr! que esmalte!  
Sem que uma só graça falte  
A's muitas graças que tem!» —

E nos campos tu scismavas.  
Com a lua segredavas  
Pallida — á noite sem veço;  
Era triste a sympathia,  
Melancolica a poesia  
Que te prendiam ao ceo!



Vivias da intelligencia;  
 Querias outra existencia,  
 Viver pelo coração;  
 E dos teus campos no olvido,  
 Vens das festas ao ruido  
 Vens do mundo ao turbilhão.

Nos bailes ou nas campinas,  
 Aqui ou entre as boninas,  
 Quem o preito te negou?  
 Quem essa alma ou essa fronte,  
 Que abranje um vasto horisonte,  
 Conheceu e não pasmou?

Ninguem;—e, ó anjo, perdoa.  
 Não vou á tua corôa  
 Mais uma rosa enlaçar.  
 Não vou, — perdoa— não quero;  
 Se eu dos outros nada espero,  
 Que hasde de mim esperar?

Um vago canto? que presta?  
 E a rosa, se não attesta  
 Ser de viçosos rosaes?—  
 Ahi fica um nome pobre  
 Que o mundo foge, e s'encobre,  
 Fica um nome—e nada mais!

Junho de 1854

## N'UMA ORGIA

---

Nos queixumes d'intensa amargura  
É a vida bem lento morrer,  
Mas qu'importa se a magua não dura,  
Se podemos a magua esquecer?  
Das feridas que gera a agonia  
Pode um balsamo as chagas curar,  
E no estrepito immenso da orgia  
Ai, comigo aprendei a olvidar!  
O qu'importa o passado? — guarida  
A' saudade no peito negae  
— Eia, amigos, gozemos, que a vida  
É um fumo que, em breve, s'esvae!

Quem nos braços do genio emballado  
Teve crenças que o mundo cuspiu,  
Foi a Deus que, n'um intimo brado,  
Pediú fé, mas em vão a pediú;  
Que não solte um baldado lamento,  
Que não erga seus olhos aos ceus,  
Que lhe baste o poder do talento  
Por seu norte, seu guia, seu deus!  
Se a visão esmorece, perdida  
Outras fôrmas mais lindas lhe dae!  
— Eia, amigos, gozemos, que a vida  
É um fumo que, em breve, s'esvae!

Já soffrestes?— foi longo o martyrio?  
 Da dôr inda ao espectro fugis?  
 N'estas horas d'immenso delirio  
 Vêdes tudo por prismas gentis!  
 Por um beijo que a outrem foi dado  
 Morte — d'alma sentistel-a já?  
 E' n'um beijo mais longo, scellado  
 N'outros labios, que a vida virá!  
 A paixão tendes inda incendiada?  
 N'outro fogo esse fogo acalmae!  
     — Eia, amigos, gozemos, que a vida  
     É um fumo que, em breve, s'esvae!

Não evoque, em soluços, as dôres  
 De um amor já perdido ninguem,  
 Que nós temos mais bellos amores  
 Que um aroma lascivo aqui tem;  
 Atravez d'esses veos transparentes  
 Vêde os seios das damas pulsar,  
 E dos olhos, nos raios ardentes  
 Os sentidos deixae abraçar!  
 Seja acaso a ventura vendida;  
 Muito embora! — a ventura comprae!  
     — Eia, amigos, gozemos, que a vida  
     É um fumo que, em breve, s'esvae!

Se ha traições, se ha enganos completos  
 N'estas filhas do louco prazer,  
 Não simula tambem os affectos  
 A que é santa, a que é pura mulher?  
 Mintam pois! — a mentira ridente  
 É que esmalta a illusão a sorrir! —  
 N'um abraço bem doce, fremente,  
 Dão-nos tudo que é justo pedir!!  
 Da alegria sem fim, sem medida,  
 O segredo ao futuro arrancae!

— Eia, amigos, gozemos, que a vida  
 É um fumo que, em breve, s'esvae!

Oh! bordemos de rosas a estrada  
 Que nos hade ao sepulchro levar,  
 Seja a morte um abysmo do nada,  
 Deva acaso outro mundo apontar.  
 Nos folgares que, rapido, encerra  
 Cada instante que, assim, nos volveu  
 Ou o ceo se anticipa na terra,  
 Ou do inferno fazemos o ceu!  
 Mal s'esfolhe uma rosa pentida,  
 Outra rosa, outra flor procurae!

— Eia, amigos, gozemos, que a vida  
 É um fumo que, em breve, s'esvae!

Do prazer esta febre aviventa  
 Vivifica, se estua talvez,  
 E cantemos, que a noite vae lenta,  
 Quebre um canto da noite a mudez.  
 Quem na lyra gemeu suas dôres  
 Seja agora da festa o cantor,  
 Que s'inspire no aroma, nas côres  
 Dos licores no raro sabor.  
 Se uma frente aqui verga abatida  
 Com as notas do canto a animae.  
 —Eia, amigos, gozemos, que a vida  
 É um fumo que, em breve, s'esvae!

Tudo é bello!—o rubi, a esmeralda  
 D'essas taças vos finge o crystal,  
 De um amor que de lúbrico escalda  
 Em mil beijos buscae o signal:  
 Tudo é bello! enebriantes perfumes  
 Que rescendem, que suaves que são!  
 Mais, no brilho se avivam os lumes!  
 Mais nas chammas se ateia a paixão!  
 Tudo é bello! á existencia volvida  
 Tendes a alma, vivei e folgae!  
 —Eia, amigo, gozemos, que a vida  
 É um fumo que, em breve, s'esvae!

Nos queixumes d'intensa amargura  
É a vida bem lento morrer,  
Mas qu'importa se a magua não dura,  
Se hade ao ruido da festa ceder?  
Das feridas que gera a agonia  
Logra um balsamo as chagas curar,  
E no estrepito immenso da orgia  
Todos querem e sabem gozar!  
O qu'importa o passado? — guarida  
A' ventura no peito offertae  
— Eia, amigos, gozemos, que a vida  
É um fumo que, em breve, s'esvae!

## AO MEU AMIGO FAUSTINO XAVIER DE NOVAES

---

Tacitum vivit sub pectore vulnus.

Vire.

Quem te olhar um só momento  
Talvez te chame—«feliz»—  
Não t'escutam um lamento,  
Não prostitues o talento  
Ao mundo de que te ris,

Chamam-te feliz, e mentem  
Cega-os mais uma illusão;  
O que tu sentes não sentem,  
Não o sabem, e nem tentem  
Ir ler-t'ó no coração!

Tu ris-te,—mas no sorriso  
Que aos labios te assoma e vem  
Pausado, sereno e liso;  
Não ha sempre o paraizo,  
Existe o inferno tambem!

N'um sorriso qu'ironia  
Quantas vezes!—quanto fel  
Se é desforço da agonia  
D uma alma que se inebria  
N'uma vingança cruel!

Tu ris-te: mas foi-te imposto  
 Por ti mesmo esse dever;  
 Diz o mundo: «ri com gosto!»  
 E a mascara que has no rosto  
 Todos a olham sem ver!

Poeta, ás crenças mentiram  
 Que no peito houveste ahí!  
 Já que essas crenças cuspiram  
 Tu ris-te porque se riram,  
 Quando eras fraco, de ti!

E a turba perpassa estulta  
 Não te crê um coração;  
 Chama-te feliz, e exulta,  
 Ignora que jaz occulta  
 Sob um sorriso a paixão;

Não vê peçonha corrupta  
 No calice de uma flor;  
 Não sabe que a face enxuta  
 Revela ás vezes a luta  
 Da intelligencia e do amor!

Não lhe abres o cofre santo  
 De teus affectos. — A sós  
 Para á dôr legar um pranto,  
 Para a amor sagrar um canto  
 Tens lagrimas e tens voz!

Tens uma crença bem nua  
 Do que ás outras crenças vem;  
 Mas essa crença é só tua,  
 Um profano a desvirtua  
 Não a dizes a ninguem.



**E soffres:—o soffrimento  
Bem haja que nos prendeu!—  
É o elo do sentimento  
Que não parte o esquecimento,  
Que vigora, se nasceu!**

**Essa dôr se não se acalma;  
De malfadada paixão  
Se te cabe sempre a palma;  
Lembra-te que existe uma alma  
Que bem te comprehende, irmão!**

## AOS TEUS OLHOS

---

Tenho medo dos teus olhos  
Que são formosos de mais;  
São de um leve azul-sereno,  
São ardentes, mas fataes.

Tenho medo dos teus olhos  
Pelo que d'elles já sei;  
Ando de ha muito a buscal-os  
E nos meus nunca os achei.

Tenho medo dos teus olhos  
Mas embora... mesmo assim  
Mente-me n'elles ternura,  
Ai, deixa-os fixar em mim.

Que com medo dos teus olhos  
Que a tantos fazem tremer,  
Por olhal-os mais de perto  
Quero de susto morrer

## A LOANDA

---

Sou portuguez e poeta:  
Amo-te, Loanda gentil,  
Como quem sonhou a meta  
De um affecto que val mil.  
Amo-té casta e modesta.  
Sou poeta e na floresta  
Amo a rosa quando attesta  
Ser ahi, qual Deus a fez  
Erma flor da natureza ;  
Amo-te ainda, princeza,  
Que és heroina portugueza  
E eu tambem sou portuguez!

No mesmo berço repousas  
Co' o genio da gloria; e mais  
Quem quizer pergunte-o ás lousas  
Que aqui são de nossos paes.  
Se te disserem: «Lisboa  
Cinge, vaidosa, a corôa  
De mil gallas se povoa  
Por te ver pobre a seus pés...»  
És singela não és pobre!—  
Mostra que és rica, que és nobre,  
Rasga esse veo que te encobre,  
Dize-lhe, ó virgem, quem és!

Ser feliz se te não cabe,  
 Que não t'insulte ninguém!—  
 Dize-lhe que ella bem sabe  
 Que tens um throno tambem;  
 Dize-lhe que da existencia  
 Se já depurou a essencia  
 Que pela estrada da sciencia  
 Ella e tu dêem as mãos ;  
 Que segues os mesmos trilhos,  
 Que compartes dos seus brilhos;  
 Pois teus filhos são seus filhos  
 E todos elles irmãos!

Cá e lá a mesma terra,  
 Terras da mesma nação,  
 Na paz, nas lides da guerra,  
 Um só povo, o mesmo pão.  
 Se cá, n'este solo adusto,  
 Jaz mais de um heroe augusto;  
 Do universo o pasmo e o susto  
 Mil heroes jazem alli:  
 Cá, de um Salvador Correia  
 Parece que inda na areia  
 Escorrega, passa, ondeia  
 A sombra immortal aqui!

Perdido de amor, ó fada,  
Quiz-te o soberbo hollandez,  
Tentou deixar-te roubada  
Para si, mais de uma vez;  
Mas tu, formosura esquíva,  
Pisaste-lhe a fronte altiva  
Preferiste ser captiva  
Dos amores do teu rei,  
Do teu amante-soldado,  
Portugal enamorado  
Que já te havia fadado  
Rainha da sua grei.

Se lá no seu occidente  
Ao teu bello amante, emfim,  
O ceo lhe deu em presente,  
Por imperio, almojardim  
Em que a lympha que murmura  
Um poema de ternura  
Se espriguiça na verdura  
Que matisa o prado e o val;  
Tu, em partilha, tiveste,  
N'um virgem torrão agreste,  
Este sol que te reveste  
Do teu aspecto ideal!

Lê da historia na verdade,  
 Vae ler n'ella o teu porvir,  
 Vê ahi que um reino hade  
 Nascer, ser grande, cair.  
 Tu nasceste só, e ainda  
 Te não banha a face linda  
 Essa luz de luz infinda,  
 Que allumia outras nações,  
 Mas a fé e o alento cria  
 A par da soberania  
 Hãode vir-te ao seio um dia  
 As mais nobres ambições!

Então os dias felizes!  
 Serás tu grande também;  
 E filhos d'outros paizes  
 Hãode querer-te por mãe!  
 Então, ó timida fada,  
 Opulenta, coroada  
 No teu solio, festejada,  
 Ir-te-ha bem nobre altivez!  
 Nas gallas, porém, da festa  
 Lembra então que um canto attesta  
 Que te amou pobre e modesta  
 N'este canto um portuguez!

Loanda—1857

## O DOIDO

---

Passei.—O povo na praça  
Se apinhava todo alli;  
Olha-me a turba devassa,  
Echama-me doido, e ri.  
Reíniu a gargalhada,  
Soturna, fria, pausada,  
Perdeu-se ao longe, — pensei  
Um momento em mim; — vaidade! —  
A' turba lei, por piedade,  
O meu desprezo, e passei! —

Porque luctas, sciencia,  
Contra o genio? — não venceu  
Teus sophismas a verdade  
Nos labios de Galileu  
E era um doido: — de temência  
Alcunhaste a intelligença  
Cujo peso t' esmagou;  
Não chamaste louco ao Tasso  
Por fender n'um vôo o espaço  
Que o talento lhe apontou? —

E eu doido; porque, sósinho,  
 Não imploro amor, nem dô;  
 Firme trilho o meu caminho,  
 Mas quero trilhal-o só.  
 Ver-me só n'este degredo,  
 Não profanar um segredo,  
 Nem ir, mendigo servil,  
 Pedir gloria;— não careço  
 De vender-me pelo preço  
 De um sorriso estulto e vil.

Se soffri muito... calei-me,  
 Represa ficou a voz;  
 No inferno d'alma abrazei-me...  
 Mas eu era e a dôr a sós.  
 A ninguem pedi a esmola  
 De uma lagrîma que rola  
 Nas faces por paixão;  
 Foram só meus meus gemidos,  
 Não quiz ver prostituidos  
 Mystérios do coração.

Tantas fui n'esta alma ardente  
 Visões lindas conceber!...  
 Que desenganar pungente!  
 Encontrei uma mulher  
 Em vez das visões divinas.  
 Colloque-me entre as ruinas  
 Do meu passado e o porvir;  
 Olheja vida de perto  
 Tinha um horisonte incerto,  
 Quiz força para reagir;



**E tive-a Da dependencia  
 As algemas quebrei eu;  
 Nem sequer a esta existencia  
 Pedi o influxo do céu,  
 Porque uma vez, — não m'esquece —  
 Balbuciei uma prece.  
 D'angustia soltei um ai,  
 Da magua o brado no aneio  
 Que não teve ecco no seio  
 De um senhor que é Deus... que é paet**

**Ao soffrimento puz termo,  
 Suffoquei n'alma as paixões,  
 E no peito achei um ermo  
 De affectos, de sensações;  
 Parti de um golpe as ca deias  
 Que me a nciavam; — e nas veias  
 Livre o sangue tem calor;  
 Encontro-me só, mas forte,  
 Salvo o espirito da morte,  
 De um marasmo assustador,**

**D'estes hombros n'um momento  
 Arrojei ao longe a cruz;  
 E pedi ao pensamento  
 Em vez das trevas a luz.  
 Quiz ver e vi: que não sente  
 Ninguem, que a palavra mente  
 Que quer dizer — coração —  
 É o homem meu inimigo  
 E ao que me bradou — amigo —  
 Recusei volver-lhe a mão.**

Da mulher á face impura  
Que me fallou em amor  
Com hypocrita candura,  
Com calculado fervor,  
Com mentido enthusiasmo,  
Cuspi acerbo o sarcasmo;  
Forcei-a aos olhos baixar;  
E a mulher, e o homem vingaram  
Tamanha affronta, e bradaram:  
«Deixem o doido passar!»

O doido passa;—não venha  
Ser-lhe d'estorvo ninguem.  
N'um abysmo se despenha  
Rindo ao mal e rindo ao bem?  
Que vos importa, se expande  
Sua alma assim?—se elle é grande  
Porque em si é grande a fé;  
Se vós tremeis por bem pouco...  
Porém vêdes sempre o louco  
Firme, impassivel, de pé!

## POR TI

---

Vivo; vivo:— estou vivo, querida,  
N'este peito que morto senti,  
Brot a força da seiva, da vida  
Com que eu vivo, ó meu anjo, por ti.

Ai, de ti me partiu nova essencia,  
Tanto alento de novo me vem,  
Que nem morro, me finda a existencia  
Senão quando morreres tambem.

Este amor é que o sangue me aquece,  
Só, tu morta, se fina este amor  
Como a luz sem o sol s'esvaece,  
Como o aroma s'extingue co'a flor.

Nem este elo se parte, querida,  
Que no peito que morto senti,  
Brot a força da seiva, da vida  
Com que eu vivo, ó meu anjo, por ti.

Já, na infancia, de sonhos formosos  
Esta mente por ti povoei,  
Quem me dera a innocencia dos gozos  
Que, contigo sonhando, gozei!

Foi por ti que mais tarde, sem tino,  
 Te deixei soletrar a paixão  
 Que a teu ser me prendia o destino,  
 Que a teu ser me algemava a razão!

Quando um dia aos meus sonhos afeito  
 Do lethargo senti-me acordar,  
 E que disse ao meu peito: «meu peito,  
 Porque luctas, não cessas de a amar?»

E que disse ao amor: «porque, pobre,  
 N'essas chammias estuas aqui?»  
 E que pude abafal-o tão nobre...  
 Foi ainda, meu anjo, por ti!

Oh! que foi;—que eu bem vi que m'iria  
 Ao abysmo a arrastar-te uma vez;  
 E eu apenas amar te podia,  
 Que provar-t'ó... nem isso talvez!

Foi por ti que do vicio os segredos,  
 Fundo olvido a buscar, penetrei,  
 Das orgias nos ebrios folguedos  
 Foi por ti que de ti me olvidei.

Quantas horas de dôr insoffrida  
 N'um viver d'esperanças tão nul  
 Porém sempre o sonhar de outra vida,  
 E tu sempre nos sonhos, só tu!

Se hoje alento meu seio recobra  
N'este amor em que já renasci,  
Ai, é tua, contempla esta obra,  
Porque eu vivo, ó meu anjo, por ti.

Sempre, oh! sempre. — Este amor não fenece,  
Só, tu morta, s'extingue este amor  
Como a luz sem o sol s'esvaece,  
Como o aroma s'extingue co'a flor!

# A CAÇADA DO 'DIABO

## BALLADA

A THOMAZ RIBEIRO

---

### I

O; moço conde, Lourenço  
Amava a bella Clotilde,  
Que não era a flor humilde  
Que desponta em ermo val;  
Mas a rosa festejada  
Altiua, feliz, rainha,  
A cuja vista definha  
D'inveja qualquer rival.

Se Clotilde amava o conde?!  
Não havia em toda a Hespanha  
Typo de graça tamanha  
Tão varonil e loução;  
Dotado de esforço raro,  
Em partes de gentileza,  
Nunca dera a natureza  
A ninguem maior condão.

Amavam-se os dois. A infancia  
 Fôra-lhes larga promessa  
 Que mal no berço começa  
 E attenta já no porvir:  
 Perenne festa innocente,  
 Manhã sem nuvem sombria  
 Por luz o sol da alegria,  
 De noite um sonho a sorrir !

Cresceram juntos. A idade  
 Não lhes deu um novo affecto,  
 Porém tornou mais completo  
 O que em si nutriam já ;  
 Veiu a esperança dourada,  
 O estremecer do desejo  
 Das imagens o cortejo,  
 Que o prisma do amor só dá.

Jovens, ricos, livres ambos,  
 Porque retardar o enlace  
 Que em realidade tornasse  
 O aspirar de tanto amor ?  
 Pois, nos jardins da existencia,  
 Não é suprema loucura  
 Sentir, palpar a ventura  
 E não lhe colher a flor ?

Mas n'esses tempos ditosos  
 Da antiga cavallaria,  
 Quadra d'heroica poesia,  
 Vasta epopeia immortal ;  
 Só resplendia a corôa  
 A que os louros do combate  
 Punham o bello remate  
 Que da gloria era 'o signal.

Por isso o conde a Clotilde  
 Dizia: — «longe o receio.  
 Porque franqueias o seio  
 A' tristeza em que te achei?  
 São dois annos; — breve passam —  
 E apoz a nobre fadiga  
 Das victorias, eu, amiga,  
 A teus braços volverei.

«Coras? tremes? são ciumes?  
 Apaga-os no extremo abraço,  
 Que eu não levo n'alma espaço  
 Para dar a mais ninguem.  
 Soluças? choras? tens medo?  
 Emquanto vivas, querida,  
 Se me fica em ti a vida,  
 Sabe que eu vivo tambem!»

E ella respondia: — «parte,  
 Fica illeso o sentimento;  
 Perdoa tu um momento  
 De fraqueza, curto foi;  
 Pedirá, durante a ausencia  
 Em que é tudo escuridade,  
 Um riso á sua saudade  
 A que é noiva de um heroe!

«Quando das noites a aragem  
 Te chegar em sons ignotos  
 Recorda os ardentes votos  
 Do teu, do meu coração:  
 E emquanto ceifas as palmas  
 De lidador extremado,  
 O vestido do noivado  
 Bordarei por minha mão!»



Depois um longo suspiro  
 Em que os labios se juntaram,  
 E o só beijo que roubaram  
 Ao futuro alli se ouviu ;  
 Ella ficou-se enlevada  
 A fronte meio pendida ;  
 Elle o adeus da despedida  
 Balbuciou e partiu !

## II

Findaram dois annos. Ao conde Lourenço  
 Coroaram triumphos em cada paiz ;  
 Das lides porfiadas no estrepito immenso  
 Sellou-se-lhe a gloria dos feitos gentis.

Passára nas guerras tal rapido o raio,  
 Vencera qual vence soberbo o leão,  
 Que espalha terrores, que leva o desmaio  
 Aos peitos mais fortes que adversos lhe são.

Das terras que andára correrá aos torneios,  
 Os brios na liça lhe foram fieis ;  
 As damas tentaram, nos magos enleios  
 Prender-lhe os affectos ao dar-lhe os laureis.

Vaidosas princezas, salvando o recato,  
 Pediram, esposas, premiar-lhe o valor ;  
 Mas elle só tinha na mente um retrato,  
 Nos labios um nome, no peito um amor.

Da bella Clotilde saudosa lembrança,  
 Banhada em perfumes, radiante de luz,  
 Não riscam promessas de nova esperança ;  
 O brilho das côrtes nem mesmo o seduz !

Findaram dois annos da ausencia o desgosto.  
 O conde resolve volver ao solar,  
 Mas passam-lhe ás vezes, sombrios, no rosto  
 Reflexos presagos de um grande pezar.

Quem sabe o que fôra? da vida quem sonda  
 No oceano revoltado, seguro, atravez?  
 Nos vagos rumores, na espuma da onda,  
 Que maguas se occultam, que abysmos talvez!

O conde partira; — marchára; bem perto  
 As terras formosas da patria já tem;  
 E o olhar indeciso divaga-lhe incerto,  
 Revela tristezas, mysterios contém!

Os pagens o seguem. Na noite marcada  
 Ao termo anhelado da viagem por fim,  
 Um vulto destaca das sombras da estrada  
 Das redeas lhe trava, fallando-lhe assim:

«Despede os teus pagens; envia-os depressa!  
 Dizer que és chegado, não tardas em ir;  
 Cumpri, não ignoras, a minha promessa;  
 É bem que te lembres de a tua cumprir!

### III

Fôra o caso Dias antes  
 De se ir a terras estranhas,  
 Vivia em luctas tamanhas  
 Do moço conde o pensar,  
 Que uma noite em que saíra  
 Pelas devezas, sósinho,  
 Se transviára no caminho  
 E alli ficára a scismar.

«Vou-me ao longe a buscar gloria,  
 Quantos a buscam debalde!  
 Porque uma fronte engrinalde  
 Muitas se rojam no pô,  
 Voltarei? — voltando, acaso  
 Será Clotilde partida,  
 E ter-lhe-ha fugido a vida  
 Por se ver e sentir só?

«Depois... é leviano o affecto  
 Que a mulher concebe e sente,  
 O protesto mais ardente  
 Quantas vezes esqueceu!  
 D'encontro á duvida amarga  
 Vejo abalar-se a firmeza.  
 Quem me dera uma certeza»  
 — «A certeza dou-t'a eu!»—

Lourenço estremece. Immovel,  
 Distingue, contempla, encara  
 O que, por forma tão rara,  
 Seu cogitar perturbou.  
 Era uma visão apenas  
 Que os sentidos lhe feria  
 O ente que assim respondia  
 Ao que tão baixo fallou?

Não era; e eis logo prosegue:  
 — «Da guerra terás os louros,  
 E terás os mais thesouros  
 Que tu invejes tambem;  
 Acharás, na volta, a amante  
 Fiel á fé promettida;  
 Dar-te-hei cem annos de vida,  
 Dar-lhe-hei a ella outros cem.

«Dos teus menores desejos  
Realisarei o segredo,  
De pedir nem hajas medo  
Tudo quanto te seduz ;  
Só em troca na hora extrema  
Que minha tua alma seja ;  
E que enquanto te proteja  
Te esqueça o signal da cruz !

«Queres ?» Ao conde a surpresa  
Deu treguas ; fugiu-lhe o susto,  
E no espirito robusto  
Se apagam receios seus ;  
Pensou comsigo: «esta offerta  
Tenta bem ; doura-me a vida.  
E d'esta na despedida  
Posso abraçar-me com Deus !»

«Queres ?»--«Quero.» —«Juras?»-«Juro».  
Mas no seio o que passára  
Do conde não escapára  
Do outro ao mais profundo olhar ;  
E n'um sorriso sinistro  
Ajuntou: — «não me retracto .  
Para firmar este pacto  
Hasde commigo caçar.

«Dos paizes que percorras  
Será só ao teu regresso,  
Porque vejas que o começo  
D'esta jura já cumpri !»  
Disse ; e, como apparecera,  
Desappareceu ; no espaço  
Que occupára, nem um traço  
Lhe attestára a vinda alli.

Na volta do conde, exacto,  
 A' caçada o convidava,  
 Fôra-lhe a promessa escrava  
 Era a sua vez de senhor.  
 «Despede, pois, os teus pagens  
 Se não has do medo o abalo,  
 Monta, n'est'outro cavallo  
 Que é mais forte corredor!»

## IV

«Galopa, a galope! Descobre a floresta,  
 Que peças de caça nós vamos matar!  
 É hora propicia, prepara-te á festa  
 Da noite é nas trevas que eu uso caçar!»

Que immenso tumulto! — tropel inaudito  
 De mil invisíveis cavallos se ouviu;  
 As vozes do inferno confunde-as um grito,  
 Tremendo, horroroso, no espaço subiu!

«Galopa, a galope!» Dos cães os latidos  
 Se juntam das aves da morte ao piar;  
 Da terra as entranhas exhalam gemidos,  
 As danças de espectros se agrupam no ar!

O côro soturno de atroz gargalhada  
 Dos anjos perdidos simelha o trovão;  
 Sanguentos sudarios se estendem na estrada,  
 Abyssos profundos se cavam no chão!

«Galopa, a galope!» Do vento as lufadas  
 Contorcem-se os troncos que vão estalar;  
 Enxergam-se as rezes, no matto lançadas,  
 Quaes monstros informes correr e passar.

Despenham-se ao longe ruidosas torrentes  
 Que ameaçam o solo de um salto invadir ;  
 De nova tormenta nos hymnos plangentes  
 Que lugubres notas se fazem sentir !

«Galopa, a galope!»—Durava... durava  
 A longa caçada, não pode parar;  
 E o conde, tremendo, cançava... cançava  
 Na louca vertigem de tal galopar!

Rescendem no ambiente nauseantes perfumes  
 Que o antro da morte sómente produz,  
 Accendem-se, perto, satanicos lumes,  
 Os raios se cruzam de livida luz.

«Galopa, a galope!»—Qu'ingente delirio!  
 O termo á corrida não hade chegar?  
 Ao conde, na frente curvada ao martyrio,  
 Gelados suores em fio a manar!

Um breve descanso nem mesmo pedia,  
 C'o negro destino sentia-se a sós,  
 Phantasma impellido, corria... corria  
 Cadaver sem gestos, estatua sem voz!

«Galopa, a galope!»—Na furia redobra  
 O negro cavallo, não sabe cançar;  
 Alentos na propria fadiga recobra  
 Os pés sobre a areia sem quasi pousar,

Funesta promessa!—tres vezes maldito  
 Aquelle que as juras ligaram assim!  
 Qu'immensa floresta!—qu'espaco infinito!  
 Que doida carreira!—que noite sem fim!

«Galopa, a galope!» repetem as penhas,  
 E o conde seguindo... seguindo a caçar;  
 Descera as encostas, galgára as montanhas,  
 Librado nas azas do arrojo sem par!

Findara o encanto; quebrou-se o mysterio.  
 Os eccos o canto do gallo acordou  
 Em sons estridentes, e o manto funereo  
 Das sombras esvae-se, que o dia raiou!

«Galopa, a galope!» de forças exausto  
 O conde inda o brado parece escutar;  
 Mas soffrego aspira das auras um hausto,  
 E ás veias o sangue percebe voltar.

## V

Trepa emfim o extremo outeiro,  
 Chega o conde ao seu castello;  
 Mas de avistal-o, de vêl-o  
 O assombro n'alma sentiu:  
 Cobre o musgo a cantaria,  
 No fosso a ponte quebrada,  
 Allue-se em parte a fachada,  
 Uma torre já caiu!

«Pastor, do conde Lourenço  
 O castello não é este?»  
 —«É, senhor.» — «Onde nasceste?»  
 «É d'esta aldeia que eu sou.»  
 «E o moço pagem Velasques?»  
 Inquire inda o conde absorto.  
 —«Ha quantos annos é morto!  
 Era o pagem meu avô.» —

O conde hesita, vacilla,  
 Ao muro s'encosta um pouco,  
 Sente passar-lhe do louco  
 Pela mente o denso veu:  
 «E Clotilde vive ainda?»  
 — «Arrasta a vida, coitada,  
 Habita a sala doirada  
 Desde que a razão perdeu!» —

Sobe o conde: — em ruina a escada,  
 Chega á porta; bate, insiste...  
 Uma voz rouquenha e triste  
 Geme dentro uma canção:  
 «Chega emfim; quero mostrar-te,  
 Meu lidador extremado,  
 O vestido do noivado  
 Que bordei por minha mão.»

Cede a porta; era uma velha  
 Na dobadura dobava;  
 Mal no conde os olhos crava  
 Se deixa morta cair.  
 Era Clotilde, a formosa,  
 Tinha alli perto dobrado  
 O vestido do noivado  
 Que não chegára a vestir.

«Quero ver-me ao meu espelho.  
 Devo tambem ter mudado.»  
 Mas viu o rosto rosado,  
 E branca, e macia a tez.  
 E o conde de persignar-se;  
 E apenas assim fazia,  
 Uma ruga apparecia  
 Sobre a face d'esta vez!



Os cabellos lhe embranquecem  
No olhar a vista esmorece,  
Todo o vigor lhe fallece  
Nos convulsos membros seus:  
«Oh! maldito o anjo das trevas,  
E o imprudente juramento!  
Possa do eterno tormento  
Ao menos livrar-me Deus!»

## VI

Sabidas as contas, o diabo á caçada  
Votara cem annos, sem nunca parar;  
Cumprindo a promessa que fôra jurada  
Do engano do conde se soube vingar!

Janeiro—1864

## DESALENTO

--

Porque morres, minha vida?  
Porque te sentes morrer?  
Porque te vergas, pendida?  
Porque te deixas pender?  
Porque morres ~~minha~~ vida?

Meu amor, porque fugiste?  
Onde existes, meu amor?  
Porque ao chão t'inclinas triste,  
Porque murchas, pobre flor?  
Meu amor, porque fugiste?

A existencia é porventura  
Este continuo soffrer?  
Sem um raio de ventura,  
Sem uma hora de prazer,  
A existencia é porventura?

Ai, que dôr! ai, que saudade  
De um passado que s'esvae!  
Mas revivel-o quem hade?  
Mas dar-lhe alento quem vae?  
Ai que dôr! ai que saudade!

Emmudece, minha lyra,  
Jaz bem morta a vida em mim:  
Não aneia, não suspira,  
Não ama, não vive em fim.  
Emmudece, minha lyra!

1856

## NO ALBUM

DA EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup> D. M. C. D. R. NAZARETH

---

Eu quizera n'esta folha,  
Na folha branca, de neve,  
Singelo canto e o meu nome  
Ir traçar co'a dehil mão.  
Um receio me consome:  
Quem me diz a mim se a penna  
Mancha a folha e não escreve,  
Se o poeta se condemna  
Ao fugir-lhe a inspiração,  
E desprende um canto breve,  
Triste, frio, sem que o anime  
Uma nota de harmonia,  
Um só raio de paixão?  
Fôra mais que um erro, um crime!  
Ir um hymno sem cadencia,  
Sem encantos da poesia,  
Offertar-te... eu não o devo;  
E o socego da consciencia,  
O remanso, a quietação  
A minha alma ha tanto anhela...  
Que escrever?— eu não escrevo  
N'este teu livro, donzella,  
Não posso— não,

Depois... eu tenho soffrido  
Mas tanto, mas tantas dôres...  
E o fructo dos meus amores  
Foi, virgem, tão amargoso;  
E comprei tão caro um gozo  
Que gozei; e ainda me vão  
Tão profundas as feridas  
Que este peito me hão rasgado  
Nas luctas de uma paixão;  
E levo já tão perdidas  
As illusões do passado;  
E foi tão intenso o gelo  
Que veio assentar-se, frio,  
Sobre as ruínas de um vulcão  
Que houve em mim; e o desvario,  
Com que eu buscava um anhelô  
Para outra alma, acabou cedo  
Mas tanto... que tenho medo  
De dizer-te quanto sinto.  
É facil do labio impuro  
Resaltar descrida phrase  
Triste, amarga como o absyntho  
Que ao desespero se case  
Em que vivo, e vá turbar-te  
A paz do teu coração;  
Posso, sem querer, manchar-te  
O crystal limpido e puro  
Da tua maga existencia,  
E eu bem vejo que o não devo:  
E o socego da consciencia,  
O remanso, a quietação  
A minha alma, ha tanto anhela,  
Que escrever?... eu não escrevo  
N'este teu livro, donzella,  
Não posso — não,

Como o homem se desmente!  
Pois não fui tão imprudente  
Que tracei, co'a debil mão,  
Singelo canto e o meu nome  
Na folha d'este teu livro!  
E o receio que consome,  
Que eu dissera, — tanto opprime,  
E o socego da consciencia,  
O remanso, a quietação  
Que a minha alma, ha tanto anhella,  
Que eu invocara, onde estão?  
Commetti talvez um crime:  
Foi erro da intelligencia;  
Valha-me, ao menos, donzella,  
O teu perdão. —

## AO MAR

EM VIAGEM DEPOIS DE MUITOS DIAS DE CALMA

*Para ser recitada n'um theatro da marinhagem  
a bordo da fragata D. Fernando*

A. S. COSTA

---

Não tem toda a natureza,  
Não ha na terra, no ar,  
Este cunho de grandeza  
Que Deus estampou no mar!  
Foi o meu amor primeiro;  
E, poeta—marinheiro,  
Devo ao mar uma canção,  
Mal que um receio me opprima  
De que possa ser a rima  
Infiel á inspiração!

Eia pois :— ó mar gigante,  
 És grandioso como o ceu,  
 Quando sacodes, possante,  
 Nobre e altivo o collo teu,  
 E mais quando... — Aqui tropeço...  
 Não vae bom este começo,  
 N'outra parte isto já vi ;  
 Forte coisa é o plagiato !  
 Marinheiro-litterato  
 Da moda ao uso cedi !

Eu amo o indomito oceano  
 Que s'espriguiça a meus pés,  
 Que me cinge o barco ufano  
 Desde a pôpa ao gorupez ;  
 Como adoro o lyrio bello  
 Que desponta... — Isto é singelo,  
 Mal comparado tambem:  
 Pede mais o assumpto grave,  
 E se não mudar de clave  
 Não me fica a ode bem !

Eu folgo ao ver a procella  
 No abysmo a fragata erguer,  
 Gemendo, romper-lhe a vela,  
 Rugindo a ameaçar sorver ;  
 Depois... na lucta fremente...  
 —Nada; o canto é imprudente  
 Póde ser agouro assim,  
 E, sem mastros, ir a pique  
 O navio, ou Moçambique  
 Ter de ver, de novo, emfim !



O mar que em suave bonança  
 O azul reflecte dos ceus,  
 É o leão que descança  
 N'um somno digno de um Deus!  
 —Mas aqui parte-se-me a alma  
 Que, ha tantos dias, em calma,  
 Cantar a calma não sei;  
 E, á força de calmaria,  
 A musa, o estro, a poesia  
 Para a calma, em calma achei!

Quando a brisa susurrante  
 Vem todo a panno infunar,  
 E sobre a vaga espumante  
 Faz o navio passar  
 Tão veloz... —Ai, que isto é petal  
 Tocou a descrença a meta,  
 Que tal brisa já não ha!  
 É engano em qu'inda lucto;  
 Morreu a brisa e de luto  
 Em sua casa o vento está!

Quem os mysterios sondara  
 Que as vagas contém em si!  
 Quem estudal-os lograra,  
 Que cantos fizera ahi!  
 Mas fôra empresa—colosso  
 E eu estou fraco, e não posso,  
 Torturo o espirito em vão  
 Não firmarei a epopeia  
 Nos dominios da baleia,  
 No imperio do tubarão!

Para que dos elementos  
 Tentasse cantar o rei,  
 Não vi accordes accentos,  
 Rebelde a lyra encontrei;  
 Que isto de viajar parado,  
 N'um lago immenso estanhado,  
 Faz nascer fundo turpor  
 Em que a consciencia adormece,  
 E de tudo o mais s'esquece  
 A sonhar c'um bom vapor!

Na apathia, no marasmo,  
 Em que a vida não reluz,  
 Gelar-se sente o enthusiasmo  
 Que vivifica e seduz.  
 Não ha já mais noites bellas,  
 Não ha brilho nas estrellas,  
 Nem o sol, nem o luar  
 Alentam o sentimento;  
 A poesia é movimento  
 Como, sem elle poetar?

E eu bem sei que a natureza  
 Não tem na terra, no ar,  
 Este cunho de grandeza  
 Que Deus estampou no mar!  
 Mais bellezas nada encerra,  
 E quando eu chegar a terra  
 Do mar bem longe, — antes não, —  
 Prestar-lhe-hei toda a homenagem  
 De respeito e vassallagem  
 N'uma seutida canção!

No mar, março — 1863

## ADEUS A LISBOA

---

Adeus, Lisboa, adeus; mira-te embora  
Nas aguas d'esse Tejo, todo amores,  
Que eu por ti de saudade immensa agora  
Nos olhos levo o pranto e n'alma as dôres!

E vou deixar de ver-te a maga fronto,  
E vou teus ceus trocar por outros ceus;  
E mal posso ao perder-te no horizonte  
Dizer-te ainda adeus, rainha, adeus!

Que dôr! mal sabes tu que dôr é esta!  
Em que espelho infernal se não rterata,  
Que em lagrimas contada as faces cresta,  
E no peito represa aneia e mata!

E soffro-a eu assim: — e cresce ainda,  
São mil dôres profundas n'uma dôr;  
Porque n'esta hora de tortura infinda  
Eu perco mil amores n'um amor!

A paixão, a esperança, a luz, a crença  
Eu sinto me abandonam já, querida,  
Porque n'esta hora de agonia intensa  
Lego, ao deixar-te, no teu seio a vida!

E tudo, ai, tudo ahi te fica, encerra  
 Teu nome as mil venturas que sonhei,  
 Que eu nada quero mais de toda a terra,  
 Que do resto do mundo eu nada sei!

E longe, longe... vivirei, amiga,  
 De um triste recordar que me has deixado,  
 Vago reflexo de uma luz antiga,  
 Ultimo alento de um viver magoadol

Morrer?! não posso, que heide vir um dia,  
 E em teus braços, contigo, delirar,  
 Aspirando um futuro de poesia  
 De um passado de angustias despertar ;

Pedir que um raio teu, candida estrella,  
 Quasi—extincto fanal d'esta alma avive,  
 E perguntar-te então: que é feito d'ella,  
 Se é morta para mim, se por mim vive!

E heide em ti reviver que sem conforto  
 Eu vou teus ceus trocar por outros ceus;  
 Sentindo apenas qu'inda não sou morto  
 Por dizer-te, rainha, adeus, adeus!

No mar

## REGRESSO

---

A saudade não mata. De ha muito  
Eu a vida extinguir-se sentira,  
Já de ha muito estalara esta lyra  
Se matassem saudades de amor.  
A saudade, sósinha, no peito  
Não se aninha ;—acompanha-a a esperança  
Se uma vela, a outra vela e alcança  
Temperar com sorrisos a dôr.

Chego emfim.—Não é sonho, meu anjo,  
Já teu ser eu presinto de perto,  
Já vae longe esse immenso deserto  
D'essas costas longiquas de além!  
Chego emfim;— e ainda sangram feridas  
Que me anciaram nos dias de luto;  
Mas é pago o funesto tributo,  
E ha já flores n'esta alma tambem!

Oh! bem haja a esperança celeste,  
Casta filha de branca roupagem  
Que meus sonhos povoava da imagem  
De teu rosto sereno e gentil;  
Era a suave expressão da fé pura  
Apontando o porvir tão querido,  
Alastrando-me o espaço vencido  
Dos perfumes das rosas de abril!

Chego emfim: — eis-me pois; e da ausencia  
 Vae findar o insoffrido tormento;  
 Vae chegar o anhelado momento  
 De estreitar-te nos braços emfim,  
 E talvez o luar melancolico  
 Que esta noite d'encanto esclarece,  
 Que t'inspire tambem uma prece  
 Ou um canto sentido por mim.

Talvez—sim—nossas almas fadadas  
 As confunda uma só harmonia,  
 Se no seio as uniu sympathia  
 Invencivel que existe entre nós:  
 Que nas almas que assim se comprehendem  
 Uma da outra é a parte mais cara;  
 A distancia nem mesmo as separa,  
 Não as deixa o amor nunca a sós.

E se acaso não fôra este laço  
 Mysteroso que assim nos estreita,  
 Não seria a esperança desfeita  
 Já d'encontro a tão longo penar?!  
 Tantos annos na duvida extinctos  
 Não soffrera um só peito a anciedade  
 Se outro peito não fôra a metade  
 Em partilha sublime implorar!

Chego emfim: — e, ao chegar, a alegria  
 Da tristeza respira o perfume,  
 Que o passado e o presente resume  
 Este instante de santo prazer;  
 E eu não sei se o futuro, meu anjo,  
 Este affecto innocente condemna,  
 E se a angustia que a vida envenena  
 Para nós hade ainda volver?!

E qu'importa?—na terrá, a ventura  
Se não coube a este amor... que lhe reste  
De grandeza o seu cunho que atteste  
Que em soffrer fomos grandes tambem.  
Se o martyrio por fim nos aguarda...  
Bem que a vida mais grata nos foſse  
Será inda bem suave, bem doce  
Ver que a morte a um tempo nos vem!

Porém lugubre cesse o receio!  
Longe, longe a oppressora lembrança!  
Mais se avive o calor da esperanza,  
Mais a crença te anime e a mim!  
Que por ora ha só galas de festa  
Que, esquecido o passado tormento,  
Vae chegar o anhelado momento  
De estreitar-te nos braços emfim!

Abril—1863

## UMA LAGRIMA NO TUMULO DE \*\*\*

---

Ai, quem julgara, querida,  
Que da partida o adeus  
Era deixar-te na terra  
Para só te achar nos ceus?!

Quem pensara, ao ver-te a fronte  
Em tanta luz embebida,  
No crepusculo da noite  
E não na manhã da vida?

Quem dissera que do mundo  
Te roubaria tão cedo  
O archanjo da morte pallida  
E te levara em segredo?

Que teu olhar doce e suave  
Mal o mundo apercebia,  
E que espaços infinitos  
De outros mundos antevia?

Que essas auras, que os cabellos  
Meigamente te afagavam,  
Eram sopros, eram vozes  
Que para o ceu te chamavam?



Que o teu corpo cuja seiva  
 Nas faces transparecia  
 Em vez de cingir-se á vida  
 Para o sepulchro pendia?

Que essa voz cuja harmonia  
 Em tantos sons tu me deste,  
 Não era um canto da terra  
 Mas sim um hymno celeste?

E que, ao regresso, coitado,  
 Proferindo o nome teu,  
 Só respondera um soluço  
 E uma palavra: «morreu!»

Ai, que é triste; e eu blasphemara  
 N'um paroxismo de dôr  
 Se não soubera que existes  
 No regaço do Senhor.

Remontaste á tua essencia,  
 A' tua patria, e bem hade  
 Proteger a tua imagem  
 A minha humilde saudade.

Não é insulto; é tristeza  
 De me ver assim mesquinho  
 Sem o sol d'essa amizade  
 Que me apontava o caminho!

Mas eu sei que lá és viva;  
E lá, no eterno esplendor,  
Sê tu ao nauta perdido  
Quasi dos parçeis á flôr,  
A esperança, a luz, a crença,  
O anjo do divino amor.

1863

## DESPEDIDA

RECITADA NO THEATRO ACADEMICO  
POR OCCASIÃO  
DA FORMATURA DE ALGUNS CONTEMPORANEOS AMIGOS

---

No alvorecer da vida, ainda na infancia  
Sonhei mil sonhos de visões formosas;  
Sonhei que se alastrava, entre perfumes,  
Da vida a estrada de jasmims e rosas.

Sonhei que nos jardins d'esta existencia  
Nunca o martyrio colheria aqui,  
Nem a negra corôa dos espinhos  
Que um dia á frente a enlaçar-se eu vi.

E nas lides do estudo, enas da sciencia  
Sonhei ter ganho verdejante a palma;  
Na gloria acreditei: na do talento  
Que as pulsações lhe presentia na alma.

Sonhei amores, castos uns, tão puros  
Que eram imagem de um amor do ceu;  
Outros, na mente estuando em vivas chammas,  
Febris, immensos, desenhei-os eu.

Em sonhos, no banquete da alegria  
 Sentei-me e a crença se assentou comigo:  
 Cada labio alli falla de amizade,  
 Cada conviva estende a mão de amigo.

Sonhei. O sonho extingue a realidade;  
 As folhas leva o turbilhão á flor,  
 O dia apaga o brilho das estrellas,  
 A fé succumbe sobre o altar da dôr!

—

É a vida triste e curta.  
 E as horas rapidas vão;  
 E cada hora passa e furta  
 Uma crença, uma illusão.  
 Da vida fatal problema  
 Em que hoje soffre e blasphema  
 O que hontem riu e cantou,  
 Em que o côro de uma orgia  
 Entre os brados da agonia  
 Ao mesmo espaço voou!

Ai, meus dias d'innocencia!  
 Ai meus sonhos que perdi!  
 Não pagam oiro nem sciencia  
 Gozos que n'elles bebi!  
 Cada dia é mais um laço  
 Que se parte, e a cada passo  
 Ha na vida a decepção;  
 É martyrio o sentimento,  
 A intelligencia um tormento,  
 Um inferno o coração!

Um inferno?—e não—quem sabe?  
 É d'esta dôr o pungir  
 Que no peito me não cabe,  
 Vem dos labios a sair;  
 E' que o sonho, o só querido  
 Em que acordado hei vivido  
 Morre n'esta hora fatal :  
 Era o culto da amizade  
 De que só resta a saudade  
 Por padrão e por fanal!

Amigos sonhado havia,  
 Achei-os, perco-os emfim;  
 Prender-nos a sympathia  
 E vêl-os partir assim...  
 E dias tão bem vividos,  
 E mil gozos compartidos  
 De que, amigos, vos lembraes;  
 E esse tempo tão saudoso,  
 Esse passado formoso  
 Não reviver nunca mais!

É triste, meu Deus, e custa  
 Tanto esta dôr a soffrer,  
 Que se a affeição é robusta  
 Ai, que mais custa a esquecer!  
 Coragem! — seguis o trilho  
 Da estrada d'immenso brilho,  
 A gloria espera por vós;  
 E devera do futuro  
 Que tendes radiante e puro  
 Fallar-vos só esta voz!

Meus irmãos, partis, qu'importa  
Se era fatal o partir?  
Não fique a esperança morta  
De mais risonho porvir.  
Comnosco fica a lembrança  
De um affecto que não cança,  
Levae comvosco essa flor;  
É triste; mas tem encantos,  
Que ha doçura n'estes prantos,  
Que ha prazeres n'esta dôr!

1855

## A UMA CRENÇA

---

Do sofrimento, innocente,  
Inda não provaste o fel;  
Da existencia na corrente,  
Te deslizas docemente  
Fragil, formoso baixel.

A historia dos desenganos  
Inda a razão t'a não diz,  
Nas azas dos teus seis annos,  
Folgas em ledos enganos,  
Vôas ao ceo, e sorris.

A dôr inda não te alcança  
Tens a dôr por sombra vã;  
Dormes junto da esperança,  
Mas o despertar, creança?  
Serás homem amanhã!

Viveras mais um momento  
Da innocencia, tenra flor,  
Nada te fôra o tormento  
Se co'a palma do talento  
Te não marcara o Senhor.

Fatal dom da intelligencia  
E' esse que em ti nasceu;  
Bebe no pranto a existencia,  
Tem martyrios por essencia,  
Soffre o inferno e sonha o ceu!

Ai, creança, é triste a sina  
Que na terra hasde cumprir.  
Nem um raio t'illumina  
Além da espessa neblina  
Que te aguarda no porvir.

É bem negra a prophesia  
Mas, como vives, vivi;  
Foi-se depois a alegria  
E nas ancias da agonia  
Como hasde morrer morri.

Da angustia no torvo abysmo  
A existencia perdi já,  
Foi da dôr n'um paroxismo  
Que encontrei o galvanismo  
Que a vida ao corpo me dá!

Mas ao olhar-te, innocente,  
Descuidoso assim do mal,  
Pungiu-me o ver-te contente  
Caminhar tão ledamente  
D'encontro á sorte fatal!



## MORRER ?!

DEPOIS DA LEITURA DE UMA MIMOSA POESIA  
DA EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup> D. JULIA DE GUSMÃO, INTITULADA :

### *Desejo a morte*

---

Morrer desejas? que loucura! acaso  
Se apura a vida no fatal chrysol?  
Deseja a estrella porventura o occaso?  
Anhela as trevas porventura o sol?

Mal o perfume da existencia aspira  
Tua alma, e sente afadigar-se cá?!  
Um canto apenas te desprende a lyra  
E quer calar-se no sepulchro já?!

Morrer, donzella, não sonhada, ignota,  
Deixando a lingua que se aprende a amar?  
Morrer, poetisa, na primeira nota  
Do hymno em flor que deverás cantar?

Morrer?—não sabes que esse *atroz desterro*  
Promessas guarda de valor a ti?  
Morrer?—blasphemias!—é um crime o erro  
Que um anjo faz a duvidar de si!

Bem que teu corpo no recinto exista  
 Onde dos homens não penetra a voz;  
 Teu nome ajunta a providencia á lista  
 Dos que o futuro conquistaram sós.

Morrer, mentindo á missão augusta  
 De erguer os cantos que t'inspira Deus?  
 Negar a frente em que se a palma ajusta  
 Que aos vates mandam de presente os ceus?

Morrer?!—morrer?! e nem, ao menos, pensas  
 Talvez não sejas, como crês, tão só;  
 Comtigo arrastes de alguém mais as crenças  
 E queres tudo sepultar no pó?!

Porque, isolada, tens ahí vivido  
 Julgas tu sempre caminhar assim?!  
 Não que o destino tem de ser partido,  
 E hade ir o mundo demandar-te emfim!

E então, rainha, do prazer cercada,  
 A's turbas hasde tuas leis impôr;  
 E a offrenda d'alma, por amor sagrada,  
 Irão os genios a teus pés depôr.

E então lá quando eu divisar brilhante  
 A face tua a irradiar paixão;  
 N'esse supremo, bemfadado instante  
 E' bem que a morte eu a supplique então.

Que então, ao ver-te enamorada e linda,  
 Sem que o meu nome já te lembre, ó flor;  
 Por ti só resta succumbir ainda,  
 Morrer, no olvido, de alegria e dôr!

Julho de 1863

## ÉS TRISTE

---

E's triste: E's linda. A tristeza,  
N'essa face debuxada,  
Tem os traços mysteriosos  
Da belleza de uma fada.  
Oh! que és triste quando, ao peito  
A meiga face inclinada,  
Como que timida escutas  
A voz de pungentes luctas  
Que em intimo arfar se expande!  
Oh! que és linda quando, ao grande  
Desalento que tens n'alma,  
Te brotam, em doce calma,  
Essas tão sentidas lagrimas,  
Perolas mimosas, bellas,  
Que veem, s'escoam e passam,  
E se t'imbebem no seio,  
Como se houveras receio  
De perder alguma d'ellas!  
Oh! que és linda porque és triste!  
Tens os traços da belleza  
De uma fada, que ha tristeza  
No teu divino pallor...  
Mas d'essa tristeza suave  
Que nos cantos tem cada ave,  
Que a açucena tem na cor!

E's triste e eu amo-te assim  
 Que a desgraça me fez triste;  
 Que senti, como sentiste,  
 Para ser tão triste emfim.  
 Amo-te, lyrio risonho,  
 Mas como se adora um sonho  
 Que vem sympathico e bello,  
 Triste, vago, mysterioso...  
 Que o fugir-lhe... era perdê-lo,  
 E que o pedir-lhe mais gozo...  
 Fôra o mesmo que matar-o!  
 Amo-te de amor, que o abalo  
 De paixão desordenada  
 Não pode volver ao nada,  
 Nem roubar-lhe o mago encanto!  
 Amo-te de um amor santo,  
 Como se ama a sensitiva  
 Que ao beijo do seu amante  
 Se recolhe convulsiva,  
 E emmurchece, e morre, e pende!  
 Este amor é mais subido;  
 Sei que o mundo o não entende  
 Por que só lhe implora olvido!  
 Porque evita a luz do dia,  
 E não lhe esmola prazeres,  
 E não lhe pede alegria!  
 Quer a noite—a noite escura;  
 Nutre-se em si; da tristeza  
 Que ha em nós, que em nós o temos;  
 Vem das sombras na espessura;  
 Dos prantos que ambos vertemos

Purifica-se nas chammas!  
 E eu amo a noite sentida  
 Que é mãe d'este amor tão nosso...  
 E'tu, flor celeste e pura,  
 Amas a noite, não amas?  
 Oh! sim—de noite, querida,  
 Que nos dê o sentimento  
 Uma só, a mesma vida,  
 Um só, mesmo pensamento,  
 Um unico amor emfim...  
 Que eu sou triste, como és triste,  
 Que eu senti, como sentiste,  
 Para ser tão triste assim,

Anjo triste melancolico.  
 N'um arroubo de poesia,  
 Presta-me essa melodia  
 Que o senhor aos anjos deu:  
 Deixa-a estremecer nas cordas  
 Da lyra que cante e gema,  
 E n'esse canto recordas  
 Todos os cantos do ceu!  
 Cinge-me do teu diadema  
 De tristeza, que é divino,  
 Dá-me o teu perfume, flor,  
 E faze que, em meus cantares,  
 Seja cada nota um hymno,  
 Seja cada hymno um poema  
 De triste... de triste amor!  
 Cantemos a maga estrella  
 Que tão doce luz projecta,  
 Que te fez a ti.. tão bella!  
 Que me fez a mim... poeta!

## A ROSA

Inda ha pouco eu dizia: «é um deserto  
A vida para mim; e eis-me a passar  
Qual vae no oceano immenso o nauta incerto  
Sem nunca uma outra vela deparar;

Que sem uma só ter d'illusões bellas  
Que ao peito dão calor, n'alma põem luz;  
Sou triste como a noite sem estrellas,  
Mais triste do que a sombra de uma cruz!»

Hoje porém, a fronte erguendo, os olhos  
Em gratidão suprema elevo aos ceus  
E vejo flores onde via abrolhos,  
E tudo é bello como os olhos teus!

Ai, Rosa, dize como te occultaste,  
Em que jardim, sem atraiçoar-te a côr,  
E a côr e o aroma para mim guardaste  
Adivinhando já o meu amor?!

A \*\*\*

N'UM SOUVENIR

---

Perdão, meu anjo, perdoa:  
Quasi manchei a corôa  
Da innocencia que em ti vês;  
Bem sei:—fui louco, imprudente;  
Mas de um remorso pungente  
E' presa o louco talvez!  
Vivias indifferente,  
Sósinha, mas, descuidosa,  
Esse teu perfume, rosa,  
Trahiu-te, e perdeu-me, flor;  
O teu olhar, qu'irradiava  
Tão limpida luz, lançava  
No meu peito a ardente lava  
De um intenso, fundo amor;  
E confessei que te amava.  
Fallei-te nova linguagem  
N'ella a attrahente miragem  
De uma paixão te pinte;  
Subi muito; cahi logo —  
E se tinha ateado o fogo  
Eu só n'elle me abrazei!

Olhei-te a fronte serena  
Como a candida açucena  
Que balouça a viração.  
Tive remorsos então!  
Bem-hajas que só me ouviste  
Sem m'entender; não mediste  
Nem do meu crime a extensão!  
Mal sabes que historia triste  
Eu te fazia antever!  
Ia turbar-te o repouso  
Co'a sombra vã do prazer,  
Co'a falsa imagem do gozo;  
Encadear-te ao soffrimento;  
Ia fallar-te de amor!  
Mas o amor é o tormento,  
Nutrem-o prantos e dôr,  
E' o inferno dentro d'alma,  
Febre immensa que se acalma,  
Só á sombra de uma cruz  
Que nos vela a sepultura!  
Vive, pois, para a ventura:  
Guarda, rosa, o teu perfume,  
Guarda, estrella, a tua luz.  
Se nas ancias do ciume  
Rasgado o peito senti;  
Se soffri, se soffro ainda,  
Se a esperança sonhei linda  
E fugil-a depois vi;  
E se das noites no seio  
Velo, padeço, pranteio,  
Tu... dorme, sonha, sorri!



## AOS TEUS OLHOS AZUES

---

Vivo da luz de teus olhos  
Como agora viverei,  
Se era amal-os um destino  
Se perdê-os uma lei?!  
A vida n'elles me fica,  
E que vou morrer... bem sei!

São azues, serenos, languidos,  
Amava-os com frenezim,  
Qu'importa se não fitassem  
Os lindos olhos em mim,  
Se n'um doce enlevo d'alma  
Vivia d'elles assim?!

Sinto que o inferno me davam  
Com serem da côr do ceu;  
Mas quem nunca viu uns olhos  
Pelos quaes enlouqueceu?  
E quanto mais me perdia  
Mais queria aos olhos eu!

Triste magua de deixal-os  
Ora só me restará;  
E que eu não vira os teus olhos,  
Que os não amara, oxalá!  
Nem o amor que houve por elles  
E' amor que morra já!

Ha lembranças que não findam  
Nem á sombra de uma cruz;  
E na lousa fria... fria,  
A que a sorte me conduz,  
Nos raios talvez me aqueça  
De teus olhos inda a luz!

## CANDIDA

---

Candida pomba que presentes n' alma?  
Ai, dize, ó anjo, que mysterios são?  
Não tens no peito a perturbar-lhe a calma  
Delirio vago, incomprehensivel, não?  
Inda não sabes o que sentes; creio-o.  
Depois que o fogo te abraçar o seio  
A chamma intensa t' o dirá então.

---

## O CORSARIO

---

Vae, galera, não pares, que é tarde,  
Inimigas galeras lá veem;  
Se as evitas dirão que és cobarde,  
Se não faltas, tu vences tambem!  
Vae, galera, que nem me recordo  
De tão linda vogares ahi,  
O corsario tu levas a bordo  
Que em ti vive, contigo, por ti!  
    O combate e a victoria são perto,  
    Quem a palma nos hade arrancar?  
    Que harmonia no rude concerto  
    Que as procellas entoam no mar!

Sou proscripto; tu, pobre, és proscripta,  
Que nos venham aqui dar a lei;  
Que no oceano, que em furia se agita,  
E's rainha, galera, eu sou rei!  
D'este peito que em chammas escalda  
Quer o fogo na guerra crescer;  
Tu a frente orgulhosa engrinalda  
Que mais louros lhe vamos colher.  
    E das aguas no immenso deserto  
    Morte ou gloria nos cumpre buscar!  
    Que harmonia no rude concerto  
    Que as procellas entoam no mar!

Já outr'ora cedi ao impulso  
 De fatal e mentida paixão:  
 Por uns olhos sentia convulso  
 Pullular este meu coração.  
 São loucuras! mas uma por uma  
 Já o tempo ao olvido as lançou!  
 Vae, galera, entre os frocos d'espuma  
 Prôa ao ponto em que a honra acenou!  
     Quem o perito não hade render-t'ó  
     Quando o som do canhão ribombar?!  
     Que harmonia no rude concerto  
     Que as procellas entoam no mar!

Pela patria nutri dentro d'alma  
 Santo amor, santas crenças; pois bem —  
 Renegou-me; e eis a febre se acalma,  
 Não adora a uma ingrata ninguém!  
 Foi então que nas ondas que espalhas  
 Vim mais livre da vida fruir;  
 E as victorias contei por batalhas,  
 Ninguém ouve o meu nome a sorrir!  
     Sopra o vento fagueiro mais certo:  
     Vae, galera, é desdouro cançar.  
     Que harmonia no rude concerto  
     Que as procellas entoam no mar!

Do corsario és, galera, querida  
 Que outro affecto o não pode prender  
 Se em ti só se resume esta vida  
 Comigo hasde abraçada morrer!  
 Pelejar quanto é bello não sente  
 Quem o sangue sentiu parar já,  
 Vae, galera, em ti vae um valente  
 E a peleja te aguarda de lá!

O guerreiro pendão que te offerto  
 Qu'impudente hade impune tocar?!  
 Que harmonia no rude concerto  
 Que as procellas entoam no mar!

Pelo dorso das ondas deslisa  
 Já lá vejo as bandeiras hostis;  
 Não t'esqueças da nossa divisa,  
 Não acurves de medo a cerviz!  
 Só os fracos desmaiam de susto  
 Da metralha ao solemne fragor:  
 Não se alquebra este braço robusto,  
 Não lhe foge na lucha o vigor!

Aos contrarios nas aguas aberto  
 O sepulchro lhes vamos cavar!  
 Que harmonia no rude concerto  
 Que as procellas entoam no mar!

Com que nuvem de balas espessa  
 Te saudaram, galera, que vens:  
 Não respondes; galera, depressa?  
 Já canhões em teu seio não tens?  
 Entre o fumo que os ares povôa  
 E o clamor que um guerreiro seduz,  
 Tristo o archanjo de morte revôa  
 Com seu facho de pallida luz!  
     Não sou chefe na guerra inexperto  
     Heide o sangue com sangue lavar!  
     Que harmonia no rude concerto  
     Que as procellas entoam no mar!

Que soccorro aos que fogem se presta?!  
 Mais galeras, mais vinte; - não vês?  
 Oh! malditas! traição manifesta!  
 E's galera, vencida talvez!  
 Jorram sangue as feridas mais fundas;  
 Nem o peito ás feridas poupei!  
 Tu, galera, coitada te affundas;  
 Mas a morte que temos vinguei!  
     D'estes olhos o brilho é incerto;  
     Nunca mais heide ovindo folgar  
     A harmonia do rude concerto  
     Que as procellas entoam no mar!

## PAIXÃO RAPIDA

---

Eu tinha-te sonhado. Eras  
Candida, pomba do ceu,  
Das minhas aureas chimeras  
A que mais d'alma eu queria,  
A que menos m'esqueceu!  
Tinha-te sonhado. Havia  
No meu anjo dos meus sonhos  
Uns curtos labios risonhos  
Qu'illuminava o sorriso  
Em que vejo tu mostrares  
A entrada do paraizo;  
Um olhar, d'esses olhares  
Onde assoma, onde pullula  
A seiva do sentimento;  
Um longo, ondeado cabelo,  
Do mais negro e do mais bello.  
Um talhe esbelto flexivel  
Como a hastea da flor que ondula  
Que se dobra até ao chão  
Ao brando sopro do vento  
Na voz o magico accento;  
Que penetra ao coração,  
Que nunca de balde passa,  
Triste, harmonico, indolente  
Como que ao ceu me arroubava.  
E um não-sei-que que se sente



Que dizer-se, não, não sei.  
Era um dom que fascinava,  
Uma harmonia, uma graça,  
No olhar, no rosto, na falla,  
Que toda de ti s'exhala,  
Que só em ti encontrei.  
Tinha-te sonhado. Achei-te!  
Que delirio! Vi-te e amei-te,  
Que eras tu a casta flor  
Por quem me fôra volvida  
A consciencia d'esta vida  
Que me brotou n'este amor!

Loanda...

## CEGO ?

---

Densa nevoa, triste fumol  
Que noite espessa, meu Deus,  
Em que eu vagava sem rumo  
Não vendo terra, nem ceus!

Gasta a vista de meus olhos  
Tudo escuro para mim,  
No caminho sempre abrolhos,  
E o caminho sem ter fim!

É que eu vi cair no abysmo  
Do nada tanta illusão,  
Vi desfolhar o cynismo  
Tanta flor do coração,

Vi tanta crença perdida  
Que immorredoura julguei,  
Vi nas miserias da vida  
E vi tanto... que ceguei!

Depois... nevoas, nuvens, fumo!  
Por sorte me dera Deus  
Vagar perdido sem rumo  
Não vendo terra nem ceus!

Eis que as sombras luz divina  
Que de teus olhos partiu  
Fende; e tudo se illumina,  
Tudo em torno me sorriui!

A vista volveu-me, e agora  
Sinto que verei melhor,  
Se essa luz indica a aurora  
Do brilhante sol do amor!

Mas vê bem, que tal lampejo  
Dá vida ou morte, vê bem—  
Por isso tanto o desejo,  
Tanto o receio também!

Se de mim não mais o levas  
Tudo é bello! renasci!  
Nem acredita nas trevas  
Quem só acredite em ti!

Matar-me-ha o soffrimento  
Mal o veja escurecer,  
Se me deslumbra um momento  
Para depois s'esconder!

Consente pois que eu insista  
Que no encanto d'esse olhar  
Ou nunca mais perco a vista,  
Ou vou de todo cegar!

Devo crê-la a derradeira  
Illusão que em mim brotou?  
Ou bemdizer a cegueira  
Que para ti me levou?

Falla, ó anjo, foi sómente  
Acaso tanto fulgor?  
Ou quiz dizer como ardente  
Respondia ao meu amor?

---

## DESESPERANÇA

A' EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup> D. M. J. F. FREIRE

---

Cala-te; oh! cala! — Não medes  
D'essa palavra a extensão!  
Que lhe imploras? que lhe pedes?  
No ulcerado coração  
Deita algum balsamo a perfida?!  
Não, que o não pode. Não creio.  
Abre, expande o casto seio  
A' fê que a Deus nos conduz!  
Pois se a fronte curvas languida,  
Como hãode ver os teus olhos  
Que ha flores entre os abrolhos,  
Que das trevas sae a luz?!

Cala-te; oh! cala! — A maldita  
Como que indaa sinto aqui;  
Como que em torno se agita,  
Vem e passa, passa e ri!  
Proclama-a de balde, fervido,  
O falso orgulho dos sabios;  
Mas, se de um anjo nos labios,  
Desfere cordas fataes,  
É o veneno a que a duvida  
N'alma desabrocha e lavra!  
Essa funesta palavra  
Não m'a digas nunca mais!

Desesperança?! — Que immensa  
 Vertigem te fez cair  
 Por momentos na descrença  
 Do passado e do porvir?  
 Em ti percebes os frêmitos  
 De uma anciedade convulsa  
 Em que lateja, em que pulsa  
 A seiva do teu viver,  
 E a desesperança tetrica  
 Invocas do abysmo fundo  
 Sem pensares que no mundo  
 Desesperar é morrer!

Cala-te; oh! cala! — Um desgosto  
 Não te arraste á perdição;  
 Leve embora o pranto ao rosto,  
 Mas não gele o coração!

Soffre; chora: — o soffrimento  
 E' do ceu tambem um dom;  
 A's vezes salva o tormento,  
 Soffrer, ás vezes, é bom.

A idéa da magua é forte  
 Laço que prende ao viver;  
 Só a descrença é a morte,  
 Só não-sentir é morrer!

Que o desalento se afaste  
 De teus dias, pura flor,  
 Brota a vida no contraste  
 Dos prazeres com a dôr!

N'esta rapida passagem  
 Chorar ou rir eis a lei:  
 Qual precise mais coragem  
 Quem chora ou quem ri não sei.

Do mais sombrio lethargo  
 Pode-se á luz despertar:  
 Nem todo o pranto é amargo,  
 Nem todo o riso é gozar!

Demais, se a alegria foge  
 Chame-a a esperança louçã,  
 Que depois do dia de hoje  
 Ha o dia de amanhã!

Vamos. Descança o braço no meu braço.  
 Comigo sobe d'esse outeiro á crista  
 Que, ao valle sobranceiro, se ergue altivo,  
 Contempla em que agonia a natureza  
 Parece contorcer-se. O sol descora  
 Lá no extremo horisonte. Nem um raio  
 As sombras fende que se juntam perto.  
 Simelha um luminoso globo de oiro  
 Involto em crepe funebre. Sacode  
 O rijo vento a coma da floresta,  
 Despenha ao chão os fructos. Nas vertentes  
 Da placida montanha acodem eccos  
 De lugubres gemidos. Pelo prado  
 As flores se debruçam convulsivas  
 Na hastea mimosa que se verga ao peso  
 De gottas de agua gélida. O relampago  
 Deslumbra por momentos. Na voz cava  
 Apregoa o trovão a tempestade.  
 Da harpa da terra se despedem notas  
 De um canto que é lamento soluçado  
 Ao triste aproximar das horas tristes!

Pois bem. A natureza não desmaia  
 De susto ou desconforto. O sol esplendido  
 Hade brilhar ainda. A aragem suave  
 Esvoaçará lasciva entre as ramadas  
 Dos álamos frondosos, e os suspiros  
 De terna, melancolica toada  
 Segredará no espaço á meiga rola  
 Que ora trépida foge. Os seus perfumes  
 Rescenderão as flores balouçando-se  
 Ao perpassar d'emanções balsamicas.  
 E accents de harmonia mysteriosa  
 Se fundirão no cantico festivo  
 Que ao Creador a criação envia!

Mais tarde bramirão novas tormentas,  
 Novos dias de paz virão mais tarde,  
 Da mesma duração faces diversas  
 Que aponta, que distingue o mesmo scelo  
 De aspiração bebida no infinito!

Da vida a imagem aqui tens, é esta.  
 Cadeia eterna de que luz e sombras  
 São elos que alternados seguem sempre.

Qu'importa pois que ao passado  
 De prodigo prometter  
 O presente deslebrado  
 S'esqueça de responder?  
 Qu'importa se as doces palpebras  
 Cerraste n'um ledo sonho  
 Que disportando risonho  
 Inda não viste, não vês?  
 Qu'importa? — socega: a divida  
 De amor que a ventura afaga  
 Em amor hade ser paga  
 Pelo futuro talvez!



Se a terra não te offerece  
 A visão dos sonhos teus,  
 E porque o mundo s'esquece,  
 Cuidas que s'esquece Deus?  
 Não. Se vem mais tarde a auréola,  
 Que elle aos sens anjos medita  
 É em raios infinita  
 De duradouro fulgor!  
 Se no começo luz pallida  
 Uma existencia allumia,  
 Quantas vezes presagia  
 Claro sol d'infindo amor!

Desesperança?! — É pois esta  
 Que t'encaminha ao porvir?  
 Louca palavra funesta!  
 Não a queiras repetir!  
 Sacode-a do teu espirito,  
 Apaga-a que a idéa é negra!  
 Verás como a crença alegre  
 Se invocada surge ao pé.  
 Suma-se a mesquinha, a perfida!  
 Corta, despe um vão receio,  
 Abre, expande o casto seio  
 Aos alentos de outra fé!

Mas se um dia nos meus versos  
 Tu a vires assomar,  
 Se aos pobres em pranto immersos  
 Do meu pranto resvalar;

Se me ouvires uma phrase  
Vibrada em ancia cruel,  
Em que ao desgosto se case  
Da desesperança o fel;

E' mēntira. Esquece-a logo.  
E' só do poeta a cruz  
De devorar-se no fogo  
Que lhe é fogo, sem ser luz.

E inda assim na dôr extrema  
Hade a esperança volver,  
E renegando a blâsphema  
Eu conto, ó virgem, morrer!

Janeiro, 1865

## A' MORTE DE GARRETT

---

Como é a vida! Ha pouco inda no'cumulo  
Da gloria, do prazer, e do esplendor!  
Agora eil-o baixando ao pó do tumulo  
Sem alento, sem vida, sem calor!  
Do tempo ao mudo acceno o cedro tomba,  
Das azas perde o alvor candida pomba,  
E pende murcha a flor!

Que tão curto da vida seja o imperio,  
Tão curta a duração da flor louçã,  
Que seja tão solemne esse mysterio  
Em que o porvir s'involve, sombra vã,  
Que ao genio, que hoje nasce, hoje possamos  
Render sorrindo o preito, e que tenhamos  
De choral-o amanhã...

E' triste, mas é lei! Ao sacrificio  
A fronte engrinaldada offereceu,  
Não mostra, sol no occaso, um só indicio  
De que ante as sombras o valor perdeu,  
Mas freme o peito e o labio balbucia  
O nome de uma filha que não via,  
Que em vida estremeceu!

E quem de nobres sensações tão avido  
 Por ellas os cantares afinou;  
 Quem pelo amor e a gloria foi impavido  
 Colher as verdes palmas que ceifou;  
 Quando um sopro de vida só lhe resta  
 N'um affecto o resume e n'elle attesta  
 Quanto sentiu e amou!

Descança, que o logar que tens na historia  
 O conquistaste para nós tambem;  
 Um raio a teus irmãos da tua gloria  
 Dourar de luz immensa acode e vem!  
 Comtigo compartimos do teu brilho,  
 E a patria para quem foste bom filho  
 Hade ser boa mãe!

De perto vela a flor que a debil hastea  
 Inclina mais e mais ao prantear  
 A morte de seu pae. Tu, só, deixaste-a;  
 Mas, orphã, hade affectos encontrar!  
 E' tua herdeira e basta. Um vão receio  
 Que não tente, pungindo-te inda o seio,  
 Teu repouso turbar!

De um hospital na enxerga nunca o livido  
 Cadaver de um Camões pousará mais;  
 Que brilha mais radiante, que é mais vívido  
 Este sol que não viram nossos paes!  
 Morre o grande poeta e não consome  
 Aíngratidão as lettras do seu nome,  
 Seus cantos colossaes!

Flores em torno á lousa onde a materia  
Caiu, e a foi gelar lethal turpor!  
Porque a alma, essa fugiu-te e foi, aérea,  
Viver n'um mundo cheio d'explendor,  
Em que a luz vivifica e resplandece  
Em que uma nuvem só não escurece  
O limpido fulgor!

## PROTESTO

A PROPOSITO DE UNS VERSOS PEDIDOS PARA UM ALBUM

---

Não, que os versos não farei.  
N'um livro em que toda a gente  
Diz o que sente e não sente,  
Jura no que escreve e mente,  
Não, que o nome não porei.

N'este livro sim. E' teu.  
Escuta-me, ó virgem, olha,  
Percorre-o folha por folha;  
Vê, attenta em cada verso,  
Que estes sim que t'os dou eu.  
Se um ou outro som disperso  
De uma suave melodia  
Te lembrar coisas do ceu,  
E' que é do ceu a poesia,  
E por mais que se transforme  
Dos homens na phantasia,  
Nos estos de orgulho informe  
Ou de férvida vertigem,  
Sempre attesta a sua essencia,  
Sempre mostra a sua origem!  
Se uma phrase afortunada  
Calar na tua existencia  
Como estrophe adivinhada

D'esse poema secreto  
 Que nos sonhos te sorri,  
 O meu triumpho é completo!  
 Esconde-a bem no teu seio  
 Que, n'um mysterioso enleio  
 Foi escripta para ti!

Recebe pois qualquer canto  
 Que te commova, por quanto  
 Crearam só a miragem,  
 De que t'encante o fulgor,  
 O ceu e tu:--luz e imagem,  
 Estro e fórma, aroma e flor!

Crê-me. A's vezes, na anciedade  
 Vaga, nova, indefinida,  
 Que nos eleva da vida  
 Ao intimo arroubamento  
 De estranha melancolia,  
 Que nem é felicidade  
 Nem dôr, prazer nem tormento,  
 Nem sonho nem realidade,  
 O teu retrato e o teu nome  
 Me passam na phantasia,  
 E surgem á claridade  
 De um maravilhoso dia!  
 E um e outro sinto e vejo,  
 Nem me rala ou me consome  
 O frenesim do desejo  
 Que nos dá por mel absyntho;  
 Que um e outro vejo e sinto  
 Como preludio dos bellos  
 Canticos do coração,  
 Como o termo aos meus anhelos

Que se cumpre silencioso,  
 Como o descer vaporoso  
 Da promettida visão!  
 E é de balde que a razão  
 Chega n'um sorriso frio  
 E condemna o desvario  
 Que suppõe n'esta paixão;  
 Nem despe o aspecto sombrio  
 Pois julga ser-lhe uma offensa  
 De tamanho affecto a crença  
 Por quem nunca vi, ó flor,  
 Embora! — Adeja a esperança,  
 Vive, folga, não se cança  
 Nos prodigios d'este amor!

D'este mysterio a existencia  
 Eu não cahi na imprudencia  
 De ao teu livro a revelar;  
 E inda bem que tive medo;  
 Porque, lá, feita em segredo  
 Ia-se a muitos contar!

Aqui sim. — Em ti só cabe  
 Offensa ou perdão. Não sabe  
 Um estranho a que isto vem:  
 Que é um livro assim lançado  
 Para o mundo, por seu fado,  
 De todos e de ninguem!



Comtigo possa em segredo  
Longas horas conversar  
Este mysterio, e mais ledo  
Mais risonho dispontar  
Explendido o sol que anceo!  
N'estes versos, no meu seio  
Teu nome gravei, ó flor;  
Inteira escute eu ao menos  
N'esses teus labios serenos  
A sagração d'este amor!

Se no teu livro contudo  
Versos meus teimas em ter,  
Como já te disse tudo  
Que dos mais quiz esconder,  
Posso-te outros escrever.

## O ANNEL NUPCIAL

---

### I

Do povoado os sinos tangem,  
É de festa o repicar;  
Acorda em festa o castello,  
O castello de Alidar.

Vestem os pagens de gala  
E cada qual mais loução,  
As damas fino brocado,  
Sedas e oiro o castellão.

É que a filha d'este nobre,  
D'este fero lidador,  
Que de cem villas no assalto  
Assignalou seu valor;

E' que Leonilda a mais bella  
Perola que a Hespanha tem,  
Vae render-se a dom Remualdo  
Amante e esposa tambem:

Dom Remualdo o' moço intrepido,  
 O cavalleiro gentil,  
 O terror, o espanto, o assombro  
 De toda a moirisma vil;

Que nas pedras derrocadas  
 Das cidades que venceu  
 Co'a ponta da curta adaga  
 O illustre nome escreveu;

Que da victoria os segredos  
 Um por um conquistou já,  
 Mas em novas correrias  
 Se tem andado por lá;

Deve chegar ao castello  
 N'este dia em que o amor  
 Vae entre os louros que traga  
 Uma açucena depôr.

E Leonilda, a virgem casta  
 Que n'alma comprehende enfim  
 O sentido mysterioso  
 Das trovas que ao bandolím

Cantava no seu eirado  
 Se, á noite, involta n'um veo,  
 Saudava, estrella da terra,  
 As mais estrellas do ceo;

O noivo que, anciosa, espera  
 A seus pés anhela ver,  
 E em pudibundos desejos  
 Deixa o seio estremecer!

Castellão, Leonilda, pagens,  
 Formosas damas sem par,  
 Todos acordam em festa  
 No castello de Alidar.

## II

No zenith o sol radiante  
 Como qu' instantes parou,  
 Vae o dia em mais de meio  
 E Remualdo não chegou.

Sol de julho! luz que cega!  
 Quieta dorme a viração,  
 Em sêde se abraza a terra,  
 Parece o campo um vulcão.

Leonilda e mais tres donzellas  
 Que a seu lado folga em ter,  
 Pelas escadas marmoreas  
 Eisl-as ao parque a descer.

Esvoaçam por sobre a relva  
 De que se cresta o verdor,  
 E na alameda opulenta  
 Se resguardam do calor.

Eisl-as vão, em febre o peito,  
 Por entre o bosque a passar,  
 A frescura á sombra pedem,  
 E a mesma sombra a escaldar!

Vão correndo, vão cançando,  
 Manso fallar, manso rir,  
 De aves o vôo e gorgieio  
 Como que sabem fingir.

Mas que luz! que sol d'estio!  
 Quieta dorme a viração,  
 Em sêde se abraza a terra,  
 Parece o campo um vulcão!

Oh! como o lago é formoso  
 A que chegam d'esta vez!  
 Em torno bellas estatuas,  
 Dentro d'agua a limpidez.

Retiro escuso, suavissimo  
 Que sonhara alguma houri,  
 Para um banho de alvas pombas  
 Talvez escondido alli!

— «Ao lago todas!» — Leonilda  
 Eis ás companheiras diz,  
 E o manto arroja depressa  
 Desnuda as fórmãs gentis,

Mas ao lançar-se nas ondas  
 No dedo o anel percebeu  
 Que a Remualdo destinara,  
 E de perdê-lo tremeu!

— «Deus, o meu anel de nupcias  
 Conto m'ó hasde restituir!»—  
 Passa-o n'um dedo de Apollo,  
 Começam todas a rir!

Em flocos de branca espuma  
 Ellas mergulham a par:  
 Que doidejar de creanças!  
 Que ledas nymphas do mar!

Mais o banho se prolonga,  
 Como é suave, como é bom!  
 Nas ameias do castello  
 Do clarim eis parte um som.

Dom Remualdo se aproxima,  
 É o ajustado signal  
 Que Leonilda sobressalta,  
 Da lymphá a rouba ao crystal.

As tranças de ebano enxuga,  
 Sobe-lhe á face o carmim,  
 A' pressa ajusta as roupagens  
 De oiro e candido setim.

Como a ligeira gazella  
 Para o castello ascendeu,  
 Só viu quando era nas salas  
 Que o seu annel lhe esqueceu!

## III

Vae já no fim o banquete,  
 E que luzido que foi!  
 Festejava dom Ramiro  
 Em Remualdo filho e heroe!

Referve o licor nas taças,  
 Transborda vivida emfim  
 A alegria e espalha as flores  
 Sobre a mesa do festim.

Mostra Remualdo a Leonilda  
 Que, indomavel campeador,  
 Os extremos de finezas  
 Sabe das lides do amor.

Mas vae no fim o banquete,  
 Tambem o sol a expirar,  
 E já da santa capella  
 Os lumes ardem no altar.

Da mesa ao templo onde os noivos  
 Devia a benção prender,  
 Do templo ás salas, ás danças,  
 Ao infinito prazer!

Dom Ramiro brada: — « á egreja! » —  
Era ao programma fiel,  
Quando a formosa Leonilda  
Se lembra do seu anel.

Não quer que tal prenda falte  
Que na capella a dará;  
Mas confessar o segredo,  
De esquecel-o... o não fará!

Desce, portanto, sósinha,  
E no parque se perdeu,  
Já fica longe a alameda,  
Já o lago appareceu.

Perto da estatua de pedra  
De Apollo, parou, sorriu,  
Mas tentando o anel tirar-lhe  
Vê que o anel lhe resistiu.

Crê que s'illudiu, forceja,  
Mas de balde, mas em vão,  
Quanto mais o anel procura,  
Mais a estatua fecha a mão!

Delira, crava na pedra  
A vista dos olhos seus,  
Julga pairar um sorriso  
Nos labios do falso deus!



Treme, fuge espavorida,  
 Livida a igreja assomou;  
 Mas tudo alli era festa  
 Em tal ninguem attentou!

## IV

Volteia lubrica a dança  
 Pelo espaçoso salão,  
 Passam rapidos os pares,  
 Cada par uma visão!

No ar se casam perfumes  
 Do festejo ao ruido, á voz,  
 Nem a musica emmudece,  
 Uma harmonia, outra apoz!

Os olhos de dom Ramiro  
 Com pranto fulguram mais,  
 N'um pae de muitos affectos  
 São as lagrimas signaes!

Nos encantos de Leonilda,  
 N'aquelle encanto que é seu,  
 Dom Remualdo bebe, aspira,  
 Sonha, goza a vida, o ceu!

Nem do anel n'esse momento  
 Se quer Leonilda lembrar,  
 Que hade tudo no outro dia  
 Ao esposo confiar.

Nobres damas, cavalleiros  
 Leva, envolve o turbilhão;  
 Passam rapidos os pares,  
 Cada par uma visão!

Horas succedem ás horas,  
 A luz emfim desmaiou;  
 Os brandões são quasi extinctos,  
 Meia noite já passou.

Dispersa se em breve a turba,  
 Cessa a festa que seduz  
 Enquanto aos seus aposentos  
 Remualdo a noiva conduz.

Como elle caminha altivo,  
 Palpita de ardente amor!  
 Mas o rosto da donzella  
 Tinge-o tímido rubor.

A virgem sente que aos risos,  
 Que por ora ainda tem,  
 Seguem-se os risos d'esposa,  
 Seguem-se aos d'esta os de mãe!

## V

Horas são de no castello  
 Se dormir até manhã,  
 Apenas velam esculcas  
 Na famosa barbacã.

Eram os noivos no quarto,  
Ambos juntos, ambos sós,  
Elle tremia em desejos,  
Leonilda perdera a voz!

Porém quando aos labios d'ella  
Quiz os seus o moço unir,  
Rumor confuso e sinistro  
Creu de perto distinguir.

É caso estranho de certo!  
Se em silencio tudo jaz  
Os desertos corredores  
Acordar assim quem faz?

Alguem que chega:—pesados  
Lugubres os passos são;  
Como que as vigas estalam,  
Como que vacilla o chão.

Tudo freme em torno;—a porta  
Do quarto em lascas saltou,  
E a branca estatua do lago  
Para o leito caminhou.

As cortinas despedaça,  
Remualdo longe caiu,  
E a fria estatua de pedra  
Taes palavras proferiu:

—«Eu venho colher as flores  
Da corôa virginal,  
Nem quiz faltar ao convite  
Do teu annel nupcial.

A tão bella desposada  
Fui leal, aqui me tem;  
E os esponsaes d'esta noite  
Não perturbará ninguem!» —

Disse. e da pobre Leonilda  
Logo alli se deita a par:  
O seu aspecto era hediondo,  
A sua voz de assombrar.

Nos dois braços vigorosos  
O debil corpo enlaçou,  
E a donzella semimorta  
Ao seu contacto gelou!

. . . . .

De novo se ouviu mais tarde  
Da madrugada ao romper,  
Aos mesmos passos pausados  
O chão do quarto ranger!

## VI

Que alarido no castello!  
Que gemidos não vão lá!  
Choram Ramiro e Remualdo,  
Que foi isto? o que será?

Este áquelle conta o caso  
 Mas mal entende o que diz;  
 Sobre o leito as brancas roupas  
 Cobrem Leonilda infeliz.

Vê-se que a triste morrera  
 N'uma anciedade cruel,  
 Inda nos dedos crispados  
 Apertava o seu annel!

Pae e noivo enlouqueceram.  
 Perderam na mesma dôr  
 Um o esteio da velhice,  
 O outro o seu primeiro amor,  
 . . . . .

Do povoado os sinos tangerem,  
 É funebre o seu dobrar ;  
 Acorda em luto o castello,  
 O castello de Alidar!

## VII

Donzellas, que noivos tendes,  
 Decoraæ esta canção,  
 Da desditosa Leonilda  
 Aproveitæ a lição.

Sabei que o annel do noivado  
 —Donzellas, escutæ bem!—  
 Só ao esposo se entrega.  
 Não se confia a ninguém!

---

## A' GLORIA

---

La gloire est vite abattue.  
L'envie au sanglant flambeau  
N'épargne cette statue  
Qu'assise au seuil d'un tombeau.

VICTOR HUGO

Ao longe, na doirada phantasia,  
No berço o que sonhaste, hoje o que vês?  
Que luz distingues tu na luz do dia?  
Que sons da noite escutas na mudez?  
Suor e pranto ás faces porque enxugas?  
Porque dissipa um riso á fronte as rugas!  
Porque vives e crês?

Mancebo, se percebes na tua alma  
A ancia de sempre erguer-se, de voar  
A's altas regiões que indica a palma  
Que ao vulgo nunca pôde disporar,  
Eu sei o nome á febre que devora  
Teu peito, o nome á sêde abrazadora  
Que buscas saciar!

Isso que s'insinua brandamente  
 Até se unir do sangue ás pulsações,  
 Idéa do porvir a que o presente  
 Immola sem piedade as ambições,  
 Que diz que ha para além mais de um thesouro,  
 E que ora se transforma em thronos d'ouro,  
 ( ra em ledas visões:

Nuvem do anoitecer e d'alvorada  
 Que ás vezes finge timida vestal,  
 A's vezes a bacchante desgrenhada  
 Ou deusa em pé no carro triumphal,  
 Que, nuvem, prisma, e luz, e flor, e aroma,  
 Se chega, passa, volta, foge, assoma  
 Milagroso fanal;

Mancebo, tem cautela! Isso é a gloria,  
 Phantasma que reveste gala ou dó,  
 Palavra que enche as paginas da historia,  
 Idéa que a uma vida basta só,  
 Fructo de que o sabor não mais s'esquece,  
 Ou corpo que ao contacto nos aquece,  
 Ou cadaver e pó?

De longe te sorri, mas no sorriso  
 Das promessas quem sabe a que é fallaz?  
 Nem vê-a é sempre entrar no paraizo,  
 Nem todo o seu lampejo é luz de paz!  
 O facho de serena claridade  
 Tambem apega á chamma a intensidade  
 De um incendio voraz!

Sorri-te, estende os braços, crês-la perto  
 E ao tocar-lhe no manto a vês fugir:  
 É cortado de abysmos o deserto  
 Que entre os dois s'interpõe, e hasde seguir.  
 Para o que as palmas immortaes lhe pede  
 Ha tempo de, ao cansaço, á ardente sêde,  
 Sem alentos cair!

Cada passo que dás, um sacrificio  
 Sem que a coragem t'estimule alguem!  
 Aqui passar de rojo um precipicio,  
 Salvar outro de um salto mais além;  
 E o sangue a gottejar pelos caminhos,  
 Pedacos d'alma e corpo nos espinhos  
 D'essa terra que é mãe!

Loucura! Ella enlouquece! Ella fascina  
 E zomba dos que perdem a razão:  
 Atraz da mesma fama perigrina  
 Se arrojam dois em furia, correm, vão,  
 Em cada um crêras ver um insensato,  
 Mas dá-se áquelle o nome d'Erostrato,  
 E este é Napoleão!

Glorial por quantos, que diversos trilhos  
 Ao monte d'empinados corucheus  
 Chegam heroes ou martyres seus filhos!  
 Para uns só no futuro aponta os ceus,  
 Sobre outros logo a benção se derrama:  
 De Spartaco o sepulchro cobre a lama,  
 E o de Cesar tropheus!



Treme cada degrau do augusto solio,  
 Ninguem, ao ascender, firme se crê:  
 É dando a toga ao ar do Capitolio  
 Que o Graccho n'um punhal a morte lê,  
 É junto do luzeiro que o illumina  
 Que, indo, tropeça e cae na guilhotina  
 O illustre Chénier!

Depois... enquanto se não chega ao termo  
 Da estrada promettida, com que horror  
 Tu sentirás morder-te o seio enfermo  
 A atra calumnia d'infernal furor!  
 O pé resvala s'esmagar s'intenta,  
 E povoará a serpe peçonhenta  
 Teus dias de amargor!

Depois... a inveja, a vil, a infame, a negra,  
 Que a intriga e que a calumnia procreou,  
 Que passa, que doideja, que se alegra  
 Ao acerar das chagas que rasgou,  
 Que beberá contigo á mesma taça,  
 Que tudo em ti, prazeres e desgraça,  
 Maldisse e envenenou!

Que dormirá contigo, e te desperta  
 Só quando o despertar é de afflicção,  
 Que onde menos a julgas mais é certa,  
 A's vezes nos abraços de um irmão,  
 Que em torno o pedestal te mina lenta,  
 E apenas finge, e mal, que te lamenta  
 Se te lançou no chão!

Que para t'illudir cada esperança  
 Excede-se e requinta em malvadez,  
 Que só te não persegue, não te alcança  
 Do cemiterio na glacial mudez,  
 Pois tudo o que de grande tu creaste  
 Pelo quê, á morte, de crear deixaste  
 Te perdoará talvez!

Verdade de hontem que é mentira de hoje  
 A gloria nos parece em seu altar.  
 Manceho, se inda é tempo, escuta: foge!  
 Da tua amante aos pés vae-te ajoelhar,  
 Da vida nos seus labios colhe as rosas,  
 Que alli tens as corôas mais viçosas  
 Que valha conquistar!

Mas se a fé com que marchas é intonsa  
 E crês que pelo ceo dada te foi;  
 Se a gloria t'imprimiu a nobre crença,  
 Essa que tudo faz, tudo destroe;  
 Caminha vamos e do pô da estrada  
 Levanta a frente, em sangue ou coroada,  
 Sé martyr ou heroe!

Janeiro—1865

FIM

# INDICE

---

Perdida . . . . .	1
De branco . . . . .	5
A Camillo Castello Branco . . . . .	8
A voz d'ella . . . . .	13
Duvida e crença . . . . .	14
A Julia . . . . .	20
Fogo e frio . . . . .	24
Borboleta negra . . . . .	25
Maria . . . . .	28
A uma senhora . . . . .	44
Flor da Africa . . . . .	45
Morte d'alma . . . . .	47
Morte do corpo . . . . .	51
A duas jovens interessantes senhoras . . . . .	55
A sultana . . . . .	57
Ausencia . . . . .	64
Para recitar ao piano I . . . . .	68
A uma joven e excellente pianista II . . . . .	70
Porque não sentes? III . . . . .	71
IV . . . . .	73
A Carlos Andrade Mendoga . . . . .	75
Um conselho . . . . .	79
A Camilla . . . . .	82

Ao crepusculo . . . . .	84
Verdades . . . . .	89
Chora. Ri. . . . .	98
A vida . . . . .	100
No album da ex. <sup>ma</sup> sr. <sup>a</sup> D. M. C. C. C. e V. . . . .	104
N'uma orgia . . . . .	106
Ao meu amigo F. X. de Novaes. . . . .	111
Aos teus olhos . . . . .	114
A Loanda. . . . .	115
O doido . . . . .	119
Por ti. . . . .	123
A caçada do diabo . . . . .	126
Desalento. . . . .	131
No album da ex. <sup>ma</sup> sr. <sup>a</sup> D. M. C. D. B. N. . . . .	140
Ao mar . . . . .	143
Adeus a Lisboa. . . . .	147
Regresso . . . . .	149
Uma lagrima no tumulo de * * * . . . . .	152
Despedida. . . . .	155
A uma creança . . . . .	159
Morrer? ! . . . . .	161
És triste . . . . .	163
A Rosa . . . . .	166
A * * * . . . . .	167
Aos teus olhos azues . . . . .	169
Candida. . . . .	171
O corsario . . . . .	172
Paixão rapida . . . . .	176
Cego . . . . .	178
Desesperança . . . . .	181
A' morte de Garrett. . . . .	187
Protesto. . . . .	190
O anel nupcial . . . . .	194
A' gloria . . . . .	206

## ERRATAS MAIS NOTAVEIS

Por vêr-te o genio profundo—lêa-se—Por vêr-te o genio fecundo — pagina 11, verso 12. — E ainda, e sempre a lucta!—lêa-se — E ainda, e sempre a luctar!—pag. 14, verso 7.—Arrastando — lêa-se — Arrostando — pag. 15 verso 21.—Menti acaso missão—lêa-se — Menti acaso á missão—pag. 17, verso 30.—Por fixar na hastia sagrada —lêa-se—Por fixar na hostia sagrada—pag. 18, verso 7. — Eu olhrva—lêa-se—Eu olhava — pag. 20, verso 11. — A que eu vi...—lêa-se—A que eu via... — pag. 21, verso 14.—A quem—lea-se—A que—pag. 25, verso 6. — D'extrema angustia a mofino—lêa-se — D'estrema angustia, mofino—pag. 27, verso 7.—Não o jurava a mentir?—lêa-se—Não o jurava a mentir.—pag. 38, verso 8. —myrrada—mirrada—pag. 41, verso 17.—Mas reviver-me que hade—lêa-se—Mas reviver-me quem hade—pag. 44, verso 9. — Não achareis — lêa-se — Não acháreis — pag. 55, verso 5.—Crereis—lêa-se — Crêreis—pag. 55, verso 7.—Se é mais cara, e só completa — lêa-se—Se é mais cara, é só completa — pag. 64, verso 23.— E este amor inda mais préos—lêa-se — E este amor inda mais prézo—pag. 65, verso 12.—da floresta a cama—lêa-se—da floresta a coma—pag. 68, verso 3.—Que fui—lêa-se —Que foi—pag. 86, verso 10. — Nas vagas ondulaçõea —lêa-se—Nas vagas ondulações—pag. 91, verso 18.—Freis já — lêa-se — Ereis já — pag. 95, verso 26.— Na phantasia s'niflamma—lêa-se—Na phantasia s'inflamma —pag. 102, verso 16.—Que ancantos—lêa-se—Que encantos—pag. 102, verso 20.—que se inebria—lêa-se—que se enebria — pag, 111, verso 19. Cuspi acerbto — lêa-se— Cuspi acerbo—pag. 122, verso 6.—Sem encantos da poesia—lêa-se—Sem encantos de poesia — pag. 140, verso 16.—se não rterata—lêa-se—se não retrata —pag. 147, verso 10.—Que um anjo faz a—lêa-se—Que um anjo faz ao—pag. 161, verso 16—Quem o perito—lêa-se—Quem o preito—pag. 173, verso 9.—ovindo—lêa-se—ouvindo — pag. 175, verso 22.—Ao brándo sopro do vento—lêa-se—Ao brando sopro do vento,—pag. 176, verso 20.—Na voz o magico accento;—lêa-se—Na voz o magico accento — pag. 176, verso 21. — Porque dissipa um riso á fronte as rugas!—lêa-se—Porque dissipa um riso á fronte as rugas?—pag. 206, verso 21.

# OBRAS

DE QUE A. J. F. LOPES É EDITOR,

E SE VENDEM

NA SUA LOJA, RUA AUREA N.º 132 E 134

Panorama, semanario de instrucção e litteratura, fundado em 1837. Uma collecção de 15 vol.,... ..	22:000	Pedro. d. em 5 actos, 2.ª ed. 1 vol. 8.º fr.....	300
Encadernada.....	27:000	A Pobreza envergonhada, d. em 5 actos com prologo, 1 vol. 8.º fr. ....	480
Illustração Luso-Brazileira. periodico universal, collaborado por muitos escriptores distinctos. Tem completos 3 vol., em papel.....	11:600	Canticos. 1 vol. 8.º fr.....	720
Encadernados.....	13:600	Alva Estrella, d. em 5 actos....	300
Historia dos festejos reaes por occasião dos desposorios de S. M. el-rei o sr. D. Pedro v. Um folheto com 10 gravuras.....	200	F. SOARES FRANCO	
M. M. B. DU BOCAGE		Sermões, 4 vol. 8.º fr. contendo 48 Sermões.....	1920
Obras completas, colligidas, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas d'um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por Rebello da Silva, 6 vol. ....	4:320	ANTONIO DE SERPA	
BARRETO FEIO		Dalila, d. em 4 actos e 6 quadros 1 vol. 8.º fr.....	400
Eneida de Virgilio. traducção com o texto latino, 3 vol. ....	2:880	Casamento e Despacho, c. em 3 actos, 1 vol. 8.º fr.....	320
LIMA LEITÃO		F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO	
Natureza das Coisas, poema de Tito Lucrecio Caro, traduzido do original latino para verso portuguez, 2 vol. 8.º.....	800	Chronica da Rainha D. Maria II. (completa) 3 vol. em folio....	6:750
Medicina Legal, por Sédillot, 2.ª edição augmentada de notas, 2 vol. 8.º fr.....	1:200	1640 ou a restauração de Portugal, facto historico em 4 actos 7 quadros e um prologo.....	300
REBELLO DA SILVA		Minhas Lembranças, poesias.....	500
Fastos da Igreja, historia da vida dos Santos, ornamentos do Christianismo, com censura e auctorisação do patriarchado, 2 vol. 8.º fr.....	960	LOPES DE MENDONÇA	
A Mocidade de D. João v, c. d. em 5 actos.....	480	Memorias de litteratura contemporanea, 1 vol. 8.º fr.....	720
Othello ou o Moiro de Veneza, t. em 5 actos, imitação — 1 vol. 8.º fr. ....	300	Lições para maridos, c. em 3 actos 1 vol. 8.º fr.....	400
MENDES LEAL JUNIOR		L. A. PALMEIRIM	
Os Homens de Marmore, d. em 5 actos, 2.ª ed. 1 vol. 8.º fr.	360	Poesias, 4.ª edição, correcta, 1 vol. 8.º fr.....	660
Homem de Ouro, d. em 3 actos, (continuação dos Homens de Marmore) 1 vol. 8.º fr. ....	300	Dois casamentos de conveniencia, c. em 3 actos, 1 vol. ....	360
A Herança do Chanceller, c. em 3 actos em verso, 1 vol. 8.º fr.	400	Como se sobe ao poder, c. em 3 actos, 1 vol. 8.º fr.....	400
		O Sapateiro d'escada, c. em 1 acto, 1 vol. 8.º.....	160
		A Domadora de feras, c. em 1 acto, 1 vol. 8.º fr.....	160
		A. CEZAR DE LACERDA	
		Um Risco, c. em 2 actos.....	160
		Scenas de familia, c. em 2 actos.	320
		A Duplice existencia, c. em 4 actos.....	240
		A Probidade, c. em 2 actos e 1 prologo, 2.ª ed.....	300
		Os Filhos dos trabalhos, J. em 4 actos.....	360
		Uma Lição de florete, c. d. em 3 actos.....	180
		Trabalho e honra, c. em 3 actos	300
		A Aristocracia e o dinheiro, c. em 3 actos.....	300

Coração de ferro, d. phantastico em 5 actos.....	300
O Chale de Cachemira, comedia em um acto, por Alexandre Dumas. Traduzida livremente por A. Cesar de Lacerda.....	120
E' perigoso ser rico, comedia em um acto.....	160
As joias de familia c. d. em 3 actos.....	300
<b>MENDES LEAL ANTONIO</b>	
Poesias, 1 vol.....	500
Abel e Caím, c. em 3 actos.....	240
Uma Victima, d. original em 3 'actos.....	160
Dôr e Amor, c. d. em 3 actos... ..	200
<b>J. D'ABOIM</b>	
A' tarde entro a murta, comedia em 3 actos.....	250
O Recommendado de Lisboa, c. em 1 acto.....	80
O Homem põe e Deus dispõe, c. em dois actos.....	120
As nodoas de sangue, d. em 3 actos.....	160
Cada louco com sua mania, c. original em um acto.....	100
<b>I. M. FEIJOO</b>	
Camões do Rocio, c. em 3 actos. A Torre do Corvo, d. em 4 actos e um prologo.....	400
Carlos ou a Familia de um Avarento, c. em 4 actos.....	240
Pedro Cem, c. em 5 actos.....	300
Remechido, o Guerrilheiro, d. em 3 actos.....	300
<b>E. BIESTER</b>	
Um Quadro da vida, d. em 5 actos.....	480
A Redempção, c. d. em 3 actos. Duas epocas da vida, c. em 2 actos.....	240
Uma viagem pela litteratura contemporanea.....	200
As obras de Horacio, imitação, comedia em um acto.....	120
Um homem de Consciencia, c. em 2 actos.....	160
O Maestro Favilla, drama em 3 actos.....	200
<b>ALFREDO HOGAN</b>	
As Brasileiras, c. d. em 3 actos. Ninguém julgue pelas apparencias, c. d. em 3 actos.....	360
Os Dissipadores, c. em 4 actos..	400
E' melhor não experimentar, c. em 1 acto.....	200
Memorias do Coração.....	240
A Irmã de Caridade, c. em 2 actos.....	160
Duas mulheres da epoca, romance contemporaneo.....	240
O Marido no Prêgo, c. em um acto.....	160

Já não ha tolos!... c. em um acto.....	80
Não desprese sem saber, c. em um acto.....	120
O Colonô, c. d. em 3 actos.....	160
Segredos do Coração, c. d. em 3 actos.....	200
O Juizo do Mundo, c. d. em 3 actos.....	240
A Mascara Social, c. d. em 3 actos.....	200
A Pelle do Leão, c. d. em 3 actos. A Roda da Fortuna, c. d. em 3 actos.....	160
Nem tudo que luz é ouro, c. d. em 3 actos.....	200
O dia 1.º de Dezembro de 1640, c. heroica, original em 3 actos. O ultimo dia dos Jesuitas em Portugal, drama original historico portuguez em 8 quadros 4 actos e um epilogo.....	200
<b>JULIO CESAR MACHADO, E</b>	
<b>ALFREDO HOGAN</b>	
A Vida em Lisboa, c. d. em 4 actos.....	300
Primeiro o dever! c. d. em 3 actos.....	160
<b>F. EVARISTO LEONI</b>	
Genio da Lingua Portugueza... ..	1:800
<b>J. C. DOS SANTOS</b>	
O Segredo d'uma Familia, c. em 3 actos.....	240
O Pae prodigo, comedia em 3 actos.....	200
O Homem das Cautelas, c. em 2 actos.....	200
Gil Braz de Santilhana, comedia em 3 actos.....	180
Maria, ou o Irmão e a Irmã, c. em 3 actos.....	180
Uma chavena de chá, c. em um acto.....	120
Convido o coronel!!... c. em um acto.....	100
A Herança do tio Russo, c. em 3 actos.....	220
<b>HENRIQUE VAN-DEITERS</b>	
Poesias, 1 vol.....	360
Os moedeiros falsos, c. d. original em 3 actos.....	160
Dois cães a um osso, c. em 1 acto. Não envenenes tu, a mulher qui-proquo em 1 acto.....	120
Scenas intimas, comedia-drama em 1 acto.....	100
<b>JOAQUIM AUGUSTO DE OLIVEIRA</b>	
A Corôa de Carlos Magno peca magica de grande espectaculo em 4 actos 1 prologo, e 21 quadros, formada sobre a lenda=	
Les quatre fils Aymon.....	320
A Costureira, c. em um acto....	160
Erros da Mocidade, c. em 3 actos.	160

A ave do Paraizo, comedia-magica em 20 quadros, formando 3 actos . . . . .	360
O paraizo perdido, ou a creação e o Deluvio, peça biblica em 1 prologo, 3 actos, e 1 epilogo, formando 21 quadros. . . . .	366
<b>MANUEL ODORICO MENDES</b>	
Opusculo ácerca do Palmeirim de Inglaterra e do seu autor no qual se prova haver sido a referida obra composta originalmente em portuguez. . . . .	200
<b>I. DE VILHENA BARBOSA</b>	
Cidades e villas da Monarchia Portugueza que teem Brasões d'Armas: 3 vol. 8.º fr. (com estampas lytographadas). . . . .	3:000
<b>JULIO CESAR MACHADO</b>	
A esposa deve acompanhar seu marido, c. em um acto. . . . .	140
O Capitão Bitterlin, c. em um acto. . . . .	140
<b>ARISTIDES ABRANCHES</b>	
Stambul, c. em 3 actos e 9 quadros. . . . .	300
A mãe dos escravos, d. em 4 actos. . . . .	200
Como se descobrem. . . mazellas, c. em 1 acto. . . . .	120
Trovoadas de maio, c. em 1 acto. . . . .	160
Os dois pescadores, c. em 1 acto. . . . .	80
Nem todo o mato e oregãos, c. em 1 acto. . . . .	160
<b>J. R. CORDEIRO JUNIOR</b>	
Amor e arte, drama em 3 actos. . . . .	220
O Arrependimento salva, drama em um acto. . . . .	100
Fernando, comedia-drama em 4 actos. . . . .	200
<b>J. I. DE ARAUJO</b>	
A princeza de Arrentella, tragedia burlesca em 3 actos. . . . .	160
A Sombra do Sineiro, tragedia burlesca em 3 actos. . . . .	200
Um Bico em Verso, scena comica. . . . .	60
O Principe Escarlato, tragedia burlesca em 2 actos em verso. . . . .	180
Um homem que tem cabeça; c. em um acto. . . . .	100
Ultimos momentos d'un Judas; entre-acto tragico-burlesco. . . . .	80
<b>JOSÉ BENTO D'ARAÚJO ASSIS</b>	
O segredo d'uma esmola, c. d. em 2 actos. . . . .	180
As duas paixões, c. em 1 acto. . . . .	120
Deus nos livre de mulheres, c em um acto, ornada de coplas. . . . .	120

<b>J. A. DE MACEDO</b>	
A Creação, poema pelo P. José Agostinho de Macedo. . . . .	120
<b>OBRAS DE DIVERSOS AUCTORES</b>	
Reflexões sobre a lingua portugueza, 2.ª ed. . . . .	720
Cirurgia e medicina 1 vol. . . . .	360
Camôese o Jão, scena dramatica. . . . .	100
Adições ao Manual do Tabelaço. . . . .	200
Rudimentos de economia politica, para uso das escolas. . . . .	200
Monitoria secreta ou instrucções secretas dos padres da companhia de Jesus. . . . .	80
E' já ministro? aventuras de um Anastacio. . . . .	80
O Mentor da mocidade. . . . .	170
Ensaios poeticos. . . . .	60
Um viagem á Inglaterra, Belgica e França. . . . .	120
Anjo, Mulher, e Demonio, c. d. em 2 actos. . . . .	200
Amor e Amizade, e. em um acto. . . . .	80
O amor e o Dever, c. em 3 actos. . . . .	240
Amor virgem n'uma peccadora, c. em um acto. . . . .	160
A Cruz, drama em 5 actõs. . . . .	320
29 ou Honra e Gloria, comedia de costumes militares em 3 actos. . . . .	300
Tudo no mundo é comedia, c. em 3 actos. . . . .	200
A Conversão d'um Agiota, c. em 2 actos. . . . .	160
Graziella, drama em um acto. . . . .	100
Os dois irmãos drama em 4 actos. . . . .	200
Guia do povo para escolher uma medicina, 1 vol 8.º fr. . . . .	400
As Primaveras—Poesias por Casemiro Abreu, 2.ª ed. 1 vol. . . . .	500
Brios Militares, c. d em 1 acto, por J. A. A. Machado. . . . .	100
Origem, e orthographia da Lingua Portugueza, por Duarte Nunes de Leão Nova ed. em 1864. 1 vol. . . . .	500
Memorias da minha vida, recordações das minhas viagens; por Josefina Neuville. 2 vol. . . . .	1200
Dois contos por dia, comedia em 3 actos. . . . .	160
Contos de toda a especie. . . . .	400
A victima d'uma orgia, romance. . . . .	120
A caixa de Pandora. . . . .	450
Tres grandes genios. . . . .	360
Os Animaes Fallantes, por Caste, traduzidos em portuguez, em 26 cantos, 2 vol. . . . .	1200
As Primeiras Inspirações, por Ernesto Marecos. . . . .	600

## NO PRELO

Chronica dos Reis de Portugal, por Duarte Nunes de Leão.  
 Elucidario das palavras e termos que antigamente em Portugal se usaram por Santa Rosa de Viterbo.



12  
ONE  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22  
23  
24  
25  
26  
27  
28  
29  
30  
31  
32  
33  
34  
35  
36  
37  
38  
39  
40  
41  
42  
43  
44  
45  
46  
47  
48  
49  
50  
51  
52  
53  
54  
55  
56  
57  
58  
59  
60  
61  
62  
63  
64  
65  
66  
67  
68  
69  
70  
71  
72  
73  
74  
75  
76  
77  
78  
79  
80  
81  
82  
83  
84  
85  
86  
87  
88  
89  
90  
91  
92  
93  
94  
95  
96  
97  
98  
99  
100



89006166524



b39006166524 a



89006166524



b89006166524 a